

1902

ANNO XVI

REVISTA

— DO —



TRINTEIO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Dirigida por—José da Silva Vieira

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES



ESPOZINDE—1902-1903



A' venda na redacção d'esta Revista,

PREÇO AVULSO 1:500 REIS



REVISTA DO MINHO

REVEREND AND HONORABLE

REVISTA DO MINHO

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Director—José da Silva Vieira


XVI ANNO DE PUBLICAÇÃO




REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
ESPOZENDE
1902-1903

Historia da poesia popular portugueza

(EXCERTO)

A criação do *Condado portucalense* desmembrando-o da Galliza, desde o rio Minho até ao Douro, tendendo a alargar as suas fronteiras até ao Mondego, assegurou a Affonso VI a incorporação castelhana d'esse estado, enfraquecendo-lhe toda a resistencia para recuperar a perdida autonomia, ficando desde 1073 reduzida á condição mesquinha da provincia. Dividido o Condado portucalense em 1109, era como um complemento da repressão do movimento separatista da Galliza em 981; mas este novo territorio, apesar da sua exiguidade, era impellido pela corrente dos acontecimentos para a aspiração á *autonomia*, no meio das luctas separatistas dos Estados peninsulares. A nacionalidade de Portugal constituida pelo filho do Conde Dom Henrique sob a fórmula de monarchia, era a revivescencia de uma tradição *lusitana* abafada desde a occupação romana, e obliterada sob os dominios germanico e arabe. Foi esse o movel que coadjuvou a conquista aos sarracenos de todos os territorios até Lisboa, dando assim condições de estabilidade ao novo estado. Da tomada de Santarem ficou o ecco dos cantos populares no refrem da canção trobadoresca:

Ay sentirigo! ay sentirigo!
Al e Alfanz, e al seserigo.

O trovador faz sentir a antiguidade do refrem quando diz:

E non sey ome tan entendido
Que m'oj'entenda o porque digo:
Ay sentirigo! ay sentirigo!
Al e Alfanz e al seserigo!

E em outra canção apparece o mesmo refrem já mais abreviado:

Pero eu vejo aqui trovadores,
Señor e lume d'estes ollos meus,
Que troban d'amor por sas señores,
Non vej'eu aqui trovador, por Deus.
Que m'oje entenda o porque digo:
Al e Alfanz e al seserigo.

(*Trov. e Cant.*, n.º 119 e 120)

Pela victoria do Campo de Ourique em 1139, o reconhecimento da independencia do novo estado impoz-se em 1143, terminando toda a suzerania a Castella pela conquista do Algarve por D. Affonso III. A nacionalidade firmada agora no primitivo solo lusitano, revivescia nas suas qualidades ethnicas; e o genio da raça,

as expedições marítimas e mercantis, das tribus ligúricas, apparecia nas expedições do norte de Africa sob o governo de D. João I, o eleito da soberania popular, e nos descobrimentos do Mar Tenebroso, com que Portugal inicia a Era das Descobertas da America e do caminho marítimo da India. Por este encontro da sua missão historica, a Nacionalidade portugueza transformou o seu territorio de simples appendice da Hespanha em uma das primeiras potencias do mundo. O *lusismo* contrapôz-se ao *iberismo*, mantendo sempre a autonomia portugueza contra a absorpção castelhana. O sentimento nacional era a base da estabilidade portugueza; corrompeu-o, obliterou-o nas almas era ferir de morte este povo, como resultou da pressão catholica inquisitorial e jesuitica. A tradição era o nexo affectivo, que, na grande dispersão pelo mundo, dava convergencia á Patria portugueza, da qual dizia Camões com emoção religiosa: «Esta é a ditosa patria minha amada.» D'este asserro á tradição escrevia Verney, em 1747: «Sei que a maior parte dos homens vive mui satisfeita dos estilos e singularidades do seu paiz; mas não sei se ha quem requinte este prejuizo com tanto excesso como os Hespanhoes e Portuguezes. . . » O seculo XVIII não comprehendia esta sympathia do povo pela sua tradição, mas a ella deve-se a conservação de elementos vitaes do passado. Os povos, como diz Augusto Comte, necessitam de uma synthese ou de um sentimento commum, que lhes dê a consciencia da sua unidade. Portugal teve esse sentimento intimo, que desde a Edade média até hoje o tem separado da incorporação hespanhola, mau grado as

tentativas ibericas dos seus governantes. Esta faixa territorial *lusitana*, ampliando-se pelas suas conquistas na Africa, pelas descobertas marítimas no Atlantico, America e Asia, abriu á humanidade, com a posse do globo, o inicio da era pacifica scientifica e industrial. A consciencia de uma missão historica, de um fim humano, como tiveram Israel e a Grecia, levou este povo a embalar-se no sonho do *Quinto Imperio do mundo*, um messianismo historico que alentou Portugal sob a annexação castelhana. A historia d'este Povo não é tão explicavel, pela narrativa dos feitos dos seus grandes homens, como pela vitalidade das suas tradições em que se apoia a resistente tenacidade em todos os meios cosmicos. Foi o povo portuguez, que antes do seu Poeta nacional esboçou a Epopéa do seu genio maritimo.

Referindo-se á vulgarisação das tradições troyanas e das peregrinações de Ulysses na peninsula hispanica, escreve Strabão os seguintes factos, que a critica moderna esclarece: «Não só na Italia se eucontram passagens d'essas historias, senão tambem na Iberia existem mil vestigios de taes expedições, assim como da guerra de Troja.» (Liv. III, c. II, § 12.) O insigne historador litterario J. J. Ampère, considerava o romance popular portuguez da *Bella Infanta*, cu da volta do Cruzado, como um vestigio do thema do Regresso de Ulysses; e dirigido pelo seu criterio, o romance *Não Catherineta* é o symbolo das terriveis aventuras do mar, cuja emoção foi avivada na época dos temerosos naufragios da carreira da India, mas pertencendo a essa primitiva tradição ethnica do lusitano, e dizemos lusitano, porque pode-

mos revocar este thema da *Não Catherineta* para uma idade anterior á existencia de Portugal; ali apparece este tremendo episodio da antropophagia, que Tacito, na *Vida de Agricola*, ao descrever a pirataria dos Usienses, que devastavam a Bretanha, referiu: «algumas vezes repellidos, foram reduzidos pela fome a comerem primeiramente os fracos, de entre elles, depois *aquelles a quem cahia a sorte*. Depois de terem assim circumdado a *Bretanha*, perderam os seus navios por não os saberem governar...» No romance portuguez ha o mesmo quadro:

Ha sete annos e um dia,
Sobre as aguas do mar!
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar,
Botaram sola de molho
Para ao domingo jantar;
A sola era mui dura
Não a poderam rilhar,
Botam sortes, á ventura
A qual haviam matar?
A sorte cahiu em preto
Ao Capitão general.

Cant. do arch. aç., p. 287.)

Nunca nos horrosos lances descriptos nas relações emocionantes da *Historia tragico-maritima* transparece um vislumbre de tentativa de antropophagia; vê-se que o thema é de uma persistencia tradicional de uma idade anterior á nossa historia moderna. As observações do geographo Strabão em relação ao conhecimento das lendas odysseicas e das lendas troyanas no occidente da Europa receberam uma luz nova nos estudos archeologicos contemporaneos; Cailleux na sua obra *Poesias de Home-*

ro feitas na Iberia, e descrevendo não o Mediterraneo mas o Atlantico, synthetisa a conclusão: «Que os dois poemas de Homero são inteiramente extranhos ao Mediterraneo: que a *Illiada* descreve uma antiga guerra feita na Bretanha pelos povos do continente; a *Odyssêa* é uma descripção do paiz e da região dos antigos Celtas (sc. Ligures.) Em outro trabalho, *Os Paizes atlanticos descriptos por Homero*, tambem chega á conclusão, que: «Os paizes descriptos por Homero são a *Bretanha*, a *Gallia*, a *Iberia* e todos os *Archipelagos do Atlantico*; a religião que indicam os dois poemas perpetua-se nas nossas crenças. «No seu outro livro sobre a *Origem da Civilisação*, resume no captulo final alguns dos seus pontos de vista; Ha já tres mil annos que possuímos a *Odyssêa*, e com esta guia na mão peregrinamos na bacia estreita do Mediterraneo, procurando infatigavelmente ilhas, praias, montanhas, povos, cavernas, portos que por alli não existem. Aonde a descripção do poeta nos aponta um golfo vamos encontrar um cabo; para chegar a um porto temos de singlar para a direita, e o porto fica á esquerda; uma ilha é annunciada como separada da costa por uma grande jornada de navegação, e nós avistamos a praia.» — «Plutarcho o Solino sem se deixarem desnoartear pelas ficções dos gregos, asseguram que a ilha de Ogygia, em que habitava Calypso, estava no Atlantico, a cinco dias de navegação da ilha da Bretanha; emfim, quando se começa a conhecer bem as regiões occidentaes, adquirem-se sobre os paizes homericos noções mais precisas.» Strabão cita em Hespanha uma cidade que tem o nome de *Odyssêa*, e na

qual se mostravam os restos do navio de Ulysses. . . Suidas, no seu Lexicon, falando dos nomes de Hesiodo e de Homero:—«Pretendem que pertenceram tanto um como o outro à nação dos Atlantes.» E este o nome do povo da civilisação bronzifera, que fez a navegação do oceano Atlantico, e que hoje se identifica com o povo da primitiva liga marítima os Ligure. Da persistencia das lendas odysseicas cita Cailleux a passagem de Claudiano (*In Rufinum*, liv. 1): «Ha nos confins da Gallia, sobre as bordas do Oceano, uma caverna em que Ulysses congregou para libações sangrentas as sombras dos mortos.» E tambem a passagem de Tacito, na *Germania*, em que a embocadura occidental do Meuse, *Helli. ostium*, tem o mesmo nome homerico de *Hellion*, e em que existia uma inscripção mencionando a passagem do heroe. Cailleux applica á confirmação d'este ponto de vista os seguintes principios: quando os *phenomenos physicos* descriptos, as *distancias dos logares entre si*, e a sua posição respectiva, não coincidem com nenhum logar do Mediterraneo e se adaptam ao Oceano Atlantico, verifica-se a realidade geographica que se conservara mal esboçada nas lendas conservadas dos escriptores antigos

Na *Illiada* vem citado o promontorio do Calpe, e o povo dos *Alizonas*, que outros não são senão «os *Luzones*, que habitavam as bordas do Ebro na nascente do Tejo, sobre os limites da nova e da velha Castella e do Aragão. «Vê-se que este nome nos precisa a forma de *Luso*; e que as relações phenicias modificando a designação geographica da *Lusonia* em *Lusitania* não é que deram o nome a esta região. Chega-se

ao elemento radical topologico: o nome *lez* significa, segundo Edwards, (nas *Recherches sur les langues celtiques*, p. 398) a borda ou margem. Os terrenos marginaes do Tejo tem ainda hoje o nome da *Leziria*; acham-se na Canção n.º 246, da colleção vaticana, empregadas as palavras *lez* e *leax* n'esse mesmo sentido de borda:

Vi eu mha madr', andar
às barcas en o mar
e moyro-me da'mor.
Fuy eu, madre, ver
as barcas en a *lez*,
e moyro-me d'amor.
As barcas en o mar,
e foil-as guardar;
e moyro-me d'amor.
As barcas en a *leax*
e foil-as attender,
e moyro-me d'amor. . .

Tambem se deu este nome *leus* às barcas costeiras, como se vê pelo manuscripto de Antoine Confians: «En la couste de l'Andalousie et de Granade a toutes ces manières de vaisseaux et autres barques, peschent de courail, presque sembables aux *leus* de genes, lesquelles barques s'appellent barques couraillères.» Não será phantasia applicar este mesmo radical *lez* a *Lisboa*, e a muitos logares da peninsula, como Lusaga, Lusera, Luson, Lusia, Lucenses; e na Aquitania Elusates, e Elisyees, um dos povos liguricos da Narboneza. Outra palavra apontada por Edwards, *lezen*, limite, condiz com o nome de *Lusones* dados aos povos do extremo occidente da Europa; e por este radical *lez* nos remontamos ao tronco dos Ligures, vivendo às bordas do Baltico; o grupo Lappo-finnico, Som-

ma-lassel, e Sabme-lads. Em uma barcarola do seculo XIV ainda se encontra:

Em Lisboa, sobre lo lez
barcas novas mandei fazer;
ay, mha senhora vellida.

(Cant Vat., n.º 754.)

O archeologo Martins Sarmiento, libertando-se da *illusão celtica*, tendo trabalhado com sinceridade sobre a origem ligurica dos lusitanos, publicou em 1887 a sua interpretação das lendas odysseaicas ou argonauticas, reivindicando para os exploradores do Oceano Atlantico os factos attribuidos por Homero aos gregos. No seu livro *Os Orgonautas*, conciliando os vestigios orphicos com o elemento tradicional conservado por Appolonio Rhodio, prova Martins Sarmiento que as lendas odysseaicas, passadas no Mar Egeo, no Euxino e na Colchida, só condizem com a extensão do Atlantico desde o Cabo Bojador até á Gran Bretanha; e reconstruindo as espedições dos organautas occidentaes, seria uma d'ellas partindo de Cadiz para o sul do Atlantico, costeando a Africa, ás Ilhas Afortunadas e á Madeira (Ogygia) e d'ali regressando a Tartesso. E tanto mais notavel o trabalho de Martins Sarmiento, quanto elle desconhecia as theses sustentadas por Caillieux dez annos antes, embora prejudicadas pela miragem celtica; mas não tirou toda a luz das suas descobertas, porque, tendo attingido a clara comprehensão do substratum ligurico, ainda concede aos Phenicios as iniciativas argonauticas dos nossos occidentaes. A persistencia das lendas chamadas homericas, na Hespanha, como o observou Strabão, foi

deturpada pelos eruditos da Edade média latino ecclesiastica, syncretizando os poemas gregos com a historia. Os chronistas Fredegario, Roricon, Warnefried consideravam os Frankos de origem troyana; tambem Eduardo III fundava a superioridade da Inglaterra sobre a Escocia nas suas origens troyanas; segundo o *Edda* de Snorre, são de origem troyana os scandinavos, ampliando estas origens a todas as nações modernas o celebre dominicano Anio de Viterbo, dando logar ás doutrinas seguidas por Fr. Bernardo de Brito da fundação de Lisboa por Ulysses, admittida pelos humanistas da Renascença, como vemos em Camões, dizendo de Ulysses: «Cá na Europa Lisboa insigne funda.» (*Lus.* VIII, 5.)

Theophilo Braga.

CURIOSO COSTUME—AS POMBAS

Lê-se na *Formosa Lusitania*, de Catharina Carlota Lady Jahason:

Não passemos todavia a adiante sem notar desde já um curioso costume, cuja origem desconheço, e que desde tempos antigos se conserva n'este mercado. (*) E' o caso que todos os annos na manhã de Natal costumam distribuir um abundante almooç de grãos ás pombas domesticas que apparecem aqui. Centos d'estas aves, dizem-me, acodem então e é altamente divertido ver-lhes dar de comer.

Consoante a creença popular, as pombas não só conhecem a usança mas o seu instincto ou antes a sua intelligencia é tamanha que lhes permite distinguir o dia de Natal de qualquer outro, de modo a reunirem-se em bandos para pitaça annual. Como se não pode suppôr que as pombas vivam muitos annos, esta informação é provavelmente transmitida de paes a filhos. Quanto a mim, confesso-me sceptica no assumpto, e, apezar de me affirmarem o con-

trario, estou convencida que as pombas são trazidas de proposito pelos seus donos.

(*) Esta praça é em Lisboa

LENDAS POPULARES DO SENHOR DE MATHOSINHOS

No cabeço do outeiro ergue-se o templo do «Bom Jesus» ou nosso Senhor de Mathosinhos. Conta a Lenda que a imagem d'aquelle nome, arrojada pelo mar tempestuoso, foi miraculosamente encontrada ha seculos, na praia; mas sem um braço. Tempos depois, uma velha pobre, quando andava á lenha entre os penedos da costa, encontrou um pedaço de pau, que muito lhe servia ao intento; mas sempre que ella punha a madeira no lume, na esperança de amanhar boa fogueira, elle recuava das chaminas, o borralho esmorecia, e o lume apagava-se de todo em todo. Pôz ella o pedaço de pau a secar ao sol; mas se o punha na lareira, o resultado era sempre o mesmo.

Isto alvoraçou-a como era de esperar. Foi em cata do padre e contou-lhe o estupefahendo caso. Examinado por elle o pedaço do lenho, esclareceu-se o mysterio immediatamente. Não admira que o lume lhe não pegasse, sendo a supposta lenha nem mais nem menos que o braço perdido de Nosso Senhor de Mathosinhos.

Foi grande o pavor da pobre mulher que se julgou criminosa do sacrilego acto. Todavia, como peccesra innocentemente, obteve absolvição, logo que o braço adheriu ao corpo mutilado. Uma imagem que por tal guiza triumphou das tempestades do profundo, com certeza se demonstrou protectora dos que vão ao mar em fóra. Occorreram varios milagres; propalou-se a fama, e para logo do perto e de longe confluíram peregrinos com votivos offertorios.

Faz-se a romaria na festa do *Espirito Santo*, á qual concorrem para mais de 35.000 pessoas. A sacristia da igreja abunda em hediondos paincis, figurando pavorosos naufragios e temestades. A imagem occupa lugar proeminente nos paincis. Quando a perdição parece irremediavel, o Senhor de Mathosinhos apparece a serenar borrascas, ou estender a mão aos submersos marinheiros, que o chamaram na sua angustia. Estão convictos d'isto os pobres honens e os votos que fizeram n'aquella hora affiita para se salvarem dos colmilhos das

ondas fielmente os depositam no relicario, chegado o dia da grande collecta. Aquellas pittorescas offertas, com aparvalhados distiscos, com quanto sejam absurdos e deploraveis producções, ainda assim fazem menos rir que condoer-se a gente d'aquelles escravos da lastimavel crenedio.

○ ESTORNINHO

O *Estorninho*,—historieta popular transcripta do antigo jornaal de Lisboa *Leituras Populares*:

«Um velho caçador tinha no seu quarto um estorninho que sabia articular algumas palavras.

Quando lhe diziam:

Onde estás tu, estorninho?

O passaro respondia logo:

—Estou aqui!

O filho de um visinho gostava muito de ouvir o estorninho, e ia muitas vezes visital-o.

Um dia entrou o pequeno no quarto, e não encontrou o caçador; deitou logo a mão ao passarinho, e metteu-o na algibeira.

Já ia saindo quando topou o dono da casa. Este, querendo fallar-lhe da graça que tinha o seu estorninho, chamou por elle, segundo o costume:

--Onde estás tu, estorninho?

E o passaro, que estava occulto na algibeira do pequeno ratoneiro, gritou com todas as suas forças:

—Estou aqui!...

CASTIGOS NA POLONIA

Antigamente na Polonia castigavam-se os calumniadores por um modo singular. O calumniador era

obrigado a deitar-se por terra em presença do senado por baixo d'um banco em que se assentava a pessoa cuja honra havia sido infamada.

Feito isto, o calumniador, n'esta posição, dizia em voz alta, *que tinha mentido como um cão*, quando espalhára os boatos e asserções injuriosas contra o offendido.

Acabada esta confissão publica e solemne imitava por tres vezes o ladrar do cão e erguia-se.

Os cantos populares dos Açores

Os modernos estudos da Ethnologia têm suscitado um grande interesse scientifico pelas tradições populares, conservadas inconscientemente nas camadas sociaes menos progressivas, como vestigio do estado primitivo de concepções e de instituições extintas ou mesmo de relações anthropologicas desconhecidas. Assim o grupo da população portugueza confinada no Archipelago açoriano desde o segundo quartel do seculo xv, se para o anthropologista merece especial interesse para fixar as suas differenciações do typo continental, os costumes, as dansas, os cantos lyrico e narrativo, os casos, as superstições do vulgo têm uma incomparavel valia, que, fazendo-se o paradigma com as tradições portuguezas do continente, resalta logo o facto da sua do immensa riqueza e pureza primitiva, resultante do isolamento insular.

No momento da colonisação açoriana dava-se na Europa, e consequentemente em Portugal, um facto simultaneo a quasi todos os paizes: uma assom-

brosa efflorescencia da Poesia popular denunciava um vigor, um estado social, que motivava essa expansão sentimental revelada nas *Canzone Strambotte* italianas, nos *Romanceiros* e Cancioneiros hespanhoes nas *Gweziou* da Bretanha, nas *Balladas* da Inglaterra e Escossia, nos *Volkslieder* da Alemanha, nas *Kampviser* scandinavos e nas *Chansons de toile* da França. Este facto notado por Mr. Gaston Paris, deu-se tambem em Portugal, e bem intensamente como se vê pelos cantos com que o povo idealizou o Santo Condestabre. Foi n'este momento histórico, que se effectuou a colonisação açoriana, de trabalhadores agricolas e fabris, tanto do Minho como do Algarve; e essas familias levaram consigo os seus cantares e festas religiosas, taes como a dos *Imperios do Espirito Santo*, quasi obliterada no continente.

Póde, portanto, considerár-se esse grupo açoriano como conduzindo a uma grande experiencia sociologica, pela qual conseguissem conservar através de quatro seculos em uma estabilidade flagrantemente todas as condições para reconstituir a ethnologia de Portugal no seculo xv. É sob o ponto de vista dos Cantos lyricos e narrativos que este problema especialmente nos interessa; porque, ao passo que em Portugal os Cantos e tradições populares, logo no seculo xvi caem em uma doentia obliteração symptomatica, elles mantêm-se com uma enorme vitalidade nos Açores. Quem abre a legislação de D. Manoel e de D. João III, vê condemnados com forte penalidade os descantes populares; pelas Constituições dos Bispados tambem foram severamente prohibidos os cantos nas egrejas, os Autos nas vigílias dos santos, e muitas orações foram escriptas para substituirem as canções tradicionaes. Mas não bastavam estes attentados da Côte

e da Igreja contra a poesia do povo, veio uma outra corrente desnatural-a, o gosto exclusivo pelos cantos da *letra castelhana*, como se vê pela queixa de Jorge Ferreira de Vasconcellos, lamentando o desprezo que se affectava por qualquer cantiga portugueza. Diante d'esta desnacionalisação systematica, que concorda com as ideias ibericas do rei D. Manoel, que desejava unificar sob uma mesma corôa as Hespanhas, é que se comprehendem os versos de Gil Vicente quando se recorda do antigo cantar e bailar do povo, e como de vinte annos para cá tudo são tristezas e—Jerémias é nosso tamborileiro. Este estado dos espiritos tornou-se mais sombrio quando os terrores da Inquisição depois de 1536, o fanatismo obcecador dos jesuitas desde 1542, levaram o povo portuguez a um mutismo lethargico, e a uma quasi inconsciencia do seu espirito de nacionalidade, a ponto de aceitar em 1580 o jugo de Philippe II com festas religiosas e arcos triumphaes.

É n'esta situação que a Poesia tradicional portugueza, com toda a sua riqueza do seculo xv, se conserva no isolamento do Archipelago Açoriano em uma immensa estabilidade prestando-se a um trabalho reconstructivo do nosso passado continental. Mas a intensidade da tradição poetica açoriana prolonga-se até à colonisação das provincias do Brasil no seculo xvi; os modernos estudos a que os investigadores brasileiros procederam colligindo Cantos populares n'aquella vasta região civilisada pelos portuguezes, taes como Celso de Magalhães, José Verissimo e Sylvio Romero, chegaram ao descobrimento que todos esses veios tradicionaes eram trazidos e vivificados pelos emigrantes açorianos. O facto hem se comprova, notando que no seculo xvi a tradição portugueza continental se obliterava, pelas causas já re-

feridas, e que a sua vitalidade no Brasil era uma revivescencia, como a do lyrismo da *Modinha*.

Estes aspectos historicos mostram-nos a altissima importancia que para o ethnologista apresentam os Cantos populares do Archipelago Açoriano: Dão-nos o estado da Tradição poetica portugueza no seculo xv, para o confronto da epoca da efflorescencia europêa, que coincide com a incorporação social do Terceiro Estado; dão-nos um ponto de partida para se conhecer a degradação a que foi levado o sentimento nacional no seculo xvi e seguintes; e prestando-nos riquissimos elementos comparativos para estabelecer a unidade das tradições poeticas entre Portugal, Hespanha, Italia, França meridional e Grecia moderna, abre-nos um campo novo de elaboração nos Cantos populares do Brasil, que precederem a formação d'aquella nacionalidade.

Cabe a Garrett, açoriano pelos paes e familia, a gloria suprema de ter iniciado a investigação do Romanceiro tradicional portuguez. Ninguem imaginava que o nosso povo tinha tanta riqueza poetica; os seus estudos, mais artisticos do que scientificos, exerceram a larga influencia de suscitar a attenção por esses cantares que eram considerados grosseiros e privativos da gente rudê. Olhando os pela pura feição esthetica Garrett prejudicou-os, mas venceu a indierencia das classes cultas por esses vestigios da nossa poesia nacional. A obra de Garrett é preciosa pela influencia suggestiva que exerceu; a exemplo do excelso iniciador aproveitámos a nossa situação na frequencia da Universidade de Coimbra (1862-1868) para investigarmos as tradições populares de todas as Provincias de Portugal; e depois da publicação dos nossos primeiros tres volumes do *Romanceiro e Cancioneiro geral por-*

tuquez, é que recebemos uma carta da ilha de S. Jorge, do Dr. João Teixeira Soares, datada de 2 de Novembro de 1867, em que nos escrevia: «Vivia ainda Garrett, quando nós propozemos recolher o Romanceiro popular cavalheiresco d'esta ilha, com o fim de lhe aproveitar nas subseqüentes edições do seu Romanceiro.

«Tinhamos empregado n'essa tarefa pouco tempo e exercido as investigações em uma pequena área quando a noticia de sua morte nos fez suspender o nosso trabalho; apesar d'isso reconhecemos, que o nosso Romanceiro popular da ilha, tinha uma extensão muito além do que em começo lhe supuseramos.—Vimos pelos jornaes, que V. se propunha a continuar a obra do grande Mestre. Deparando acaso com alguma parte do que havíamos recolhido recolhido resolvemos remettel-a a V.» Foi portanto ao estímulo de Garrett, que o Dr. João Teixeira Soares e eu realizámos a investigação e publicação dos *Cantos populares do Archipelago açoriano*, um dos mais opulentos thezouros da poesia tradicional portugueza. Na carta de 17 de Outubro de 1868 escrevia-nos aquelle illustre açoriano: «Sobre a publicação do Romanceiro açoriano permitta-me V. que exponha que elle é para V. além de outros motivos, um grande titulo de gloria por que é legitimo filho do seu *Romanceiro geral*; sem este elle nunca veria a sua publicação nem cresceria tanto em forças, e não seria tambem para a nação uma gloria a conservação das suas tradições poeticas por uma colonia filha legitima sua, quando essas tradições se acham em boa parte obliteradas e menos bem conservadas na mãe patria?» E em carta de 28 de Novembro d'esse mesmo anno, falla da riqueza d'esses veios insulanos:

«Os romances dos Açores pela rapi-

dez que os caracteriza estão ainda hoje n'um estado mui genuino, e têm mui pouco a corrigir em sua forma interna.

—Um das grandes bellezas do *Romanceiro geral* de V. está no numero de versões que offerece do mesmo romance. Garrett n'esta parte peccou, offerecendo uma só versão, e corrompida por vezes ridiculamente por variantes minimas. Em um vergel o agrupamento das arvores da mesma especie é muitas vezes de grande belleza. As flores, ainda que irmãs dão tanto mais formosura à arvore que as produz quanto maior é o seu numero; assim, as fructas, uma vez que o seu grande numero não prejudique a sua nutrição.

«Trago estes factos naturaes para sustentação da ideia do maior numero de variantes e versões, sempre que as haja e tenham rasão de ser.

«Sou apaixonadissimo por ellas.—

Se a riqueza de um Romanceiro consiste não só na variedade dos romances, mas na abundancia de versões de cada um, como creio, o Romanceiro dos Açores, merece por ambos estes factos, o epitheto de rico.» Aqui as versões revelam os themas provenientes de focos diversos, e as variantes as adaptações ás epochas que se vão seguindo. Por essa riqueza apontada pelo Dr. João Teixeira Soares, vê-se que a poesia popular açoriana, desde o seculo xv a xix, foi elaborada constantemente, transformando-se por uma evolução lenta em outras epochas em que nunca as transformações sociaes foram rapidas ou intensas. A poesia popular dos Açores conservou-se sem se ter esterilizado; é por isso que ali apparecem problemas ethnicos e historicos de alto interesse, a começar pelo titulo com que são conhecidos esses elementos tradicionais, a que chamam *Aravias* ou *Ora-vias*, e *Aravengas*. Esta designação não se relaciona com o nome dos Ara-

ões, mas com o do instrumento musical *Rabeb* (*Ayabeba*) ou *Arrabil*, a que eram cantados esses Romances tradicionais na Península hispanica. Da mesma forma a viola açoriana chamada *Braguinha*, e na Madeira *Viola de Braga*, conserva o nome do antigo instrumento *Rota de Brachio*, produzindo-se pela homophonia a illusão de se attribuir á cidade de Braga a originalidade d'esse instrumento, o que se não comprova. Nos Cantos açorianos conservam-se vestigios historicos, como o da morte do Principe D. Affonso, filho e unico herdeiro de D. João II, em cantares elegiacos que totalmente ignorados em Portugal, ainda sobrevivem já fragmentadamente na tradição poetica do Brasil. Tambem a celebre batalha de Lepanto, de 1572, em que a Liga Catholica destruiu a potencia dos Turcos, acha-se memorada em um bello romance açoriano.

O celebre romance de *D. Duardos* escripto por Gil Vicente para ser cantado em uma tragicomedia do mesmo titulo, vulgarisado em folhas volantes no primeiro quartel do seculo XVI, appareceu na ilha de Sam Jorge na corrente das versões oraes populares.

Sob a influencia d'estes estudos que encetámos, o mallogrado naturalista michaelense Francisco de Arruda Furtado empreheudeu o exame anthropologico do grupo ou população açoriana, publicando um interessantissimo oúsculo *Materiaes para o estudo anthropologico dos Povos açorianos*, dado á luz em Ponta Delgada em 1884. Contém esse opúsculo de 80 paginas as *Observações sobre o Povo michaelense*. Arruda Furtado considerou no seu exame tambem a parte tradicional, e embora

obedeça a uma tendencia separatista considerando o michaelense mais grosseiro do que os outros açorianos, diz: «O cantar ao desafio constitue uma distincção favorita, dois camponezes de sexo differente, se è nas dansas, levam a improvisar quadras n'uma sorte de contenda. E' a unica cousa em que se revela alguma imaginação constructiva; o improviso è rapido, ás vezes soberbo, e terrivelmente satirico quasi sempre. O cantar ao desafio chega a enlevar, no terreiro, com nma viola bem tocada, entre dois namorados que dansam, e se o improviso è rapido, variado e bom.— A viola è o unico instrumento do povo michaelense; sómente nas festas do Espirito Santo se compõe de uma sorte de orchestra com rabeca, ferrinhos e pandeiro.—O nosso povo, a par do excellente ouvido para a musica, tem na poesia individual um vigor descriptivo admiravel. Elle versifica immediatamente e com grande facilidade todos os acontecimentos intimos, mas em traços imaginosos; a poesia n'estes casos, è um descriptivo e nada mais, (pg. 23.) Exemplifica com uma extensa elegia, em quadras, intitulada *O caso de Jacintho Pedro*, em que se narra a situação de um pae que sabe que a filha fica deshonrada.

Na ilha de Sam Miguel appareceu o thema do romance *Juliana e Jorge*, colligido por Teixeira Bastos, da provincia do Ceará; as canções dramaticas, chamadas *Mouriscadas* são frequentes entre o povo michaelense, bem como as paradas, a de Sam Pedro, da Ribeira Grande. Existe publicado um auto popular intitulado *O Conde de Luzbella*, que è um typo de genero da mouriscada. Um dos focos mais vivos da tradição poetica è a Ilha de

Santa Maria, em que a população é naturalmente improvisadora, sendo usual o costume de replicar ou responder em verso, e com rimas de intenção satírica.

Da ilha Terceira diz-nos o nosso patricio Faustino da Fonseca ser assente entre a classe media a superstição de que é máo agouro cantar ou recitar os Romances populares, como por exemplo a *Não Catharineta* ou a *Sylvaninha*, intimidando as crianças que por tal facto pode acontecer alguma desgraça em casa. Na ilha Terceira foi sempre a sede do governo militar e ecclesiastico do Archipelago açoriano; não admira pois que a influencia da côrte e da egreja se fizesse sentir mais n'esse centro official do que nas outras ilhas. Pela importancia do problema vê-se que não cabe em breves paginas de um album litterario o exame da Poesia popular dos Açores; mas pelos pontos apenas indicados basta para se reconhecer que se torna uma obrigação moral para toda a intelligencia estudiosa dos Açores desvendar á sciencia os thezouros da Tradição que se guarda latente na alma d'esse grupo que é uma das fibras mais puras da alma portugueza.

Theophilo Braga.

COSTUMES SELVAGENS NA INDIA AMERICANA

Religião

Quando os europeus chegaram á America encontraram entre os selvagens crenças religiosas, hoje extinctas. Os povos da Florida e do Louisiana quasi todos adoravam o

sol, bem assim os peruanos e mexicanos. Possuim templos, sacerdotes ou charlatães e sacrificios; misturavam a este culto do meio-dia o culto e as tradições de qualquer divindade do norte.

Os sacrificios publicos effectuavam-se nas margens dos rios na mudança das estações, ou na occasião da paz e da guerra. Os sacrificios particulares executavam-se nas cabanas.

Lançavam-se ao vento as cinzas profanas e o fogo accendia-se novamente. A offerenda aos bons e aos maus genios consistia em pelles de brutos, utensilios de caça, armas, colares, tudo de pouco valor.

Mas uma superstição commum a todos os indianos, e, por assim dizer, a unica que elles tinham conservado era a dos *Manitús* (manitú significa grande espirito). Cada selvagem tem o seu *manitú*, como cada negro tem o seu fetiche: é um passaro, um peixe, um quadrupede, um reptil, uma pedra, um pedaço de madeira, um farrapo de estôfo, um objecto colorido, um ornamento americano ou europeu.

O caçador tem cuidado de não matar nem ferir o animal que adoptou por *manitú*. Quando tal desgraça lhe succede, procura por todos os meios possiveis apaziguar os manes do deus morto; mas não fica perfeitamente tranquillo, senão depois de ter sonhado com outro *manitú*.

Os sonhos tem uma grande importancia na religião dos selvagens; a sua interpretação é uma sciencia, e as suas illusões são tidas como realidades. Entre os povos civilizados é ordinariamente o contrario: as realidades são illusões.

Entre as nações indígenas do Novo-Mundo o dogma da immortalidade da alma não está distinctamente expresso; porém os indios teem uma ideia confusa, como o testimunham os seus usos, suas fabulas, suas cêremônias funebres, sua piedade para com os mortos.

Longe de negarem a immortalidade da alma, os selvagens ampliam-n'a: parece concederem-n'a, depois do instincto, ao reptil, e aos passaros, até aos maiores quadrupedes.

Com effeito os povos que veem e ouvem *espíritos* por toda a parte devem suppor que estes o conteem em si mesmos, e que os seres animados, companheiros de sua solicitude, teem igualmente intelligencias divinas.

A.

ANTIGOS USOS

(Do "Século,"):

Antigamente, em alguns paizes, era uso, no domingo de Ramos, conceder a liberdade a um preso, que sahia da cadeia processionalmente, indo ali buscal-o o bispo, acompanhado pelo clero. Este uso que subsistia ainda no seculo passado, era como que a representação da liberdade espirital, filiando-se no antigo costume dos judeos que no dia da Paschoa davam tambem a liberdade a um preso, remembering o facto jubiloso da terminação do seu captiveiro no Egypto.

—Nos primeiros tempos, os officios chamados *de trevas* tinham lugar na quinta-feira, sexta e sabado da Semana Santa, passando

mais tarde para as vespéras d'esses dias. Começavam de madrugada. Isto explica o uso que ficou subsistindo de se irem apagando successivamente as velas do candelieiro triangular, a que vulgarmente se dá o nome de *gallo*, por isso que se tornavam desnecessarias á medida que a claridade da manhã ia augmentando. Com o correr dos tempos esta pratica deixou de ter rasão de ser, mas foi conservada pela tradição.

—Segundo alguns auctores, o estrondo que em meio da escuridão se faz no fim das *Trevas*, tem por fim commémorar o terramoto, eclipse e geral perturbação que, segundo o texto do Evangelho, se produziram por occasião da morte de Jesus-Christo.

Martins Mendes.

TRADIÇÕES POPULARES

EX-VOTOS

Copiados fielmente e annotados por

CANDIDO A. LANDOLT.

O antigo costume de se levar a um santo um pequenino quadro de madeira, significando a gratidão e o reconhecimento pelo milagre que o mesmo tinha operado, está fóra de moda, já se não uza.

Os quadros que ainda se veem expostos nas egrejas das nossas aldeias, são velhos, muito velhos, e dentro em

pouco tempo não haverá nenhum; tendem a desaparecer, consideravelmente, á medida que as camaras municipaes e juntas de Parohia vão abrindo escolas e os alumnos se vão aperfeiçoando nos bons livros, que são os melhores mestres.

Não acreditamos, porém, que fossem as escolas o meio unico de acabar com o costume, não senhor; parece-nos que houve uma simples indicação e não uma ordem natural de coisas que desviou a corrente dos pequeninos quadros tão *maravilhosamente pintados* pelo barbeiro da freguezia, homem assás habilidoso, que não só fazia barbas, ensabonando os queixos na classica bacia de folha, mas também sabia fazer sangrias, deitar bichas, cortar callos, tirar dentes, botar ventosas, afinar violas e machinhos, contar lôas, cantar chulas, amolar thesouras, afiar navalhas, concertar loiça, fazer armadilhas, podar, achar, vindimar, malhar, espadellar, urdir, contar, fazer e concertar roupa, pintar quadros de milagres, emfim, um encyclopedista que em todos os tempos foi respeitado como o senhor abbade da freguezia e o sr. administrador do concé-

lho.

Não, não acreditamos em tal; porque, em logar do devoto d'um santo lhe dar um quadrosinho onde fique bem patente o milagre operado, leve-lhe uma vela, cabeça (1), cara (2), pescoço (3), peito, braço, mão (4), pernas e pès (5) de cera;—olhos de prata (6), tranças de cabello (7), mortallas e habitos de paninho e seda (8);—fructas;—legumes;—loiças;—madeiras;—objectos diversos;—e, um anjo em dia de procissão.

E isto é facil de esplicar—os pequeninos quadros, afinal, de nada serviam, e a cera, e fructos, e os outros objectos, rendem dinheiro, muito dinheiro, o que interessa verdadeiramente ao senhor abbade, que janta bem; aos freguezes,

=====

(1)—As cabeças e caras, com formas humanas, são offertadas a S. João, advogado das dores de cabeça; com formas de animais são offertadas a Santo Antonio advogado das cousas perdidas.

(2)—A S. Vicente, advogado contra o mal das bexigas (variola).

(3)—S. Braz, advogado do estreito (doenças das gargantas).

(4)—St.^a Rita a lvgada dos males impossiveis e S. Bento advogado dos males ruins.

(5)—St.^o Amaro e S. Gonçalo, advogado das fistulas nas pernas e feridas nos pès.

(6)—St.^a Lusia, advogada da vista.

(7)—A qualquer Santo, mas geralmente á Virgem das Dôres e Santo Antonio.

(8)—A' Virgem do Carmo, Santo Antonio e outros santos.

que se deleitam em ver muita gente e um bom prégador, e aosromeiros que viajam *inter-poculos* gosando o reportorio da banda de musica, o fogo prezo e solto.

*
* *

O costume do nosso povo, que agora se extingue, vem dos tempos da antiga Roma. Tanto se pôde chamar, *donaria* como *tabula votiva*; o termo irudito é *ex-votos*, titulo que, por ser mais generico, o adoptamos para epigraphie d'este trabalho que tem, a nosso ver, duas unicas vantagens—prestar um bom serviço aos que se dedicam ao estudo das tradições populares, —e recolher uma tradição que, não obstante a sua origem se perder na escuridão dos tempos, esta, entre nós, prestes a extinguir-se para sempre.

*
* *

No empenho de propagandista d'esta sciencia, vamos publicar todos os *ex-votos* que ao nosso conhecimento chegarem, agradecendo desde já aos *aficionados* o benevolo acolhimento que dispensarem á presente collecção.

1)—MILAGRE Q. FEZ N. SNR. DA PRIZÃO ANNA TEREZA MULHER DEMANOEL ALZ. VIEIRA DESTA V.^a Q. ESTANDO EMPRIGO DE NORTE COM HVA GRANDE EMFERMIDADE RECOREV AO SNR. DA-PRIZÃO E LOGO TEVE SAVDE.

2)—MILAGRE QUE FES O SENHOR DA PRIZÃO A ANNA LEANOR DO CARMO QUE ESTANDO O DR. J.^o JOAQUIM GRAVEMENTE ENFERMO ELLA SE CHAMOU AO SNR. COM DEVOÇÃO Q. LOGO TEVE SAUDE.

3)—MILAGRE H. FES O SENHOR DA PRIZÃO A JOAQUIM DA ROCHA MESIRE PINTOR DA CIDADE DE BRAGA QUE ESTANDO DOURANDO O ALTAR MOR DA-IGREJA DESTA SANTA E REAL CASA SE ACHOU GRAVEMENTE ENFERMO, E APEGANDO-SE ELLE E SUA FAMILIA COM ESTA MILAGROSA IMAGEM O SENHOR PELLA SUA PRIZÃO EM POUÇOS DIAS LHE DEU SUA PERFEITA SAUDE NO MES OUTUBRO DE 1843.

4)—MILAGRE QUE FES NOSSO SENHOR DA PRIZÃO A JOSÉ JOAQUIM RAMOS, DA FREG.^a DEVAIRÃO ACHANDO-SE COM HVA AFFELIÇÃO, APEGOU-SE COM O M.^{mo} SENHOR E ELLE LHE ACODIO.

5)—MILAGRE QUE FES U. BOM JASUS DA PRIZÃO, A MARIA MADALENA ESTANDO AFELITA.

6)—MILAGRE QUE FES O SNR. DA-PRIZÃO O AMANOEL JOAQ.^m DE MAG.^{es} DE V. DO CONDE ESTANDO EMPRIGO DE VIDA RECOREV AO MESMO SNR. COM INTERCEÇÃO DE ST.^o ANT.^o DA BORAQUINHA E LOGO MILHOROV NO ANNO DE 1824.

7)—M. Q. FES OS.^r DA PRIZÃO A JOAQ.^m DA COSTA CANASTREIRO UINDO NOIATE S. MEL. DELX.^a P.^a OPORTO SEUI PERDIDO ENA ALTURA DE ES.^o OZENDE COM HUM GRANDE TEMPORAL DE MAR E TEMPO RECORENDO AO BOM JESUS DA PRIZÃO LOGO LHE DEO BONANSA ESEGUIO O SEU DESTINO 1816 IATE S.

ME.ª AUE DE PENA.

8)—MILAGRE Q. FES O SNR. DA PRIZÃO, A MARIA, THAREZA, MULHER DE DOMINGOS JOSÉ VELLOZO DA FRP.ª DE S. JER.º Q. INDO P.ª ESTA VILLA DA POVOA COM UMA GRAN DE DEBELIDADE Q. ENTRANDO NESTE SANTUARIO, IVOLTORACE DIANTE DO MESMO SNR. PEDINDO-LHE SAUDE NA ERA DE 1856

9)—MILAGRE Q. FES N. SNR. DA-PRIZÃO POR INTERCESÃO DE S. FRANC.º DE PAVIO AMARIA DOAMPARO DE LIMA DARVA DOTEIULO DE V.ª DO CONDE Q. ACHANDO SEGRAVEMENTE ENFERMA ESEM ESPERANÇAS DE MELHORAS RECORDERO AO MESMO SNR. POR INTERCESSÃO DO D.º SAT.º ELOGO RECUPEROV A SAVDE Q. DESSEIAVA, NO ANNO DE 1825.

10)—M. Q. F. Q. SNR' DAPRIZAO' O CAPITAM MANOEL INASIO DEV.ª DO CONDE BINDO DAILHA DECAUO BERDE COM HVMA DOENSA RECORDERV ODITO SNR ISCAPOU 1828.

11)—MILAGRE Q. FES N. SNR. DAPRIZAM N. ZE IOAQ.ª MELICIANO DE REGIMENTO DE V.ª DO CONDE POR OLIBRAR DOSPRIGOS EM Q. SEBIO NACAMPANHA POR VLTIMAMENTO OLIBRAR DOSERVICO DE MELIAR RECORDERO AESTE SNR. ILOGO LHE FES OD.º MILAGRE ANNO DE 1824.

(Continua)

O FILHO DO MAGICO

(CONTO POPULAR)

Já doente, o Magico chamou ao pé do catre o filho, e disse-lhe pausadamente:

—N'aquella arca de cedro, entre varias coisas preciosas, está guardada uma escarcella de coiro. Se um dia tudo perdeses (pois que a vida é cheia de inesperado e de mysterio) abre a escarcella e dentro toparás com uma velha chave de

prata. Não a dês, nem á percas. Vae correr mundo para as bandas d'oriente..... Verás que essa chave é maravilhosa...

Depois o magico quiz ainda rater velhos pergaminhos incorribhados. Curvo, com as longas barbas geadas, a face já côr de matim antigo, a tremer dentro do longo albornoz coçado, o Magico sentia-se desfallecer, com o nariz de mocho mais adunco, a boca mais torcida.... E uns dias passados, ao perscrutar ainda uns papyros resequidos, caiu de borco, com elles apertados na mão mirrada e cheia de nós. Estava morto.

Tomou o filho conta da herança cubiçada. Eram arcaas e arcaas d'oiro, acervos de moedas que luziam como o sol nascente; um alqueire de pedras preciosas—toda uma riqueza que deslumbrou o moço, quando elle começou a vela correr, como rio magnifico, das gavetas e dos escaninhos abarrotados. Além d'isso, objectos cujo uso elle desconhecia, apparelhos de invenção do sabio, o grande gral onde o Magico pisava sementes de arvores caducas, figados de pombas, bicos de aves noctivagas.....

Mas não dorou muito nas mãos dissipadoras do herdeiro tam abundante fortuna. Os dobrões desappareciam qual se fogo os derretesse, por maneira que o oiro espalhado fugia e perdia-se como um regato que corresse na areia esbrazead. Toda aquella opulencia se sumiu, á maneira d'uma formosa nuvem doirada que o vento esfarrapa no ceu. O filho do Magico, ao envez do pae que aferrolhára e se mirrâra, foi prodigo e faustoso. Viuse em breve um maltrapilho faminto—e foi abrir a arca de cedro, onde devia estar a escarcella de coiro.

*

* *

Uma noite, cansado de jornadaear, o rapaz pediu pousada numa casa distante. Disséram-lhe que alli vivia um padre muito rico, mas que pouca gente o logrâra ver, tam recolhido vivia. Os creados deram-lhe caldo e pão migado, e deixaram-no dormir no palheiro, onde já descansavam dois mendigos. Um era cego, e

tocava sanfona, o outro, andrajoso, acompanhava-o a esmolar por caminhos. O filho do Magico deu as santas noites, e pouco depois fingiu que resonava.

Então o cego perguntou:

—Ouves? Já resona.

—Parece um porco, salvo seja—respondeu o guia.

—Quem me dêra chegar ao jardim das Pombas!—tornou o cego.

—Ainda temos de andar sete dias e sete noites...

—Ao menos ali ha que comer e que beber!

—A' tripa fôrra, e que manjarest tornou o outro, a dar estalinhos com a lingua.

O filho do Magico ficou espantado. Aquillo havia de ser dos encantos em que o pae lhe fallára, havia de ser! O que era preciso, pensava, era não perder os mendigos de vista.

Por sua vez o cego da sanfona pegou no somno, e logo em seguida o companheiro. E aquillo é que era resonar, com gemidos de clarinete e roncões trovejantes—como se ambos grunhissem e tocassem sanfona.

—Safal Que dianho de musica, dizia consigo o filho do Magico, sem poder pregar olho, a revolver-se nas palhas. E punha-se a scismar no tal jardim das pombas, no que seria aquella maravilhosa... Languidamente cerrava os olhos, prostrado, com a mão mettida no peito, onde trazia a escarcella... Mas logo estremeceia, suspirava, desperto: os mendigos resonavam mais alto, com silvos e urros de tempestade.

—Ahi birbantes, suspirava o rapaz, e eu é que era um cevado. Bem dizia meu pae, que ninguem se conhece...

Em termos que de madrugada, quando os mendigos abatarem, o filho do Magico tinha pegado a dormir profundamente, com a espartina de quasi toda a noite. E ao accorder, já sol alto, nem rasto dos dois vagabundos havia na estrada.

Mas qual não foi o espanto do rapaz, quando, mettendo a mão no peito, não encontrou a escarcella de coiro! Desatou a gri-

tar que o haviam roubado, como um possesso. Acudiram os creados, cuidando que era incendio; e como fosse alastrando o alarido, o padre, dono da casa, chamou-o á sua presença.

Perguntou-lhe quem era: tinha uma ideia de ver aquella cara... O rapaz disse que era filho do Magico. Os olhos do outro alargaram-se, brilharam. Tinha o conhecido muito, tinham sido companheiros e amigos.... Alli estava para o servir no que pudesse! Tinha aprendido muito com elle, com o Magico!...

O rapaz contou-lhe, azorotado, do roubo da escarcella de coiro...

—Com uma chave de prata? inquiriu o padre, muito interessado.

—Era verdade. Como sabia?!

O Magico fallára-me nessa chave... Disse-me que era muito valiosa.

E depois de pensar um pedaço, como quem perscruta segredos maravilhosos:

—Bem! Vou-te emprestar o meu cavallo, que anda mais do que o vento. Metta a galope pelos atalhos, que ladrões não vão por estradas. Logo que os avistes, desmonta, e volta o cavallo, que elle cá vem ter. Depois põe este chapéu de bicos, que ficarás invisivel—e facilmente lhes apanharás a escarcella.

O rapaz agradeceu muito, e o outro disse-lhe que não tinha de quê, porque tudo que sabia, e quanto tinha, o devia ao Magico.

O cavallo comia leguas como o vento. Pouco tempo depois o rapaz avistou os dois a descer um cerro, esbogadamente. O filho do Magico desmontou, soltou o cavallo que partiu como uma flecha, e poz na cabeça o chapéu de bicos. Depois foi andando na esteira dos outros. Aproximou-se, p'ra ouvir o que diziam. Os dois, está bem claro, não o viam.

—Oito passadas, disse o cego.

O companheiro mirou, remirou em roda.

—E' o echo, não se vê bafo vivo.

—Toma tento, não percas a escarcella; olha que isso ha de ser grande segredo. A chave é muito pesada...

—E de prata—rosnou o outro.

—Quem sabe se ella abrirá a porta de ferro do jardim das pombas, onde nunca houve chave que servisse! Oíha lá se a perdeste!...

Mas como tinha o ouvido muito fino, o cego poz-se de esculca:

—Parece mesmo que oíço passadas ao nosso lado...

—E' o echo, rosnou o companheiro. O cego começou a fungar:

—Cheira-me a folego vivo...

—E' a resina das pinhas.

Resolveram descansar á sombra das arvores.

—E se o outro apparece? perguntou o cego.

—A boas horas, por essas azinbadas!

—Trazes a escarcella? tornou o cego.

—Cá está, disse o outro, abrindo a saccola.

Tirou a antiga chave de prata, e começou a sopesá-la na mão, com os olhos atigados de cubiça.

—E' macissa. Rica chavel!

Mas quando a mirava na palma da mão callosa, viu-se de repente sem ella.

Desatou a gritar:

—Aqui d'el-rei! Aqui d'el-rei!

—Que foi, que aconteceu? dizia afflicto o cego.

—A chave fugiu-me da mão, parece que voou, desapareceu...

—Eu bem dizia que ouvia passadas!

—Não se vê ninguém...

—São artes magicas—tornou o cego.

Então o filho Magico, de escarneo, começou a andar de volta d'olhos, e a cantar de gallo.

—Cócorocól

—Bem dizia eu, tornava o cego em voz baixa, apertando o braço do companheiro. E o rapaz, com o chapéu de bicos enterrado na cabeça, ao ouvido dos dois, que tremiam como varas verdes:

—Có:orocól Cácaracá!

—Ainda apanhamos uma carga de pau! Ha-de ser o do palheiro—Segredou o cego.

Mas já o filho do Magico tinha cortado uma verdasca de marmelleiro, e come-

cava a zurzil-os nas orelhas.

—Seus ladrões!

—Aqui d'el-rei! aqui d'el-rei—gritava o guia, aos guinchos, a trepar, como um gato bravo, por um pinheiro acima.

*

* *

O filho do Magico deixou-os estarrecidos de medo—o lá foi á procura do jardim das pombas. Palmillhou largos caminhos, e pernoitando n'uma estalagem com almocreves. Um d'elles, já vellinho e conhecedor d'aquelles reinos, fallou d'esse jardim distante, da sua belleza e encantamento. Era preciso passar um rio, entrar n'uma selva, e ao fundo é que se encontrava o jardim, cheio de flôres balsamicas, aguas remansadas e frescas, e tres pombas brancas que vinham banhar-se todos os dias a um tanque tão azul como o ceu.... Quando sacudiam as pennas, caíam muitas perolas e pedras preciosas.....

O filho do Magico andou ainda alguns dias e afinal atravessou o rio no barco d'um moleiro, que não fallava, nem se ria, e tinha um olho azul e outro preto. E ao cair da tarde entrou no jardim mysterioso, onde havia o silencio augusto d'um cemiterio, mas onde o ar resplandecia e parecia da mais fina farinha d'oiro peneirada....

Não tardou que as tres pombas viessem banhar-se nãs aguas lisas e azues. O filho do Magico, muito esbofado, esfaimado e sedento, sentou-se n'um velho tronco cahido, e começou de roer um pero que levava no bolso.

Logo vieram mãos brancas e finas, que voavam como pombas, trazer-lhe iguarias e vinhos.

—Bem diziam os outros do palheiro—pensava o rapaz—Isto é que são manjares, que delicia!

Uma das mãos que voavam offereceu-lhe um gomil de prata, por onde elle sorveu um vinho fresco e suave como ambrosia; depois outras mãos vieram, alvas como lirios, a darem-lhe a merenda em pratos de oiro;—fructas mais roseas que a manhã, alféolas muito doces.... O fi-

lho do Magico saboreava, srspirava n'uma leatidade infinita:—Ai que bom! ai que bom!...

Passado algum tempo, viu ao longe uma enorme porta de ferro, escura e sinistra, entre a poeira doirada do ar, entte tanta claridade e tanta ventura silenciosa... Ergueu-se, e com coração aos baques, dirigiu-se para a porta de ferro.

Tirou do peito, onde a guardára avaramente, a mysteriosa chave de prata. Oh! se aquella chave fosse a d'aquelle portal Empallideceu. Fechado o portão, immenso, tudo continuava n'um segredo insondavel; aberto, o que seria d'elle, mata-o-biam? O coração batia-lhe mais agitado. Seria muito feliz? Sim, de certo seria venturoso; o pae lhe fallára n'ua larga ventura....

Tentou metter a chave—e todo trememente viu que a chave servia! Den'uma volta, com as duas mãos, n'um grande esforço, a arquejar... ainda outra volta! E a grande lingua de ferro correu, grossas gargalheiras de ferro rolaram com riço estrepito. Empurrou a porta com os hombros fortes, branco de commoção; os gozcos rangeram, com um estridente chiar de ferros ferrugentos, e a porta abriu-se lenta e pesadamente, ficando escancarado um boqueirão cavernoso.....

Foi andando na escuridade, com o coração aos pulos, mas pouco e pouco a negrura ia cedendo a um lindo alvor, como de vago luar... E á medida que avançava, com respiração oppressa, um brilho jorrava mais vivo, tal se a rosa da manhã abrisse as grandes e orvalhadas folhas de luz.

Não tarou que se encontrasse n'um formoso palacete encantado, com altas columnas de marmere, e riquezas sem conta. Tres pombas brancas começaram a esvoaçar junto d'elle, até que uma lhe pousou mansamente no hombro.

—São as mesmas do jardim, pensava o filho do Magico.

Poz o ouvido á escuta, e ouviu o resfolegar somno do monstro que resonasse. Teve medo. Levou a mão á cinta, en-

de trazia uma adaga. O ruido aproximava-se, como o de uma ventania d'uma gruta—e um animal informe, de olhos glaucos e escamas verdes, arrastando as patas plumbeas de pachyderme, caminhava para elle, com a guela hiante.....

As pombas continuavam a avoejar azoradas; mas a que lhe poisava no hombro começou de arrulhar ternamente.

—Que fazer? meditava o rapaz, atarantado.

Lentamente, horrendamente, com as escamas crespas como aguas de mar bravo, o monstro arrastava para elle as patas pesadas. Os olhos, grandes e redondos, phosphorejavam, e a cauda retorcia-se no ar como serpe terrivel, ou erguia-se como espique d'uma grande palmeira.

Então o filho do Magico (emquanto a pomba lhe arrulhava no hombro), arrancou da eintura a adaga rutilante, avançou intrepidamente para o monstro, e cravou-lh'a com vigor nas guela de fogo... Um repuxo de sangue espirrou, um rugido pavoroso abalou as columnas de pedra. E logo—ó maravilha antiga! —O monstro se transmutou n'um velho de farras barbas claras, com uma corda luzente de rei na cabeça, e as pombas se transformaram em tres meninas de fulgurantes cabellos d'ouro.

—Quebraste-me o encanto! Quebraste-me o encanto! disse o velho. Poste corajoso, devo-te a minha vida e a de minhas filhas, o renascimento do meu império adormecido... Na quantos annos tudo dormia n'este sonho tragicol... Serás tambem o homem mais feliz da terra. Escolhe o que quizeres: eu te darei tudo que pedires.

Depois poz-se a afagar as meninas, correndo-lhe mengamente os dedos pelos cabelos de sol. Uma alegria magnifica lhes batia nos rostos.

O filho do Magico, cheio de assombro, reconheceu no velho rei o moleiro que o passára no barco, que nem fallava nem ria, e tinha um olho azul e outo negro. Tudo encantos!

—Escolhe uma das minhas filhas, vol-

lou o rei, e ficarás senhor de grande parte do imperio. Qual preferes? Uma é linda como a aurora; outra como o luar; outra como o crepusculo! . . . Qual preferes?

Timidamente, o rapaz perguntou qual d'ellas lhe tinha poisado no hombro. Era a mais nova—a linda como aurora—que fôra sentar-se nos joelhos do pae, acariciando-o.

Ali mesmo lh'a deu o rei por esposa. E subindo a um alto terraço cheio de estatuas, o velho tocou tres vezes uma longa tuba sonora, que despertou a terra adormecida, como se uma vida nova e benéfica corresse e sizesse resurgir o imperio. As estatuas converteram-se em mulheres admiraveis, que beijaram as mãos das princezas. Sem se saber d'onde vinham, correram gentes aclamando o velho rei, toda uma corte encantada appareceu radiante e jubilosa. Dir-se-lhia que a propria natureza se desentorpecêra: aguas contavam mais alto; as arvores ramalhavam desparzindo flôres, e mil aves teciam, voando alegres, os seus gorjeios de vidro e prata.

O rei abdicou no filho do Magico—que ficou regendo aquelle imperio florido, e doidamente amado da princeza linda como a aurora. Logo chamou para junto de si, enchendo-os de honras e festas, o padre que lhe dera o chapéo de bicos e lhe emprestara o cavallo mais ligeiro que o vento. . . . Ao cego e ao guia não quiz fazer mal—antes lhes mandou dar muitos moios de trigo e bolsas de dinheiro. E foi o homem mais feliz da terra—quando na terra ainda havia homens felizes!

Julio Brandão.

TOPONYMIA PORTUGUEZA

A longa lista toponymica que vamos publicar é como que o complemento dos muitos materiaes que se hão recolhido para o estudo das

nossas tradições populares.

Depois do romanceiro, o cancionero; depois da superstição, os nossos costumes; e, depois da phonetica a toponymia.

Per essa extensissima fila de nomes, qual d'elles o mais exquisito e extravagante, é facil averiguar o que resta hoje em dia d'esses raças que, em epochas remotas, povoaram este paiz.

Os materiaes que temos em nosso poder, habilitam-nos a contribuir, poderosamente, para a formação, d'um mappa tradicional que mais tarde ha-de ser organizado por pessoas competentissimas que se entregam, com invejavel aproveitamento, ao estudo das tradições populares portuguezas.

Esta lista toponymica não obedece a um plano definitivo: é a publicação de nomes que mais ou menos podemos colher, aqui e além; porque, os fitões por onde julgam os concluir a nossa obra, estão no poder de muitos egoistas que os guardam a sete chaves com medo que lhe vamos destruir os seus montões d'oiro.

Isto em nada desmerece as nossas indagações:

Districto de Villa Real

concelho de Alljó

- 1—Abexeiros
- 2—Abicheiro
- 3—Adro
- 4—Alijó
- 5—Almoinha
- 6—Ameda
- 7—Amierro
- 8—Anteiras
- 9—Aradas
- 10—Areal
- 11—Assurrira

12—Avoenga
 13—Azango
 14—Bairral
 15—Bandeira
 16—Barreiros
 17—Barroca
 18—Beijoeal
 19—Bogalho
 20—Bogalho de Cima
 21—Botica
 22—Botico
 23—Bouça
 24—Bouço
 25—Cana Boa
 26—Canadas
 27—Canellas
 28—Carcoda
 29—Cárdo
 30—Carpinteiro
 31—Carrascal
 32—Carrasqueiro
 33—Carregal
 34—Carreira Velha
 35—Carvalha
 36—Carvalheira
 37—Casal de Loivos
 38—Castedo
 39—Caveira
 40—Cezzoda
 41—Chão do Ribeiro
 42—Chouza
 43—Cima de Rua
 44—Conqueiro
 45—Corredoura
 46—Cortinha
 47—Cottas
 48—Cruz
 49—Cruzeiro
 50—Cuncieiro
 51—Eira
 52—Eiras
 53—Escadevada
 54—Estante
 55—Fabaiois
 56—Favas
 57—Falgaraso
 58—Falgoroso
 59—Ferrocinto
 60—Fieiteira
 61—Folgar
 62—Fonte
 63—Fonte da Vibora
 64—Fontella
 65—Fontellas
 66—Forninho
 67—Frága
 68—Frága do Canal

69—Granja
 70—Gromaniz
 71—Gricha
 72—Gricho
 73—Jogal
 74—Lama Bôa
 75—Lameira
 76—Lameirão
 77—Lameiro
 78—Lavadouro
 79—Lavandeira
 80—Macieira
 81—Malhadas
 82—Malhadoura
 83—Meda
 84—Miscaral
 85—Mosqueiro
 86—Mourão
 87—Muro
 88—Nogueira
 89—Olga
 90—Olgas
 91—Olivacs
 92—Olmimbo
 93—Olminhos
 94—Palombo
 95—Paredinha
 96—Passal
 97—Peça
 98—Penedo do Gato
 99—Pedreira
 100—Piolho
 101—Pinheiro
 102—Poça
 103—Poças
 104—Pomar
 105—Pontão
 106—Ponto
 107—Portal do Concelho
 108—Portella
 109—Portellas
 110—portello
 111—Pousado
 112—Pousadouro
 113—Prado
 114—Quintal
 115—Quintal ao Cimo da Rua
 116—Quintal da Residencia
 117—Quintal do Cruzeiro
 118—Quintal no Gricho
 119—Rapacão
 120—Rapa Lobos
 121—Reboredo
 122—Rebosa
 123—Rebentina de Bairo
 124—Regadas
 125—Reigadinha

126—Ribeiro
 127—Ribeiro de Figueira
 128—Ribeiro do Souto
 129—Rio
 130—Rua da Fonte
 131—Rua Direita
 132—Sabordella
 133—S. Domingos
 134—S. Mamede
 135—Santo Antonio
 136—Salgueiredo
 137—Salgueirinha
 138—Salgueiro
 139—Serra
 140—Serro
 141—Sibio
 142—Sibio
 143—Sival
 144—Sobradacs
 145—Souto
 146—Souto do Mouro
 147—Souto Vau
 148—Tapada
 149—Tapada de Carrasqueiro
 150—Tenral
 151—Terleira
 152—Terreiroiro
 153—Val
 154—Valdagens
 155—Valle
 156—Valle da Corça
 157—Valle da Fonte
 158—Valle da Louza
 159—Valle da Presa
 160—Valle das Forçadas
 161—Valle das Gens de Cima
 162—Valle de Agens
 163—Valle de Cinque
 164—Valle de Figueira
 165—Valle de Maria
 166—Valle de Mendiz
 167—Valle de Sobroira
 168—Valle do Covello
 169—Valle dos Coelhos
 170—Valle grande
 171—Valle Graudele
 172—Valle Travesso
 173—Vargens
 174—Vau
 175—Veiga
 176—Vermelhinho
 177—Villarinho de Cottas
 178—Vinha da Porta
 179—Zambulheira

Vizeu—Armamar

180—Armamar

181—Aricora
 182—Ariciro
 183—Arrabalde
 184—Bairral
 185—Barroncal
 186—Cabanias
 187—Calvario
 188—Campo da Azenha
 189—Campo da Porta
 190—Campo V. lho
 191—Cancellinho
 192—Carvalhoso
 193—Castedo
 194—Castello
 195—Castello de Berges
 196—Castiçal
 197—Cino da Villa
 198—Chões
 199—Cordoura
 200—Costa
 201—Cruz
 202—Cunho
 203—D. Julia
 204—Eidos de Baixo
 205—Eira
 206—Espinhozes
 207—Estrada Velha
 208—Fonte de Baixo
 209—Forno da Telha
 210—Fundo da Costa
 211—Gonjoim
 212—Horta-Capolla
 213—Horta da Fonte
 214—Infesta
 215—Lajumá
 216—Lanceiro Longo
 217—Maçonde
 218—Mainsa
 219—Meadas
 220—Moimento de Baixo
 221—Mondiz
 222—Moreirinha
 223—Novacs
 224—Olmo
 225—Passareira
 226—Perdeçoito
 227—Perciro
 228—Poço
 229—Poldras
 230—Pombal
 231—Porto Bom
 232—Pouzadouros
 233—Presa

(Continua.)

Colleccionado por C. A. LANDOLT.

(Extrato do folhetim, n.º 1 e 2 da *Independencia*, da Povoação de Varzim de 3 e 10 d' Agosto de 1897).

A AGUA DO MAR NAS SUPERS- TIÇÕES E CRENÇAS POPULARES

I

No principio do mundo, a agua do mar era doce como a dos rios e fontes; depois, tornou-se salgada, em virtude de causas extranhas e sobrenaturaes como a diante mostrei por varias tradições. Veja-se a seguinte lenda, referente ao mencionado phenomeno, recolhida na Alta-Bretanha, nas margens do canal da Mancha, cuja lenda, pertence a um capitão de um livro que com o titulo de «Folk-Lore do Mar», já viu ou está breve a ver a luz da publicidade, devido á investigação do excellente folk-lorista Mr. Paul Sébillot.

«Uma occasião, um capitão de um navio, depois de fazer a sua côrte a uma formosa aldeã, namorou-a, pormettendo-lhe a sua mão, não obstante ella ser muitissimo pobre; mas, alliava ao seu coração hondozo, muitissimas virtudes.

O capitão, depois de se haver casado, emprehendeu immediatamente uma viagem.

Na sua ausencia, um poderoso senhor das cercanias apaixonou-se perdidamente, loucamente pela joven capitã, e conseguiu raptal-a, conduzindo-a ao seu castello e ahí a obrigou a ser sua esposa. Quando regressou o capitão, soube immediatamente da nova fatal, que lhe dilacerou o coração; porém, como não podia obrigar o infame raptor a que restituise sua esposa, lançou-se novamente ao mar, e navegou sem rumo.

Esta ausencia do capitão durou alguns annos, e na volta viu que o mar tinha invadido o castello do nobre, e suas possessões, e que elle tinha perecido com todos os seus criados. Só a joven se tinha salvado e recoihido a casa de seu primeiro marido. Esta surpresa encheu de jubilo o feliz esposo, que correu abraçar sua consorte, sentindo-se ambos muito felizes.

Então perguntou o capitão, verdadeiramente commovido, como só ella tinha sido salva de tão horrivel catastrophe.

—Um dia, respondeu a esposa, o mar sahiu furioso fora de seu leito e invadiu os terrenos do malvado senhor que me tinha prisioneira contra a minha vontade. As suas aguas, chegaram até junto do castello, e açoitaram fortemente os seus muros. As ondas succediam-se umas após outras; mais altas que os mastros dos navios. Os muros oscillaram e desmoronaram-se. Quantos viam no castello, todos morreram, ou debaixo dos escombros, ou afogados na agua furiosa. Em quanto a mim, nenhum mal me succedeu, nem ao logar onde me refugiei. Quando todos os malvados estavam mortos, o mar retirou-se tranquillo, e eu pôde voltar para esta nossa habitação.

—Pois se o mar te salvou, disse o capitão, é justo que eu lhe mostre os meus agradecimentos por o grande serviço que me prestou.

E dirigindo-se ao mar, disse:

—O' mar! durante a minha ultima viagem, prestaste-me um grande serviço; um infame senhor tinha-me roubado minha mulher, casando-se com ella contra sua vontade. Tu, destruiste o seu castello, tu afogastel-o, tratando sómente de salvar a minha esposa. Quero faserte ver a minha gratidão e o meu profundo reconhecimento. Oh! mar! todo o mundo te admira pela tua grandeza e extensão, pelo teu fluxo e refluxo—sac fora do teu leito se queres seguir-me, e todos admirarão tambem o sabor das tuas aguas.

Nada respondeu o mar, porém, seguiu o capitão até uma localidade, cheia de depósitos de sal. O mar cobriu a terra e as salinas, e desde então ficou sempre salgado. Ent o o capitão, mui agradecido, retirou-se para sua casa, onde vive ainda hoje com sua querida esposa».

Ha outra versão d'esta lenda, recolhida tambem nas margens do Canal da Mancha, que differe sómente em alguns detalhes lnaes. Quando o capitão levou

o mar aos depositos inesgotaveis de sal, encontrou-se com a Lua. Esta cheia de cholera, reprehendeu-o por ter levado alli o mar sem sua licença, e castigou-o arrebatando-o. Portanto, a figura que se vê passear pela Lua, é o capitão.

Um conto popular noruego, recolhido pelos folk-loristas Asbjøersen e Møe, intitulado *O moinho magico*, attribue o gosto da agua do mar a este moinho que tinha o privilegio de moer tudo quanto se lhe pedia. Um dia foi pilhado por um marinheiro que desconhecia as palavras que deviam pronunciar-se para detel-o, e depois de o transportar para o seu barco disse-lhe no alto mar:—«Quero que tu moias bastante sal e depressa». O moinho começa a arrojear sal; os purões do barco depressa se encheram; o marinheiro quiz deter-lhe o movimento, porém o moinho moia continuamente, porque obedecia apenas a uma formula magica. A montanha de sal crescia prodigiosamente e o barco em breve espaço de tempo foi a pique. Desde então, o moinho existe moendo sal no fundo do mar, e d'ahi resulta estarem salgadas as suas aguas.

Segundo uma lenda india, consignada na—*Historia de diferentes povos*, por Darville,—Agastea—homem mui pequenino, pois a sua altura não excedia uma polegada, porém mui forte, e que existia desde o principio do mundo e existirá até ao fim—passeiava um dia pela beira-mar, cujas aguas então eram doces. O mar, excarneceu da pequenina estatura de Agastea, e este, offendido e desesperado recolheu todo o mar n'uma das suas mãos, como se fosse uma gota d'agua, e bebeu-o d'um folego. Os anjos, tiveram muita penna, e demonstraram a Agastea quantos males sobreviriam se não existisse o mar, e pediram-lhe para que o collocasse no seu primitivo logar. Agastea não pode resistir ás suas insinuações e deitou o mar immediatamente fóra do seu corpo;—d'aqui, resultou ficar como ainda hoje está, salgado.

III

Por o contrario, os marinheiros inglezes e francezes creem que o fundo do mar não é salgado. O capitão Basil-Hall assegura ter ouvido dizer a um de seus marinheiros, que se se introduzir no mar, a cem braças de profundidade, uma garrafa bem tapada, se tira cheia de agua doce.

A mesma crença existe na Baixa-Bretanha; segundo dizem os pescadores, —se o peixe não pica o anzol, é porque o mar não está salgado n'aquelle sitio onde está.

Em certas tradições refere-se que o mar pôde tornar-se por si mesmo doce em certas paragens.

Refere Plinio, que no momento de ter sido expulso do throno da Cecilia o tyranno Denys, o mar, por um prodigio, tornou-se doce durante um dia, no porto de Siracusa.

Dizem as *Lendas e tradições do archipelago indio* que, precisando-se uma occa-sião de agua doce, o rei Sang Souperba, metteu um pé no mar, no meio de um circo de cannas, que mandou fazer, e por vontade do Todo Poderoso a agua salgada converteu-se em doce. Desde então, a agua tem-se seguido doce, pela frente do rio Sapat.

Esta Lenda, recorda outras de muitos santos, como o da Ilha de Bazt, fez brotar de um muro uma fonte de agua doce, fonte que o mar descobre nas marés baixas.

A agua do mar, em vitude de ser salgada tem certos privilegios. Diz-se que nas praias a agua abranda os membros, enquanto a doce os congela. Na Girona, assevera-se que a agua do mar não molha; e na Alta Bretanha, em Morbihan e Finisterre os marinheiros estão persuadidos de que não acatarrha. Dizem mais, que se acatarrha se como a agua doce, ninguem quereria pôr os pés n'uma embarcação, d'onde a cada passo se está molhando; e que é frequente ver homens constipados, que ao embarcar ficam completamente sãos, se alguma onda do mar os deixar molhados como uma sopa. A mesma crença existe no

Paço de Calais e na Italia.

No seculo XVII, segundo se lê na *Historia dos Aventureiros*, de Exmelico, os holandeses, acreditavam que a agua do mar deitada sobre as pessoas que passam a Linha, livrava de muitas doencas que se contraem pela troca do clima; e por este motivo todos se banhavam no mar, ainda que não tivessem atravessado a Linha.

Diz-se na Alta Bretanha que se uma pessoa estiver constipado, para ficar bom deverá beber agua do mar ao amanhecer e ao anoitecer.

A agua do mar, é considerada como um purgante. Diz um proverbio:

*nada melhor para purgar
que um copo d'agua do mar.*

Na Baixa Bretanha, creem que quando o mar está revoltoso, se acha carregado de veneno.

No littoral do Canal da Mancha, dizem que os cães hydrophobos bebem a espuma do mar; e se um cão beber na praia que não fique coberto pelo fluxo, tambem fica atacado de hydrophobia.

Para qualquer pessoa se banhar no mar, deve esperar pela maré baixa. Vejam-se os dois ditos bretões, recolhido por M. Souvé:

*Quando a maré estiver baixa
Lava a tua chaga e ficara bem curada.*

*Quando a maré estiver baixa
Toma um banho e mete-te na cama.*

Em Portugal, diz-se que debem tomar-se os banhos em numero impar. Um banho tomado no dia de S. Bartholomeu equivale sete.

Quando os rapazes vão tomar banho, cantam certo numero de graos d'arcia (creio que nove) e deitam-os à agua, dizendo a seguinte fórmula, segundo se pódo lêr nas *Tradições populares de Portugal*, de J. Leite de Vasconcellos:

*Febres, febres,
ide para o mar,
que eu vou nadar;*

.....

Febres para Braga,

*Febres para o Porto,
Febres para fóra
Do meu corpo.*

Em Hespanha, tambem existe a mesma crença de tomar os banhos em numero de impar.

Na Alta Bretanha diz-se que para se curar a doença dos olhos, se debem lavar com agua do mar, tendo a cabeça inclinada durante um quarto d'hora; esta operação deve repetir-se sete ou oito vezes seguidos, pela manhã antes de naseer o sol e de tarde depois de se esconder.

Finalmente, ácerca do mar ser salgado, canta-se em Andaluzia, Hespanha, a seguinte quadra:

*Antiguamente eram dulces
Todas las aguas d'el mar,
Pero escapió mi morena
Y se volvieram salds.*

E' tal a graça e o sal d'uma andaluza, que uma só saliva sua é o sufficiente para salgar todo o Oceano!

III

Depois de ter publicado nos dois artigos antecedentes a lenda que a Alta Bretanha contou a Mr. Sébillot, vou traduzir a que o povo marroquino transmittiu a D. Olavarria y Huarte:

Nos primeiros tempos do mundo, Deus creou o mar; porém cuidadoso da sua melhor obra, o homem, poz limittes ao poder immenso do Oceano.

—«Oh! mar!—disse às aguas alvoroçadas que já invadiam as tres quartas partes da terra—occupa a vasta extenção que te vou marcar; porém, respeita a porção que vou cobrir de plantas e flores, para que o homem habite e viva contente e feliz à tua beira. Com o ruído de tuas ondas, imitarás o echo da minha voz irritada. Por ti me reconheceram os homens quando a sua fé vacillou a sua razão escureça, e serás espolho da minha gloria».

O mar, prometteu respeitar o que Deus punha fóra do seu alcance. Porém, pouco depois, arrependido, da promessa que tinha feito, ensoberbeceu-se com o seu poder, atreveu-se mesmo a desafiar o Senhor e a burlar dos seus mandatos.

As suas ondas encrespadas cresceram até ao cou; agitou com impeto violento as

suas aguas furiosas, inundando a terra. Ia a destruir o homem ao tempo que Deus acudiu. O Universo, estremeceu quando Deus começou a fallar. O mar suniu-se, molhando a areia da praia, sem atrevessar a seguir para deante.

—Desobedeceste-me, Mar; fostes um ingrato para com o teu Creador, tornaste-te digno de castigo;—tu, em que eu pensava ter sempre um filho submisso e obdiente ás minhas ordens!

Insensato! Julgaste grande para competir com teu Senhor! Eu te farei ver quão pequeno, és e para castigar-te, vou crear um ser quasi desprovido de corpo e razão. Assim comprehenderás tua fragilidade e da rei apenas uma ideia de minha força.

Depois de isto se passar, Deus creou o mosquito, e nuvens d'estes animaes povoaram o espaço, espeçando-o como se fóra uma massa compacta. Em seguida, ordenou-lhe que se estendessem sobre o mar, e n'um momento os pequeninos seres absorveram todo o Oceano. O grande aquario ficou secco.

Deus tornou a fallar ao mar, occulto já no estomago dos mosquitos:

—«Tu ouves-me, Mar?»

—«Sim ouço; respondeu este a tremar».

—«Reconheces que sou o teu Senhor?»

—«Reconheço».

Deus mandou então aos mosquitos que devolvessem a agua que tinham bebido, e o mar tornou a occupar o seu primitivo logar.

Desde então nunca mais se tornou a revoltar, nem a querer inundar a terra, nem destruir o homem. Porém, durante o tempo que esteve no estomago dos mosquitos, suas aguas adquiriram um gosto salgado que ainda hoje o conserva, e que é por sua vez, a recordação do castigo da sua culpa e de sobediencia.

Drummond'Hay, na sua *Viagem por Marrocos*, tambem cita esta tradição.

Candido A. Landolt.

MARIA SUBTIL

Certo mercador, que morava perto do palacio real, tinha tres filhas. Maria era a mais moça e a mais formosa. O mercador era viu-

vo e o rei mandou-o fazer uma viagem. Ficou o mercador muito triste, por ter de deixar as filhas só; mas, antes de partir, deu-lhes tres vasos de manjaricão, dizendo-lhes:

—Minhas queridas filhas, eu parto por ordem do rei e deixo um vaso a cada uma; os vasos hão de dizer-me o que fôr succedido.

—Nada ha de succeder, disseram as filhas.

Partiu o pae, e o rei, no dia seguinte, foi, com dois amigos, visitar as meninas em sentimento pela partida do pae; estavam as tres irmãs ceiado, quando sentiram bater á porta. A mais velha, não se importando com os reparos de Maria, abriu a porta ao rei. Maria ficou tambem zangada por a irmã do meio o mandar sentar á meza e disse:

—Vamos buscar uma gotta de vinho á adega; eu levo a chave, minha muna mais velha a luz, e a do meio o cangirão.

Disse o rei:

—Não vão porque nós não queremos vinho.

As duas irmãs mais velhas tambem lhe responderam:

—Nós não podemos ir.

Maria tornou-lhes:

—Não querem ir? pois vou eu.

E foi-se. Chegou ao saguão, apagou a luz e pôz a chave e o cangirão na escada, e foi ter a casa de uma vizinha e bateu á porta. Ella veio abrir e perguntou:

—Quem está ahí a estas horas?

—Deixe-me entrar, que eu briguei com minha irmã mais velha e, para ella não brigar mais comigo, vim para cá dormir.

E lá dormiu aquella noite. Ficou o rei muito zangado da falsi-

dade de Maria. Foi ella para casa no outro dia, viu os vasos das irmãs murchos e ficou muito contente de ter o seu viçoso. Como o quarto da irmã mais velha dava para as quintas do rei, as duas irmãs desejaram de lá umas nesperas. Maria desceu por uma corda, apanhou-as e tornou a subir para casa. A mais velha desejou limas: Maria foi e encontrou-se com o vinhateiro, que lhe perguntou:

—Que faz você por aqui, senhora marota.

E ella foi a elle e puxou-lhe pelas pernas dizendo:

—Ainda me estás reprehendendo? Espera ahi

E elle morreu afogado n'um espinho de limeira. Maria trepou pela corda, chegou a casa muito aborrecida e disse:

—Olhem as meninas que esta é a ultima vez.

No dia seguinte a irmã do meio desejou bananas, e tanto pediu que Maria foi lá, onde se encontrou com o rei que lhe disse:

—Sempre cá vieste, Subtil? Tu agora o pagarás.

E começou a perguntar-lhe tudo. Maria nada pegou, até que o rei lhe disse:

—Vem atraz de mim, que em casa tu as pagarás.

E cuidando que Maria vinha, foi andando; olhando de repente para traz não viu nada: nem Maria, nem corda, nem por onde ella tinha sabido. O rei ficou tão zangado que adoeceu de paixão.

As duas irmãs mais velhas casaram com os dois amigos do rei e tiveram dois meninos. Maria pegou n'elles e meteu-os n'um açafate muito rico e enfeitou-o de flôres

muito finas de maneira que ninguém dizia levar duas crianças. Depois de se vestir de rapaz, Maria pôz o açafate á cabeça, sahio para a rua e, quando passou pelo palacio do rei, apregoou assim:

Quem leva estas flôres
Ao rei, que tem mal d'amores?

O rei, que estava na cama, mandou comprar o açafate; ella levou-o ao quarto e, quando lá chegou, disse:

—Ai, que me esqueceu o outro!

E foi-se, deixando o cesto ao rei; elle, ouvindo guinchos dentro do açafate, foi vêr e achou-se com duas crianças. Ficou muito raivoso e prometeu vingar-se.

Chegou o mercador, pae das meninas, e o rei mandou-lhe dizer por um pagem que lhe fizesse uma casaca de pedra. O mercador ficou muito triste pois não podia fazer uma casaca de pedra, porque as duas filhas mais velhas estavam casadas e, finalmente, porque dois vasos estavam murchos.

Quando as duas filhas mais velhas lhe perguntaram o que tinha. Maria sahio de traz das irmãs e disse:

—Se o rei lhe manda fazer uma casaca de pedra não se afoque, meu pae, leve lá este giz para elle fazer as linhas.

Assim fez; o rei respondeu que era impossivel, e o mercador disse:

—Em vista d'isso, eu não posso fazer a casaca.

—Pois então has de entregar-me a tua filha Maria.

O mercador voltou ainda mais

triste para casa e disse a Maria:

—Minha querida filha, o rei quer que te vá levar ao palacio. E' o nossa desgraça.

—Não se afflija, meu pae; mande fazer uma boneca igual a mim, com um cordão para se puxar pela cabeça para dizer sim e não; e a boneca terá muito mel pelo pescoço.

Entretanto o rei disse aos pagens:

—Quando vier aqui um senhor com uma menina dizendo que querem fallar comigo, mettam a ella na cama, e deixem-no a elle ir-se embora.

Maria Subtil entrou e metteu-se debaixo da camara com o cordão na mão, tendo previamente deitado a boneca no leito sob que estava.

Quando o rei entrou, olhou para a boneca e disse:

—Senhora Maria Subtil, passe muito bem.

Maria puxou pelo cordão á boneca e esta abaixou a cabeça. O rei tornou:

—Vamos ajustar contas.

E começou pelo principio, desde que foi á adega até chegar ao açafate de flôres. E Maria Subtil sempre a puxar pelo cordão. O rei concluiu:

Quem me fez tanta falsidade merece a morte.

Pegou n'um espadim e degolou a boneca; o mel respingou e foi-lhe tocar nos beiços; elle disse:

Ai, Maria Subtil! Tão dôce na morte e tão amarga na vida. Quem tamanho crime fez merece a morte.

E ia para se matar, quando Maria Subtil, a verdadeira, sahio de-

baixo da cama e se abraçou com elle. No dia seguinte casaram, e foram depois muito felizes.

Theophilo Braga.

TRADIÇÕES POPULARES

EX-VOTOS

Copiados fielmente e annotados por

CANDIDO A. LANDOLT.

(Continuação)

—12) MILAGRE Q. FIZ O SENHOR DA PRIZÃO DA VILLA DA POVOA DE VARZIM A JERONIMO JOSÉ DA SILVA DA CIDADE DE BRAGA TENDO HUA MOLESTIA INTERIORE ESTANDO EM PERIGO DE VIDA SE APEGOU COM SUA FAMILIA COM ESTE SENHOR ELHE DEU SAUDE EM SBR.º DE 1830.

13)—M. Q. FES OSR. NAPRIZÃO AM.º FRANC.º LIXANDRE D. FRAG.º DE NAUAIS Q. TENDO DOENTE SUA M.º EF.º IESTE SEM ESPERANSSA DEUIDA JADESENGANADO AQ. NÃO CHEGAUA AO OUTRO DIA UIUO LEMBRACE ELE DES.º NAPRIZÃO RRECORE AELE OCOAL FOI OSR. SSERUIDO OUIR OS CEUS ROGOS ELOGO TEUE MILHORAS ATE FICAR COM SAUDE PERFETA OSGOAIS UIERÃO COMPRIR OOUTO PREMETIDO AOM.º SNR. 1819.

14)—MILAGRE Q. FES O S.º DA PRIZÃO A ANTONIO GOMES ARTEIRO EM VLHER FRANC.º M.º EM O ANNO DE 1823.

15)—M. Q. F. N. SNR. DAPRIZÃO AHUMA DEBOTA ISTANDO AFLITA RRECORE O DITO SNR.

16)—MILAGRE Q. FES N. SENHOR DAPRIZÃO A MANOEL FRANCISCO DE VEIRAS.

17)—MILAGRE Q. FES N. SENHOR DA PRIZÃO A. SEZILIA ROSA DE VILLA DO CONDE Q. TENDO HVM PARTO MVNTO PRIGOZO CHIGOV OPONTO DE ESPERAR A HORA EM QVE ENTREGACE A ALMA AD.^s E RECORRENDO OMESMO SENHOR TORNON ATER ASVA ANTIGA SAVDE.

18)—M. Q. F. N. S. ANT.º QVETANO PINTO DESTA UILLA DAPOBOA ISTANDO COM HUMA GRANDE DOENSA RECOREU ODITO SNR. N. 1816.

19)—M. Q. F. N. SNR. AMANOEL LUIZ DE SOUZA DESTA VILLA TENDO UMA GRANDE MALINA RECORRENDO OMESMO SNR. LHE FES A ISMOLA DE LHE DAR SAUDE NOANNO DE 1823.

20)—MILAGRE Q. FES O SENHOR DA PRIZÃO A MARIA THEREZA MOREIRA LVGAR DECONFRIS FREG.^a DA ESTELA Q. ESTANDO DOENTE DE HUM PEITO RECORREO AODITO SENHOR ELOGO LHE DEV SAVDE.

21)—MILAGRE QUE FES O BOM JESUS NAPRIZÃO A MATIAS DO RIO QUE ESTANDO GRAVEMENTE ENFERMO E RECORENDO AO MESMO SNR. BOM JESUS LOGO ESPRIMENTOU SAUDE DZARº DE 1836.

22)—MILAGRE Q. FES N. S. DA PRIZÃO ANNA RITA JOAQUINA DA S.^a DAV.^a DEB.^{os} ANNO 1817.

23)—M. Q. F. N. SR. AANA IOAQUINA DEFREITES DAPOVOA DARUA DAPONTE ISTANDO COM HUMA GRANDE DUENSA FOI DEOS SERUIDO 1832.

24)—M. Q. F. N. S. AMANOEL JOSÉ DEFARIA BINDO DAHILHA PARA VPORTO NOHIATE CHAMADO GLORIA DEPORTV GAL LHE CAHIU TANTO TEMPO QUE ISTIBERO SOBRADOSIRECORRENDO OMESMO SNR. LHE ACODIU NOMES DEZENENOS 1816.

OREVERENDOVIGAIROFRANCISQVONOGVEIRADESTAIGREJJAABOGASAM DENOSSASENHORADACONJEIÇAMA-ZULIGOVACAPELAMORPORSVACONTANOANNO1696ANNOS.

(Continua)

VARIA HISTORIA

Em Villar de Seroia, districto do Porto, ha uma capella muito antiga e notavel, dedicada ao Senhor de Calvario.

Com a decadencia da classe de almocreves foi a festa annual reduzida e é feita do seguinte modo:

O Juiz, a seu arbitrio, convida os padres, pregador, musica, etc. Feita a funcção por conta d'elle, compra um boa porção de requifas e de vinho, leva tudo para uma casa *ad hoc* denominada *casa da confraria*, junto da igreja, convida todos os homens da parochia, e ali, ao som da musica, devoram todas as requifas, esviam o pipo, e depois, todos os convivas ou mordomos dão muito espontaneamente ao juiz da festa, tanto como elle deu quando mordomo, 1:000 réis, e por vezes mais cada um. Nomeiam logo ali novo juiz e assim se faz a festa todos os annos!

E' uma contribuição original e espontanea que pesa sobre esta freguezia desde remota epocha, o que os povos pagam com muita *satisfação*.

Nos limites da parochia de Villar-Chão, ha tres grandes penedos denominados *da Pinga*, porque um d'elles assenta sobre os outros dois, formando uma especie de ponte, e está sempre, mesmo na estiagem, vertendo ou *pingando* sobre o vão, agua que é tida por milagrosa, e por isso alguns habitantes da freguezia se banham n'elle, em um pequeno tanque que a natureza ali formou.

Diz a lenda: Que S. José, passando por ali, batera com o seu cajado no penedo, o que desde então ficara elle pingando!!!

Em Miranda, Villarinhos dos Gallegos, e outros pontos da extremidade leste de

Traz-os-Montes, como não têm pontes sobre o Douro, nem podem arranjar escadas que alcancem as duas margens, atravessam-n'o suspensos em uma corda, que estendem de uma a outra margem, indo os pobres *transcuntes* mettidos em ceirões de esparto ou amarrados à corda por uma ou outra. Um *vac-ven*. Assim atravessam o Douro, homens e mulheres, gado suino e lanigero. etc.

Só nos sertões d'África e na maldadada provincia trasmontana se encontram pontes de tal systema!

Isto em pleno seculo XX!!!

MAIAS

Como sabem o dia 1.º de maio de cada anno é muito festejado por esas terras fóra: manifestações operariás, muitas rosas pelas janellas e sacadas, etc.

Os usos e costumes do Minho conhecem-nos de sobejo. Entretanto nem em todo o paiz o *maio* é igual. Para que vejam alguma curiosidade, a proposito das festas das Maías, resigamos, no «Portugal Antigo e Moderno», o seguinte curioso artigo:

Usadas em Portugal, e ainda em nossos dias eram objecto de grande regosijo no Algarve.

São, com toda a probabilidade, herdadas dos romanos.

Vi eu mesmo as *festas das maías* em Tavira, Castro Marim, Villa Real de Santo Antonio e outras povoações do Algarve.

Faziam-se do modo seguinte:

Escolhia-se uma rapariga de dez a doze annos, das mais bonitas do sitio. Enfeitava-se com um vestido branco, joias, fitas e flores, e collocava-se em um throno florido, construido em uma sala ao rez da rua. Era a *maia*.

Em frente da casa onde ella estava, havia um mastro coberto de murta e flores, em roda do qual se dança-

va todo o dia, ao som de qualquer instrumento (às vezes até mesmo de uma philarmonica, mais ou menos horripante) e era um dia de divertimento e alegria.

Esta festa tinha logar no dia 1.º de maio de cada anno.

Não era só em uma parte que tinha logar a festa. Todas as ruas pareciam ter a sua *maia* e andavam à *compita*, qual d'ellas seria mais bonita e mais luxuosamente vestida, e em qual das festas haveria maior e melhor concorrência e sumptuosidade: o que às vezes dava causa a conflictos e desordens,

Ha alguns annos que o governo prohibiu a *festas das maías*.

*
* *

Ainda a proposito das *Maias*, escreveu o nosso immortal Camillo a seguinte graciosa e humoristica passagem:

—O poeta, quero dizer, o que faz da sua vida de dois ou tres annos chronica em verso, é como o figurão que no dia 1.º de maio passeia as ruas de algumas villas de Traz-os-Montes, vestido de giestas floridas de amarello e branco, cantando «as maías» diante das adufas de rotulos, por onde a louçã mocinha da casa lissonjeada nas trovas, lhe atira a moeda de cobre.

Ao declinar do sol, o florido «maio» despe as viçosas ramagens com so-frega impaciencia, chama a contas o thesoureiro das dadivas e joga com elle o murro, na hypothese quasi sempre justa de que elle cumpriu indignamente o seu mandato. Liquidado o producto das trovas e das cortezias ramalhudas, o festeiro do mez

das flores, funde os vintens escassos n'uma bodega, e faz das giestas vasouras com que mimosea a mãe.

UM CONTO POPULAR ALLENÃO

O principe definhava de dia para dia. Cada vez mais pallido e mais triste.

—Para que teu filho fique bom, e te venha a succeder no throno, —disse um velho sabio ao rei,—é preci-o que lhe vistas a camisa d'um homem que se julgue inteiramente feliz.

O rei fez partir embaixadas para as cinco partes do mundo em busca d'esse afortunado mortal.

Pesquizaram-se as côrtes, onde ha o poder; as academias, onde ha a sciencia; os salões, onde volita a alegria; os emperios, onde se ostenta a riqueza.

Em parte nenhuma se encontra esse homem precioso, um homem que se considerasse inteiramente feliz.

Recolhiam as embaixadas com a desalentadora resposta quando, ao atravessarem um campo da Suisa, ouviram ao largo uma voz infantil e sonora que regorgeava o «Ranzdesva hes».

Devia ser feliz quem de tal maneira cantava.

Correram para o sitio d'onde vinham os sons, e deram com um pastorzinho assentado no rebordo d'uma lapa.

Teria, quando muito, os seus nove annos.

Transpirava-lhe a saude nas faces, e o contentamento no olhar.

És feliz?...—perguntou de chofre o mais velho dos embaixado-

res.

—O quê, meu senhor?...—balbuciou o pequeno meio attonito.

—Se te julgas feliz n'este mundo?

—Tão feliz como esses passarinhos que vôam.

—Sem uma sombra de tristeza?

—Feliz de todo.

—A tua camisa por tudo o que appeterces na terra!

O pequeno sorriu, e continuou a «Ranzdesva hes».

Elle, o unico d'este mundo inteiramente feliz... não tinha camisa!

Catiban.

A SEGUNDA-FEIRA DOS SAPATEIROS

Os leitores sabem a razão porque vulgarmente se diz *segunda-feira dos sapateiros*, e porque é que esta classe a guarda como se fosse dia santo?

Vão saber-o se acaso o ignoram.

Uma revista franceza, *La revue des traditions populaires*, insere uma lenda relativa aos motivos porque S. Chrispim, o patrono dos sapateiros, foi canonisado.

Como se sabe S. Chrispim era sapateiro. Uma noite estando a trabalhar e tendo junto de si uma garrafa cheia d'agua, notou que a luz da candeia, passando atravez do liquido se concentrava em um unico ponto extremamente luminoso. Lembrou-se então de collocar a obra que estava executando sob aquelle ponto e d'ahi em diante poudo fazer os mais

díficeis trabalhos de sapataria com a mesma perfeição como se fosse de dia.

Chrispim deu parte do seu descobrimento aos camaradas do officio, que desde então seguiram o seu exemplo.

Foi em reconhecimento de este serviço que os sapateiros solicitaram a canonisação de S. Chrispim, que adoptaram por patrono. Como reconhecimento tambem os sapateiros resolveram não trabalhar no dia da festa do santo, mas, como ignorassem quando caia esse dia, e só soubessem que fóra n'uma segunda-feira, decidiram não trabalhar n'aquelle dia, sendo desde então a segunda-feira de folga para os sapateiros.

Ora ali está a causa.

DEMOPSYCOLOGIA

Entre muitas outras tradições populares que ouvi no Porto, lembra-me a seguinte, de D. Pedro I:

Uma occasião, D. Pedro I, foi visitar as cadeias da Relação; e, á medida que passava pelos presos ia perguntando porque estavam ali.

—«Não sabemos, real Senhor! estamos todos innocentes!...»

Porém, um dos presos, ao fazer-lhe el-rei aquella pergunta respondeu:

—«Por matar um homem, Senhor!»

Então D. Pedro I disse:

—«O teu crime está perdoado. vae-te embora; quanto aos outros vou saber porque razão se prendem os innocentes.»

E lá ficaram toda a vida por não

dizerem a verdade.

Eu conheço um conto napolitano, que é assim:

N'um dia de festa foi o vice-rei de Napoles, D. Pedro Giron, visitar as galés e usar da sua clemencia, perdoando a alguns criminosos. Perguntando a uns e outros o motivo porque estavam presos, responderam dizendo-lhe que estavam todos innocentes... Apenas um confessou a verdade, expondo fielmente todos os seus crimes, accrescentando que:

—«A prisão, Senhor, é o justo castigo dos meus delictos.»

Attenciosamente ouviu o vice-rei as narrações do condemnado, e voltando-se com severidade e altivez disse:

—«Retirem immediatamente este homem d'aquí para fóra. Não quero que preverta tanta gente boal...»

Retirou-se em santa liberdade o condemnado, quedando-se a lastimar a sorte, os innocentes, nas galés d'el-rei!

A razão, pois, porque uma scena passada em Napoles se transporta para a nossa côrte, só se explica por uma lei de demopsychologia, em que os grandes vultos absorvem os feitos d'outros a quem o tempo se encarregou de olvidar, ou que lhe tenham sido inferiores.

D. Pedro I foi um grande rei, razão porque a Historia lhe chama Justiceiro!

A sua chronica, escripta por Fernando Lopes, vem cheia de casos que mostram exuberantemente que todos os monarchas assim deviam viver e reinar em todos os cantões do mundo. Rei altivo, rei severo, rei todo amor, rei todo justiça.

O povo, á vista d'isso, attribue a D. Pedro I os mais extraordinarios casos, e conta d'esse grande monar-

cha o acto de benemerencia que acabou de apontar.

Candido A. Landolt.

AS BARBAS

Uma barba comprida era considerada entre os antigos como um dom de formosura. Os gregos e romanos adornavam com ella as estatuas dos seus deuses, á excepção de Apollo e Baccho, que sempre se figuravam imberbes. E' para admirar, que este gosto vogasse tanto na Arabia, Egypto India e Africa, isto é nos paizes mais quentes, onde semelhante moda devia encommodar mais a quem a usava. Este uso subsiste ainda hoje n'aquelles paizes, e os povos asiaticos e africanos mostram-se muito ciosos de semelhante costume.

Com a invasão dos bárbaros do norte cresceu na Europa o gosto pelas barbas compridas. Os povos do norte tinham razão para este uso, porque as barbas longas protegiam a cara e pescoço contra o frio, e até a natureza enroupou os animaes d'esses climas com muita lã e bastos pellos.

O dominio nos mouros concorreu muito para se generalisar e conservar esta moda na peninsula. Portuguezes e hespanhoes usavam barbas longas, como se vê dos retratos dos reis e personagens antigos de ambos os paizes. Foram os portuguezes os primeiros, que no reinado de D. João I começaram a cortar as barbas, sendo por esse motivo escarnecidos pelas mulheres hespanholas.

Na época de Luiz XIV desappa-

receu o uso das barbas compridas na Europa, e quem se atrevia a apparecer diante de pessoas de respeito, sem ser bem barbeado, passava por grosseiro, sordido e de maus costumes. Os frades obstinaram-se em conservar as barbas, e principalmente certas ordens religiosas, como os franciscanos, capuchinhos e outros pareciam folgar de andar em contradicção com o resto da gente, e de se parecerem em semelhante uso mais com os mouros, judeus e indios.

Introduziu-se depois no exercito o uso dos bigodes, e attribue-se esta innovação a Frederico da Prussia. O uso das barbas compridas ficou limitado aos porta-machados dos regimentos, o que estava em certa harmonia com as barretinas, avental e outras singularidades do seu uniforme.

Ficaram as cousas neste estado até á época em que rebentou o vulcão da revolução franceza. Voltou novamente a moda das barbas, e quem apparecia em publico sem suissas, bigode e pera, era logo indigitado como aristocrata, realista, moderado e suspeito, o que muitas vezes era sufficiente para levar um homem á guilhotina. Da França facilmente se propagou pela Europa o novo uso das barbas compridas e longos bigodes.

Muita gente considera este costume como um contrasenso da época actual; embora esteja em harmonia com as roupas fluctuantes dos turcos e orientaes, e com os seus habitos indolentes e vida pouco activa; embora seja toleravel nos frades, em virtude das tunicas de que fazem uso e da sua vida sedentaria. Onde está porém a harmonia com as modas e trajas que dominam hoje entre a sociedade? O homem trajando á moda

europêa e com longas barbas, parece trazer enfiada na cabeça a mascara de um musulmano.

No verão este uso é realmente incommodo. Signal de valor não pôde ser, porque a bravura não precisa d'este aparato exterior. Don de formosura também não é, porque o homem com grandes barbas parece-se mais com certos animais felpudos e bem feios. Indicio de respeito também não; porque esta exterioridade é insignificante para infundir acatamento; e os homens de verdadeiro merito e grandes virtudes não carecem d'este adorno, para serem respeitados.

O uso das barbas grandes é o resultado da moda, que exerce um dominio tyrannico, embora extravagante e absurdo, sobre os costumes sociais.

PERFIS POPULARES

O AGUADEIRO DE LISBOA

Existe ainda dos nossos antigos conhecimentos, o aguadeiro gallego. Soum-me ao ouvido familiarmente o seu estirado *Ai-Ai!* Mas que é do Barril? Já não existe aquelle barril alegremente pintalgado que era um enlevo dos olhos. Encontrei tres ou quatro d'esses homens quando me recolhia; todos levaram barris côr de chumbo ou de aleatão. Havia no tempo de um d'elles uma lista vermelha desbotada, triste recordação dos dias em que brilhavam pintados com matizes variadissimos de barras e laçarias. O proprio gallego tornou-se melancolico e sujo como o seu barril. Algum tempo, havia o quer que fosse caracteristico no seu trajar: quando um grupo de aguadeiros estava sentado nos seus barris variegados, ou se reclinava nas escadas do chafariz, era isso uma vista que refrigerava a gente. Pode ser que o gallego se compenetrasse da convicção de que vai ser a pouco e pouco delido e dissolvido pela companhia das aguas.

O VENDEADOR DE JORNAES

Ouve-se o gargantear monotono do amola navalhas—«plangente, muitissimo canoro»—e resalta do continuo, á laia de ostri-billo, que vos intruja os ouvidos, aquelle estridente apregoar matutino: *O Illustrado, Noticias, Popular, etc.* Assim se chamam os jornaes mais em voga, cuja distribuição me pareceu ser exclusiva principalmente de uma classe de mulheres e raparigas indigentes.

Estes e outros vendem-se a milhares nas ruas. Custam 10 reis. São editados por alguns dos principaes litteratos. Publicam espirituosos folhetins collaborados pelos escriptores de mais renome e popularidade.

O VENDEADOR DE CAUTELLAS

Que outro pregão é este que so ouve e desde o alvorecer do dia me quebra os ouvidos, requintando o estridulo fallarido das ruas que se congrossa pelo dia adiante, e muitas vezes nem depois da meia noute se cala? Dois gaiatos correm, sem descanço, acima e abaixo por ambos os lados da rua; e por toda a cidade vereis, ao mesmo tempo, homens e rapazes, na mesma azáfama. Trazem nas mãos uns massos de papellinhos. Um dos dois que nos estão mais perto, berra de um lado: *mil seis centos e setenta e nove*; do outro lado responde o outro: *oito centos noventa e dois*; e ambos a um tempo levam ao phrenesi a gritaria: *Hoje anda a roda—h-o-j-e—a-n-d-a—a—r-o-d-a!*

Mas que roda é esta que rodando hoje, faz toda essa algazarra? E' a roda da fortuna, que gira ao meio dia e decide do destino dos possuidores de bilhetes. Até às dez horas é permitido vender bilhetes e cautellas, e provavelmente durante a ultima meia hora vendem-se mais aos jogadores impacientes do que em todo o curso do dia antecedente. A roda da fortuna meche-se alli de dez dias. Se vos apraz arriscar cinco mil reis, comprais o direito a que um acaso vos favoreça com o premio grande—cinco contos de reis.

Troquei os meus olhos pretos
Pelos teus acastanhados;
Agora fica-me o nome
Amor dos olhos trocados.

ORAÇÃO DO ANJO CUSTODIO

(Paredes)

Anjo Custodio, amigo meu.
Custodio sim, amigo não.
—Anjo Custodio queres-te salvar?
Sim, senhor, quero.
Diz-me a uma.
Uma é a virgem Nossa Senhora
que acima d'ella não ha mais nenhuma.

Anjo Custodio, amigo meu,
Custodio sim, amigo não.
Anjo Custodio queres-te salvar?
Sim senhor quero.
Diz-me as duas.
As duas são as duas taboas de Moysés.
Uma é a Virgem Nossa Senhora
que acima d'ella não ha mais nenhuma.

Anjo Custodio, amigo meu.
Custodio sim, amigo não.
Anjo Custodio, queres-te salvar?
Sim senhor quero,
Diz-me as tres.
As tres são as pessoas da SS. Trindade.
Diz-me as duas.
As duas são as taboas de Moysés.
Diz-me a uma.
Uma é a Virgem Nossa Senhora
que acima d'ella não ha mais nenhuma.

Procede-se da mesma forma ácerca dos
numeros seguintes:

Diz-me as quatro.
As quatro são os quatro Evangelistas.
As cinco são as cinco chagas de N. S. J.
As seis são os seis cirios bentos.
As sete são os sete sacramentos.
As oito são as oito bemaventuranças. (1)
As nove são os nove côros d'anjos.
As dez são os dez mandamentos.
As onze são as onze mil virgens.
As doze são os doze apóstolos.
As treze são os treze raios do sol
que arrebentam os diabos todos
desde o pequeno a maior. (2)

(1) Alguma dizem: são os 8 corpos santos.

(2) Esta oração não se pode interromper nem deixar de concluir, aliás grandes prejuizos advirão a quem tal succeder. É uma das orações de mais virtude.

ROMANCEIRO

D. CAETANO E D. CARLOS

—*—
Ai! de mim que já 'stou velho
as guerras me acabarão!
de sete filhas que eu tenho
sem nonhuma ser varão!...
—Mande já vir um cavallo.
verá um filho varão.

Tendes o cabello grande,
filha, conhecer-vos-hão.
—Mande já vir as thesouras,
que o faço cair ao chão.

Tendes os olhos formosos,
filha, conhecer-vos-hão.
—Andarei no chão com ellos,
não mais d'alli sairão.

Tendes as mãos pequeninas,
filha, conhecer-vos-hão.
—Eu calçarei umas luvas,
não mais d'aqui sairão.

Tendes o andar miudinho,
filha, conhecer-vos-hão.
—Trarei o passo apressado,
nunca as pernas mudarão...—

—==—
Que tendes vós, ó meu filho,
que tendes no coração?
—Os olhos de D. Caetano
são de mulher, d'homem não.—

Convida-o tu, ó D. Carlos,
para contigo jantar;
se fôr homem, na cadeira
mais alta vai-se assentar,
e se fôr uma mulher,
vai logo á mais pequenina
cadeira que lá 'stiver.

—Que tam pequenas cadeiras!
quem n'ellas se ha-de assentar?
são proprias para mulher
p'ra homens não têm logar.

Que tendes vós, ó meu filho,
que tendes no coração?
—Os olhos de D. Caetano
são de mulher, d'homem não.—

Convida-o tu, ó meu filho,

para contigo dormir
que se fôr homem ou mulher
lá se ha-de descobrir.

—Foi juramento que fiz
enquanto a guerra durar,
de nunca mais me despir,
e nunca me despertar,
e esta espada entre nós dois
por cautela ha-de ficar.

Que tendes tu, ó D. Carlos,
que tendes no coração?
—Os olhos de D. Caetano
são de mulher, d'homem não.—

Convida-o tu, ó D. Carlos,
para ir contigo á feira,
se ella fôr uma mulher
irá logo às bonecadas,
mas se elle fôr um homem
vai aos paus e ás espadas.

Oh! que espada tam bem feita
para qualquer empunhar!
se eu acaso não tivera
esta havia de levar...—

Que tendes vós, ó D. Carlos,
que tendes no coração?
—Os olhos de D. Caetano
são de mulher, d'homem não.—

Convida-o tu, ó D. Carlos,
para contigo nadar,
se fôr homem ou mulher,
lá se ha-de declarar.

—Cartas me chegam de longe,
tenho meu pae a morrer...
vou pedir licença ao rei,
não quero deixar de o ver.

Adeus, adeus, ó D. Carlos,
cá vai D. Leonor,
sete annos andei na guerra
e vai ainda a mesma flor.

D. CAETANO E D. CARLOS

(Versão de Paredes)

De sete filhas que tenho
não tivêra um varão!
—Não se agonie, meu pae,
que eu screi o capitão.

Tendes os olhos fagueiros,
filha, conhecer-vos-hão;
—Quando passar pelos homens,
eu o botarei ao chão.

Tendes o peitinho grande,
filha, conhecer-vos-hão;
—Dê-me meu pae, uma farda
que eu o amarro ao coração.

Tendes o cabelo grande,
filha, conhecer-vos-hão;
Dê-me cá umas thesouras,
que eu o deitarei ao chão.

Minha mãe, Jesus! que eu morro,
abafo do coração!
que os olhos de D. Caetano
são de mulher, d'homem não.

—Convida-o tu, ó D. Carlos,
para contigo dormir,
que se fôr uma mulher
bem se ha-de descobrir.

—Quando me deu esta espada,
o meu pae fez-me jurar
de sempre a trazer comigo
de nunca mais a largar,
e, enquanto durar a guerra,
de nunca a despertar.

—Minha mãe, Jesus! que eu morro
abafo do coração!
os olhos de D. Caetano
são de mulher, d'homem não!

—Convida-o tu, ó D. Carlos,
para contigo jantar,
se fôr homem, na cadeira
mais alta vai-se assentar.

—Oh! que tam baixas cadeiras
p'ra homens não tem logar,
venham cadeiras mais altas,
n'estas não me hei-de eu sentar!

Minha mãe, Jesus! que eu morro
abafo do coração!
os olhos de D. Caetano
são de mulher, d'homem não!

Convida-o tu, ó D. Carlos,
para contigo ir á feira
que, se fôr uma mulher,
larga os paus e as espadas
e vai direita aos ourives,

aos aneis e arrecadas.

—Oh! que espada tam bem feita
até dá gosto empunhar!
se eu acaso não tivera,
esta havia de comprar.

—Minha mãe, Jesus! que eu morro,
abafo do coração!
os olhos de D. Caetano
são de mulher d'homem não!

—Convida-o tu, ó D. Carlos,
para contigo nadar,
que, se fôr mulher ou homem,
lá se ha-de declarar

.....
—Chega-me agora esta carta
que meu pae está a morrer
vou já pedir ao meu rei
que me deixe eu, il-o vêr.

.....
—Sete annos andei na guerra,
se mulher vim, mulhêr vou:
honrada vim, honrada sou.
Adeus Carlos, meu amor,
que dormistes sete annos
com a D. Leonor!...

D. CAETANO E D. CARLOS

—Que fazeis aqui, senhora?
que fazeis aqui donzillia?
—Ha sete annos que aqui ando,
não falta senão um dia;
queres tu, ó cavalleiro,
levar-me na tua guia?

—Quero sim, se tu quizeres
ir na minha companhia,
—Não me leves por mulher
nem tambem por tua amiga,
leva-me por tua escrava
que te sirvo toda a vida.

—De que vos rides, senhora,
de que vos rides, donzillia?
—Rio-me do cavalleiro
e da sua cobardia,
que achou donzillia na serra
e lhe guardou cortezia,

—Voltamos atraz, senhora,
voltamos atraz donzillia,
que a minha espora é de prata
por lá me ficou perdida,

—Se a sua espora é de prata
meu pae d'ouro lh'a daria
sou filha de El-rei de França
e da rainha Contantina.

—Olhem a minha desgraça
olhem a desgraça minha!
cuidei que trazia amores
e trago uma mana minha!

—Toquem os sinos á festa,
venha a senhora rainha
vêr o seu filho de volta,
que lhe traz sua filhinha!

—Se tu és a minha filha,
bota-te n'estes meus braços,
se tu és a minha nóra,
anda p'ra estes palacios,

ADAGIOS

Amores=Paixão=Saudades

- 1—Quem o feio ama bonito lhe parece.
- 2—Amor de mulher e festas de cão só atento p'a mão.
- 3—Quem tem amores não dorme
- 4—O amor e a fê, nas obras se vê.
- 5—Amor, com amor se paga.
- 6—Homem apaixonado não quer ser aconselhado.
- 7—Muita affeição, tira a razão.
- 8—Amor, dinheiro e cuidado, nunca bem dissimulado.
- 9—Estado Real, não tira amor natural.
- 10—Amor, fogo e tosse, o seu dono descobre.
- 11—Guerra, caça e amores, por um prazer cem dores.
- 12—Quem na guerra e amor se metto, nem sempre sac quando quer.
- 13—Amor picado, amor dobrado.
- 14—Quem ama Beltrão, ama o seu cão.

Amos=Creados

- 1—Manda o amo ao moço,
o moço ao gato

- e o gato ao rato.
 2—E' honra dos amos,
 a que se faz aos creados.
 3—Quem ao bom serve,
 nada perde,
 quem ao mau serve,
 tudo perde.
 4—Não sirvas a quem serviu,
 não peças a quem pediu,
 não devas a quem deveu,
 nem compres a quem comprou,
 mas antes a quem herdou,
 que não sabe o que custou.
 5—Em quanto o amo bebe,
 o creado espera.
 6—Com teu amo não jogues as peras,
 elle come as maduras e dà-te as verdes.
 7—Mau é ter moço,
 mas é peor ter amo.
 8—Quando finda o anno,
 tem o moço as manhas do amo.
 9—Tal é o amo,
 assim o creado.
 10—O burro do meu visinho,
 só sabe dizer o que lhe eu ensino.
 11—O burro do meu cartacho,
 só sabe dizer o que eu lhe encaixo.
 12—Disse o taxo á certã:
 Olha lá, não me enfarrusques.
 13—Disse o côrvo á pega,
 Tira-te lá, que és negra.
 14—Quem não tem pé,
 não dá coque.
 15—Ovelhas e fidalgos,
 não são p'ra matto.
 16—Obra feita dinheiro á unha.
 17—Em quanto se capa,
 não se assobia.
 18—Quem bom almoçou,
 bem jantou.
 19—Quem se deita sem ceia,
 toda a noite rabeia.
 20—Quem se molha por gosto,
 perdôa a doença.

Amores—Palvão—Saudades

- 15—Quem ama sabe o que quer
 e nem sempre o que ha-de fazer.
 16—Se o amor te fizer chaga,
 com elle mesmo a sara.
 17—Quem tem amor atraz da portella,
 tanto olha até que cega.
 18—Amor e reino,
 não quer parceiro.
 19—Amor e seuhoria,
 não quer companhia.

20—Longo da vista,

Apparencias—realidades

- 1—Dar bilha de leite,
 por bilha de azeito.
 2—Dos enganos,
 morrem os escrivães.
 3—Anda moio mundo,
 a enganar outro meio.
 4—Por fóra cordas de viola,
 por dentro pão bolorento.
 5—Por cima tudo são rendas,
 por baixo nem faldas tem.
 6—Nem tudo que luz é ouro,
 nem todo o matto são ouregãos,
 7—De noite,
 todos os gatos são pardos.
 8—Contas na mão,
 Deus na boeca,
 e o diabo no coração.
 9—Quem não quer ser lobo,
 não lhe veste a pel.
 10—Mulher velha dançadeira,
 mulher nova rosadeira,
 e homem muito cortez,
 leve o diabo a todos tres.
 11—Mulher que sabe latin,
 e burro que diz him!
 nunca elles terão bom fim.
 12—Nenhum dedo faz mão,
 nem andorinha faz verão.
 13—Ha lêr de léres,
 e entender de entenderos.
 14—A bocca e mel,
 o coração é fel.
 15—Pôr o ramo n'uma porta,
 e vender o vinho n'outra.
 16—Debaixo de boa capa,
 se occulta bom bebedor.
 17—O habito, não faz o monge.
 18—Dinheiro e santidade,
 metade de ametade.
 19—Estando o diabo a rezar,
 é que quer enganar.
 20—Espadas e anneis,
 consente a mão em que os vereis.
 21—Muito vae de Pedro a Pedro.
 22—Por obras e não pelo vestido,
 deve o homem ser conhecido.
 23—Guarda-te d'homem que não falla,
 e de cão que não ladra.
 24—A bom entendedor,
 meia palavra basta.

ADIVINHAS

1

Qual é coisa, qual é ella,
que é longa e é furada,
pinga, mas não derrete,
satisfaz-nos o desejo,
e chega-nos á barriga,
porém, ser cousa indecente
não se creia, nem se diga.

2

Eu em França foi nascido,
a Portugal fui trazido,
se não o espéto sou perdido.

3

Redondinho, redondinho,
como a mó do moinho.

4

Verde foi meu nascimento,
mas de luto me vesti
e para dar luz ao mundo,
mil tormentos padeci.

5

Pelluda por fóra,
pelluda por dentro,
alça-lhe a perna,
mette-lh'a dentro.

6

Ora vê lá, vê lá:
inda o pae não é bem nado,
já anda o filho sobre o telhado.

7

Ao pé de ti estou,
ao pé de ti me tenho,
e d'aqui não saio,
sem te metter o que tenho.

8

qual é a cousa, qual é ella,
tão pequena como a abelha,
e enche a casa até á telha?

9

Metto-te dura
tiro-te branda,
e o meu corpo
se está regalando.

10

Campo branco,
semente negra,
cinc' bois
e uma chavelha.

11

O que é, o que é,
que fossa como um porco,
e porco não é;
reluz como prata,
mas prata não é?

12

O que é, o que é,
que o rico aproveita
e o pobre engeita?

13

O que é, o que será,
que nasce na deveza
e vae comer
com o rei á meza?

14

O que é, o que é,
que toda a gente vê,
uma vez n'um minuto,
duas n'um momento,
e nunca n'um anno?

15

O que é, que será!
que passa o rio e fica cá?

16

Femea sou de nascença,
macho me querem fazer,
pois vou botar-me a afogar
p'ra femea tornar a ser.

17

Vamos para a cama
fazer o que Deus manda,
ajuntar pélo com pélo
e o polladinho no meio,

18

D. Branca está estendida,
O compadre salta-lhe a riba,
O compadre vae e vem,
D. Branca aberto o tem,

19

Minha ama é delicada
Delicada no comer,
Mastiga e deita fóra,
Que engulir não póde ser..

20

Qual é aquella que nasceu
Por entre duas paredes,
Supporta que a não vêdes
Está batendo no ceu,
Tem á porta gente armada
Mas isso de nada importa
Quando d'olla sahir
As armas não vale nada.

21

Qual é a cousa, qual é ella,
Que anda de boraco em boraco,
Cum as tripas sempre de rastos?

22

O que é o que é
Que nasce no alto picôto
E quando nasce vem como onariz torto?

23

Qual é a couza qual é ella
Que é torta e bem torta,

E corta as pernas aos direitos?

24

Verde por fóra,
Encarnado por dentro,
E preto, o que tem dentro?

25

Qual é a cousa qual é ella
Que canta como a perdiz
Faz pontaria ao calcanhar
E salta ao nariz.

26

Amarello por fóra,
Amarello por dentro,
Amarello o que tem dentro.

27

Alto como um leirão
Cabe no ninho do chinchão?

28

Mais alto que um leirão
Cabe dentro d'uma mão.

29

Velha velhinha
Muito encarquilhadinha,
A' porta uma tranquinha;
Passa, passa, que passa és,
Se não adivinhas, burro és.

30

Casinha branca,
Sem porta nem tranca.

31

Tem esporas nos pés,
Pennas no rabo,
Christa na cabeça;
Adivinha tólo o que é.

32

Diga-me snr. estudante
Que estuda a geographia
Qual é a ave que tem têtas
Que pare e que cria.

33

Vermilhinho, vermilhoques,
Mexericos, mexeroques,
Nem cosidos, nem assados,
Nem mechidos com colher,
Este anno não adivinhas,
Nem p'ra outro que vier
Só se t'io eu disser.

CANCIONEIRO

—*—

OFFERECENDO UM RAMINHO

—Tome lá este raminho
Que da minha mão se offerece,
Não é como eu desejo
E a menina merece.

—Acceito e acceitarei,
Que acceitar é cortezia,
E talvez que d'outro modo
Lhe pagarei algum dia.

—O' minha bella menina,
Quem a mandou acceitar?
Pois bem podia entender:
«Quem acceita tem de dar».

—=—

O MESMO ASSUMPTO

Tome lá este raminho
que ao mou jardim fui colher,
com pena de não a vêr,
com magua do coração
por me deixar sem razão
á falta de lealdade.
Se de mim não tem vontade,
se esses seus olhos traidores
tomaram novos amores
e me deixaram ficar,
mande-me desenganar.

—=—

O CRAVO E A ROSA

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma;
O cravo anda em demanda
Por a rosa ter mais uma.

Eu fui ao jardim dos cravos,
Dos vermelhos cortei um,
As falinhas dão-se a todos
Liberdade só a um.

Cravo não queiras a rosa,
E's mais bonito que ella:
O cravo põe-se no peito,
A rosa põe-se á janella.

Não ha cravo como o branco,
Até ao echeirar é doce,
Nem amôr como o primeiro,
Se nunca acabado fosse.

O cravo depois de sêcco,
Bota-se por 'bi alem:
A rosa quanto mais sêcca
Tanto mais prestimo tem.

O cravo do teu craveiro
Aqui 'stá quem o cortou:
Não tenhas pena, meu bem,

Que elle ao teu peito seccou.

— () —
TRES ESTRELLAS

Tres estrellas 'stão no céu,
Todas tres em carreirinha,
Uma é minha, outra é tua,
Outra de minha madrinha.

Tres estrellas 'tão no céu,
Todas tres de Lua ao pé;
Mas a minha está no meio,
Bem formosa que ella é!

Tres estrellas 'stão no céu,
Todas tres d'uma feição:
Uma é minha, outra é tua,
E outra de S. João.

Tres estrellas 'stão no céu,
Todas tres em carreirinha:
De todas estas estrellas
Só Deus sabe qual é a minha.

— = —
AMORES

Se eu chegar a ter amores,
N'este logar ha-de ser,
Ou em baixo, ou em cima,
Ou no meio, a escolher.

Se eu chegar a ter amores,
Ha-de ser c'um primo meu.
Quando nós nos arrufarmos:
—Primo, não és mais do que eu!

Se eu chegar a ter amores,
Ha-de ser c'um alfaiate
Que me faça um collete
Que, de apertado, me mate.

Se eu chegar a ter amores,
Ha-de ser com um almocreve;
Quando fôr á romaria,
'Tenho um burro que me leve.

Se eu chegar a ter amores,
Ha-de ser com um sardinheiro;
A' semana leva o burro
E ao domingo traz dinheiro.

TENHO UM CÃOSINHO

Eu tenho um cãosinho
E você tem dois,
Adeus, amorzinho,
Até ao depois.

Eu tenho um cãosinho
E você tem trez.
Adeus, amorzinho,
Até outra vez.

Eu tenho um cãozinho
E você tem quatro.
Adeus, meu bemzinho,
Não sejas ingrato.

Eu tenho um cãosinho
E você tem cinco.
Adeus, amorzinho,
Não cuides que brinco.

Eu tenho um cãozinho
E você tem seis.
Adeus, amorzinho,
'Tê dia de Reis.

Eu tenho um cãozinho
E você tem sete.
Adeus, amorzinho,
Não faltes, promette.

Eu tenho um cãozinho
E você tem oito.
Adeus, amorzinho,
Trago-te um biscoito.

Eu tenho um cãozinho
E você tem nove.
Adeus, amorzinho,
Teu pranto commove.

Eu tenho um cãozinho
E você tem dez.
Adeus, amorzinho.
Até outra vez.

Eu tenho um cãozinho...
Não sei se o tenho:
Por 'môr do cãozinho
E' que eu aqui venho.

— * —

JURAMENTO

Eu jurei e tu juraste,
O juramento valeu,

Tu juraste que sou tua,
Eu jurei que tu és meu.

Eu jurei e tu juraste,
Juraste tu, jurei eu,
So faltares ao juramento,
Nem ou tua, nem tu meu.

Eu jurei e tu juraste,
O juramento é sagrado,
Quem faltar ao juramento
Commette um grande peccado.

Eu jurei e tu juraste,
Foi juramento eterno,
Se faltar's ao juramento,
Vae's de certo para o inferno.



SAUDADE

O' Villa Real alegre,
Princeza de Traz-os-Montes,
No dia em que te não vejo,
Meus olhos são duas fontes!

Minha terra, minha terra,
Quem me separou de ti?
Os anjos do céu me levem
A' terra onde eu nasci!

O' auras da minha terra
Vinde por aqui levar-me,
Que os ares de terra alheia
Não fazem senão matar-me.



O MEU AMOR

O meu amôr é bem rico,
Anda no caes da Ribeira,
Com suas meias de seda,
Sapatos á brazileira.

O meu amôr o o teu
Andam no caes da Ribeira;
Anda o meu á herva doce
O teu á horva cidreira.

O meu amôr é pequeno,
Mas maior de que um botão;
So elle não fosse tamanho,
Trazia-o no coração.

O meu a mor é um tolo,

Os tolos tambem tom graça,
E' cons'ante Deus o deu,
Não o fui comprar á praça.

Meu amôr é como um rato,
Mas maior, que dois ratinhos,
Fura aqui, fura acolá,
Por variados caminhos.



GUILHERMINA

(TROVA POPULAR)

—Minha mãe, quero contar
O que hoje me aconteceu:
Um amante que arranjei
Para cazar e mais eu.
E' bonito e é formoso,
Tem tambem muito de seu!

—Valha-te Deus, minha filha,
'Stas no rol dos innocentes!
Já me fallas em cazar
E mal te nascem os dentes;
Tu cuidas que aturar homens
E' comer castanhas quentes?

—Minha mãe, não se arreceie,
Com certeza vou casar,
Quando elle trouxer piteira
Na cama me vou deitar:
Emquanto eu assim fizer,
Nada me custa a aturar.

—Bem vês tu, ó Guilhermina,
Que és nova para cazar,
'Iuda não tens doze annos,
«Não te deixo arranjar»,
E se agarro n'um cacete,
Não me enfado de te dar.

—A mãe está tratando mal
A quem tanto a respeita,
Por fallar em casamento
Eu não commetto desfeita.
E, se nós formos a contas,
Não me vence d'esta feita.

—A mãe quantos annos tinha
quando com o pae casou?
passava dos doze annos
mas aos treze não chegou,
deve ser bem boa filha
quem sua mãe imitou.

—Casa, casa, minha filha,
que eu tambem já me casei,
o casar é bom petisco
eu tambem não desgostei,
se elle te fôr as costelas
gritarás aqui d'El-roil!

—Eu vou já pedir licença
a meu pae para casar,
vou lavar os meus vestidos
para depois engomar,
Minha mãe já deu licença,
meu pae não pode negar.

AMODAS E EFADOSA

A SEMANA DOS NAMORADOS

(SANTA MARINHA DE LODARES)

Eu à SEGUNDA, te amo,
A' TERÇA, te quero bem,
A' QUARTA, digo que morro,
A' QUINTA, digo por quem.
A' SEXTA, não t'o explico,
Que já o sabes, meu bem,
SABBADO, põe-te á janella
Verás passar o teu bem:
No DOMINGO, vae á missa,
Verás a quem quero bem.

FADO DO SOLTEIRÃO

(De Parêdes)

Ter um botão despregado
e a camisa por coser,
mil arranjos precisar
e ter tudo por fazer,
andar roto esfirngalhado!...
Quem me déra ser casado!

Acordar sobresaltado
aos gritos d'algum nêné,
sem saber o que fazer,
ouvindo: «truz, truz»! Quem é,
pensando que estou roubado!...
Já não quero ser casado.

Vêr-se um homem sempre só,
sem ninguom com que falar

nem quem d'elle tenha dó,
e má vida ainda levar,
vivendo dsconsolidado...
Quem me déra ser casado!

Vêr-se um homem obrigado
a deitar com as gallinhas,
a aturar tollices d'outrem
e a estafar as anquinhas,
pela esposa maltrado!...
Já não quero ser casado!

Mas sentir necessidade
e, sem nunca descansar,
percorrer toda a cidade
mulheres a procurar,
andar sempre atralhado!...
Quem me déra ser casado!

E olhar pelas gallinhas,
ao lume pelas panellas
aturar mulher e filhos,
e ella a abrir as guellas,
como se eu fosse um criado?
Já não quero ser casado! (1)

(1) Todas estas tradições, desde paginas 67 d'esta Revista, são extrahidas dos n.ºs 2 a 5, 1.º anno do *Correio Selecto*, de Villa do Conde, anno de 1900, cujo collecter desconhecemos.

N. da R.

LENDA POPULAR

O nosso povo, na sua ingenua crença, attribue a Jesus milagres que elle não fez e accrescenta á sua biographia factos egualmente imaginarios, que os evangelistas mais minuciosos não referem.

Eis um exemplo d'essas lendas engraçadas:

Era no principio do mundo. Jesus em companhia de S. Pedro passou á porta d'um ferreiro e saudou-o, dizendo:

—Adeus, mestre!

Como não havia outro ferreiro então no mundo, porque cada arte

havia sido ensinada por Deus a um só homem, sem a obrigação de a transmittir a outro por sua morte, o ferreiro orgulhoso respondeu:

—Mestre dos mestres!

Jesus voltou atraz e disse:

Se és o mestre dos mestres faz d'este pau um prego. E apresentou-lhe um graveto que apanhára do chão.

O ferreiro respondeu que tal obra era impossivel.

—Não ha tal, disse Jesus. E dirigindo-se á forja, aqueceu o pau ao rubro. Quando o ferreiro imaginava que elle tirasse da fornalha apenas um bocado de carvão, Jesus apresentou um bocado de ferro que, habilmente martelado por elle, deu um prego perfeito.

O ferreiro desconfiado fez repetir a experiencia que deu egual resultado.

Jesus disse-lhe então:

—Homem de pouca fé, quero maravilhar-te mais. E dirigindo-se a uma velhinha, que por acaso se encontrava na officina disse-lhe:

—Mulher, queres tornar a ser nova?

A velha sorriu, e disse que isso era impossivel.

Jesus provocou na forja uma lavareda enorme, e, envolvendo n'ella a pobre velha, transformou-a n'uma bella rapariga.

Em seguida retirou-se, deixando o ferreiro boquiaberto.

O ingenuo Vulcano, que não conhecia Jesus nem o seu companheiro attribuiu estes milagres a especiaes virtudes da sua forja, e, como tivesse a mãe entrevada, foi ter com ella e disse-lhe:

—Minha mãe, acabo de saber que a nossa forja tem maravilho-

sas e singulares virtudes! Transforma o pau em ferro e as mulheres velhas em raparigas! E contou-lhe o que se havia passado.

A pobre velha pediu-lhe immediatamente que, pelo mesmo processo, lhe descarregasse 60 annos aos 80 que já tinha, ao que o filho accedeu.

Mettida na labareda da forja, a velhinha dava gritos lancinantes; mas o implacavel ferreiro cada vez tocava mais o folle, a ponto que queimaria a pobre mulher, se Jesus não apparecesse a tempo de a salvar, mandando suspender a operação e curando-lhe as horriveis queimaduras.

Depois, com a sua natural bonomia, disse ao ferreiro:

—Não venho transformar as leis da natureza, que crici e está sob a direcção de meu eterno Pae; quiz simplesmente fazer-te comprehender que mestre dos mestres só é Deus.

A. Ramos.

UMA LENDA

(A Antonio Soares Sanches)

Teria eu os meu sete annos.

Minha avó que era natural de Rio de Moinhos,—formosa povoação distante alguns metros de A-brançalha, outra aldeiasita com direito a um titulo de notavel, porque foi ali que o Mestre d'Aviz, apertado pelo Condestavel, tomou a resolução de partir para a memoravel batalha de Aljubarrota que havia de ficar gravada nas paginas da nossa historia,—contou-me uma

noite, á lareira, quando o vento soprava rijo e a lua em pleno azul erguia seu rosto ameno:

—«No ceo havia um movimento desusado. Os córos celestiaes dos anjos cessaram e debalde se conseguia estabelecer o silencio.

Entretanto um movimento houve em que tudo socegou.

Dir-se-hia que no ceo se fizera inteira paz, e na terra pleno abril.

Então atravez d'uma legião de anjos e cherubins atravessa o anjo mau, o anjo rebelde, qual è arre-messado pelo espaço, chegando cá abaixo no fim de muitos mezes.

A terra abriu enormes abysmos e o genio do mal sumiu-se por ahí a fundar um reino infernal, para os vis, para os máus.

Firmada a *carta*, pela qual se regeria esse reino, voltou Lusbel á terra.

Operava-se então aqui uma transição nos costumes.

Jesus pré-gava por toda a parte as maximas sublimes da *Liberdade*, *Igualdade* e *Fraternidade*; o feudalismo começava a oscillar ao sopro do novo Evangelho e os pequenos, os humildes recebiam do Mestre aquellas doutrinas de amor.

Tratou Lusbel de tentar Jesus; procurou leval-o a transformar as pedras em pão, inspirou o bello Salomé a pedir a degolação de S. João Baptista; percorreu, emfim, o mundo d'um ao outro extremo, perseguindo os bons e recrutando os máus para o seu reino.

Fazia o demo prodigios, que submettia á apreciação dos incautos.

Chegando a Rio de Moinhos, que então era um valle magestoso, com as suas duas ribeiras correndo

silenciosas atravez de arvoredos seculares e de rochas escarpadas, até desaguarem no Tejo de crystal, que, ao fundo da aldeia, deslisa em zigzags graciosos, por entre os salgueiraes e os campos pujantes de vegetação, acampou o espirito maligno; ruminou projectos, fez estudos e por fim constroe uma azenha para preparação de farinha.

Concluida a obra, orgulhou-se o dominio da sua arte e, cheio de vaidade, bradou por Jesus, para a ver.

Appareceu immediatamente o Mestre que elogiou o trabalho, accentuando, porem a pouca symetria dos cantos da casa. E ao explicar isto, fez Jesus o signal da cruz, não tão occultamente que o demo não percebesse. Por isso desapareceu logo o anjo mau, terra abaixo, até ás profundas do seu reino.

Abençoado o moinho, correu fama esta obra e não tardou que gente de longes terras corresse ali a ver de perto trabalho tão perfeito. E tão perfeito era, que muitas pessoas trataram de construir azenhas iguaes e dentro em pouco uma longa fila de casinhas; muito bonitas, muito azadinhas, levantavam-se ribeira acima, dando a este torrão de terra o nome de Rio de Moinhos.

E foi por esta forma que se fundou esta encantadora terrinha, concluiu minha santa avó, que chegára a ver os francezes nos campos d'A-brançalha, de espingardas luzentes, esses soldados que morriam por Napoleão, como os tripulantes do *Vingador* morreram heroicamente pela Republica, preferindo o tumulo em pleno oceano a renderem-se vergonhosamente.

Hoje, Rio de Moinhos, é com o

temos dito, uma encantadora terra, sem avenidas, nem passeios, sem uma praça ou um mercado, sem festas que animem, sem uma quinta de recreio.

O tradicional bodo fez epocha e passou, como passaram as afamadas festas da semana santa.

Dá-nos então a Natureza as belezas que o Progresso nos recusa.

Abrançaíha.

Gracinda.

LENDA DE SANTOS NA RUSSIA

Os numerosos livros de viagens que hoje se publicam teem tornado conhecidos de todos os mais diversos paizes. Teem-se estudado minuciosamente os costumes e as lendas de variados povos, e esse estudo tem conduzido todos os espiritos á convicção de que em toda a parte a humanidade é a mesma, que são absolutamente semelhantes ás concepções do seu espirito, e que o habitante das steppes geladas da Pequena Russia, da mesma fórma que o habitante das aridas charnecas do Alentejo emprega exactamente os mesmo processos de espirito nas suas lendas e nas suas crenças.

O nosso povo foi sempre grande adorador dos santos, e consagrou-lhes sempre um culto mais ardente do que ao proprio Deus. Isso não impede, contudo, que os trate com a mais desrespeitosa familiaridade, e que os faça figurar em historias e lendas em que muitas vezes não fazem a mais brilhante figura. A familiaridade não ex-

clue a devoção, e S. Pedro, pelo facto de ter sido embaçado pelos soldados dos contos populares, não deixou de ter os seus altares, o seu culto e os seus devotos.

Acontece o mesmo, na Russia. A adoração supersticiosa dos santos vae o mais longe que pôde ir. As suas reliquias, as suas imagens, as suas medalhas attrahem chusmas de peregrinos, recebem offertas valiosissimas, ou vendem-se aos milhares, e contudo, os contos com que o povo se entretém á noite, e de muitos dos quaes nos dá noticia Victor Tissot, no seu delicioso livro *La Russie et les Russes*, são no genero, por exemplo, da *Lenda da aguardente*:

Um dia Nosso Senhor estava muito sosegado na varanda do ceu, a tomar o fresco, quando principiou a tossir desesperadamente com um fumo espesso que vinha da terra. Olhou e viu que os homens estavam occupados a destillar uma coisa qualquer n'um immeuso alambique. Chamou S. Pedro e disse-lhe que fosse immediatamente ver á terra o que estavam os homens a fazer.

S. Pedro foi, e, como chegasse á terra fatigado da viagem que não deixa de ser comprida, estava com uma sede de matar. O sujeito que dirigia a fabricação offereceu-lhe amavelmente um copo de agua. S. Pedro deitou-o abaixo de um trago, e achou bom. Pediu outro. Deram-lh'o. Pediu terceiro e quarto e quinto, até que afinal se estirou no meio do chão, resonando como um bemaventurado que era.

Estranhou-se no ceu a demora do porteiro, e Deus Nosso Senhor, depois de passeiar para um lado e

para o outro, achando já exquisito o caso, chamou S. Paulo, e disse-lhe:

—Fazes favor de ir ver á terra o que succedeu a S. Pedro? Estou com receio de que lhe tivesse esquecido a chave do trinque, e que o nosso pobre amigo não saiba já como ha de entrar no ceu.

Foi S. Paulo, e aconteceu-lhe o mesmo que ao collega. Ao quinto copo estava tambem deitado ao comprido, e fazia, com o seu companheiro de apostolado, um dueto de roncões muito mais harmonico do que as doutrinas que prégavam, emquanto apostolos.

A inesperada demora de S. Paulo ainda mais inquietou o Deus Padre Todo Poderoso, que resolveu empregar a força publica, e por isso encarregou S. Jorge de ir buscar os ausentes.

S. Jorge cingiu a espada, montou o seu cavallo de batalha, e foi até á terra. Mas, acautellado já, pescou que o homem do alambique tinha cauda, e não podia ser, portanto, senão Satanaz em pessoa. Com uma cutilada bem applicada cortou-lhe cereca a cauda, e o diabo aos gritos deitou a fugir. Então S. Pedro e S. Paulo acordaram, e um pouco envergonhados do que lhes succedera, voltaram para o ceu na companhia de S. Jorge.

Por isso a aguardente, não tendo podido ser fabricada toda pelo diabo, não ficou sendo um licor tanto de perdição como seria sem a intervenção de S. Jorge.

N'outro conto não entram directamente os santos, mas figuram padres e sachristães como exploradores dos santos, cujo culto lhes está confiado.

Um diacono tem a idèa de apanhar dinheiro a uma viuva devota, fingindo-se S. Nicolau. Põe a capa e a mitra do santo, protector e padroeiro de todas as Russias, e vaê ter com a beata.

Mas o sachristão pescou a mascarada, e adivinhou o fim que ella tinha. Assim como o diacono se mascarára de S. Nicolau, mascarou-se elle de S. Pedro. Poz umas barbas de canhamo, pegou n'uma chave enferrujada, e elle aqui vaê atraz do diacono.

Entra gravemente, e pergunta a S. Nicolau, muito espantado da apparição.

—Quem és tu?

—Eu sou S. Nicolau.

—S. Nicolau! E como é que tu sahiste do ceu, sem licença, tendo eu fechado cuidadosamente a porta, e tendo dado duas voltas á chave?

—Como sahi? redarguiu S. Nicolau atrapalhado. Sahi pela janella.

Tal qual, segundo se vê, como os soldados de lanceiros.

—Ah! patife! exclamou S. Pedro. Tu não sabes que eu ó que sou responsavel por estas coisas, quando vocês se escapam assim, eu é que apanho as descomposturas? Já para o ceu, sô maroto, já para o ceu, e não se me faça fino!

E, como S. Pedro acompanhava esta advertencia arrumando com a chave nas costas de S. Nicolau, elle de mitra á zamparina, S. Pedro de tunica arregaçada e assim foram até ao pé da igreja. Então o sachristão eclipou-se, e o diacono, moido de pancadas, jurou nunca mais fazer o papel de S. Nicolau.

N'outro conto é o proprio S. Nicolau que è embaçado por um cavalleiro manhoso.

Atravessava o cavalleiro uma floresta. Cahiam raios e coriscos; a trovoadá era medonha.

—Meu bom S. Nicolau, exclamou o cavalleiro, se me salvaes d'esta, prometto dar-te em cera o preço porque eu vender na feira o meu cavallo.

S Nicolau deitou o luzio lá do ceu, consultou sobre o caso o seu collega S. Jorge, mais perito em coisas hippicas, e viu que o cavallo era excelente, e devia custar bom dinheiro. Interveio por conseguinte salvando o cavalleiro, que chegou a casa sem novidade.

No dia seguinte o homem tratou de cumprir a promessa. Partiu para a feira com o cavallo á redea e um gallo debaixo do braço.

—Quem quer comprar este cavallo e este gallo? berrava elle. Advirtolhes que os não vendo separados, e quero pelo meu gallo 200 rublos e pelo cavallo 30 kopecks.

Duzentos rublos equivalem pouco mais ou menos a 100\$000 réis, e 40 kopecks a 270 réis.

Não tardou a apparecer um frequez para esse singular negocio.

O cavalleiro mettu na algibeira os 100 mil réis, e foi comprar 270 réis de velas de cera, que acendeu diante do altar de S. Nicolau, cumprindo á risca a promessa que fizera.

E assim foi embaçando S. Nicolau.

Ouvindo estas historias, não nos parece que estamos escutando uns contos populares, com que as nossas amas nos entretiveram, e que

fazem rir perdidamente os aldeões, que por isso não deixam de ser as mais devotas creaturas d'este mundo?

Pinheiro Chagas.

O BURRO E O AZEITEIRO

(Conto popular)

Todos conhecem a phrase: *quem o não conhecer que o compre*; mas muitos naturalmente ignoram a sua origem. Para essesahi vaé a historia do burro do azeiteiro:

Uma vez ia por uma estrada fóra um azeiteiro, levando pela arroata o seu burro carregado de bilbas de azeite, quando se encontrou com dois estudantes, que ficaram muito contentes com o encontro, porque andavam á divina, e logo pensaram em furtar o burro para o vender.

Dito e feito. Um d'elles, aproveitando a distração do pobre homem, tirou a cabeça do burro e pô-la no pescoço, emquanto o outro dava ás de Villa Diogo com o jumento e a carga.

Então o que fazia de burro parou, o que fez com que o azeiteiro olhasse para traz. Calcule-se o espanto do homemsinho, ao vêr o seu burro transformado em gente.

O estudante, com a sua voz mais doce, disse-lhe assim:

—Quanto lho estou agradecido, meu bemfeitor! Com aquella pancada que me deu na moleirinha quebrou-me o encanto. Fez que voltasse á forma de homem quem tantos annos andou na de burro.

O azeiteiro, muito commovido de lagrima no oího, tirou o chapéu e disse-lhe:

—Perdi o burro, que era o meu ganhão, mas paciencia. Quero porém agora, que o senhor voltou a ser homem, pôdir-lhe perdão de tanta arrochada que lho dei. Mas o senhor, com as suas birras e manhas, fazia perder a paciencia a um santo.

—O meu coração não é de reserva, respondeu o estudante, tudo perdôo, mas deixe-me ir em paz.

—Vá em paz, senhor.

—O desgraçado azeiteiro, ao vêr-se sem o seu burro, foi ter com um compadre, a quem pediu dinheiro para ir no dia seguinte á feira comprar outro.

— Imagine-se como ficaria quando viu na feira o seu jumento, que elle conhecia como os seus dedos.

Escusado será dizer que ao lado do burro estava o estudante que o roubara. O azeiteiro, que se gabava de esporto, percebeu logo tudo: o homem que elle deixara ir em paz transformára-se outra vez em asno. Chegou-se ao estudante, e indicando o jumentinho:

— Dá licença que lhe diga um segredo?

O estudante riu-se, dizendo que sim.

Então o azeiteiro, chegando a bocca á orelha do burro, gritou com quanta força tinha:

— Senhor burro, quem não o conhecer que o compre.



LENDAS DA OLIVEIRA

Na Grecia antiga acreditava-se que a oliveira devia o nascimento a Minerva, a deusa da sabedoria.

Discutindo Neptuno e Minerva qual daria o nome a uma cidade fundada por Cecrops, os deuses chamados para resolver a questão, determinaram que seria aquelle que fizesse a mais util creação para os humanos. Neptuno batendo na terra com o tridente, fez d'ella sahir um cavallo e Minerva, ferindo o sólo com a lança, fez apparecer uma oliveira carregada de fructo. Os deuses decidiram a contenda em favor de Minerva que deu á cidade o nome de Athenas.

Uma lenda allomão diz que a oliveira brotou da sepultura do primeiro homem, de Adão, e que foi do tronco da oliveira, que os hebreus fabricaram a cruz em que pregaram Christo.

Tambem ha uma lenda grega que diz que foi da oliveira e não do carvalho que nasceu a maça de Hercules, e uma lenda hebraica narra que procurando as arvores um rei dirigiram-se primeiro á oliveira que não accoitou, por isso que não queria perder os seus bellos fructos sacrificados ás canceiras da realza, depois a vide e á figueira que por motivos identicos recusaram tambem, e por ultimo ao carvalho que accoitou.

O azeite extrahido do fructo da oliveira era venerado pelos antigos. Os athenien-

ses esfragavam o corpo com azeite para conservar a belleza da pelle, e os christãos fizeram d'elle o oleo santo que applicam aos moribundos como simbolo da vida eterna.

A oliveira era para os antigos a arvore da vida, por isso que produzia o azeite, que arde nas lampadas, conservando a luz durante a noite, a luz a origem de toda a vida terrestre.

FERRADURA

(Lenda de Goethe)

Um dia Jesus com a sua comitiva dirigiu-se a uma pequena cidade viu na estrada uma cousa que reduzia; era uma ferradura quebrada; disse a S. Pedro que apanhasse, mas S. Pedro não estava disposto a obedecer; o achado era muito insignificante para elle: havia de abaixar-se por um pedaço de ferradura?... foi andando, fingindo não ter ouvido.

Jesus sempre bom e paciente dobrou-se e apanhou a ferradura.

A' entrada da cidade parou á porta d'um ferreiro, e vendeu-lh'a por tres dinheiros; e passando depois pelo mercado viu boas cerejas, e comprou d'ellas os tres dinheiros, e depois, segundo o seu costume, guardou-as tranquilamente na manga. Saíram da cidade; o caminho atravessava prados, e campos sem casas, não offrecia sombra; o sol brilhava; o calor era tão grande, que se teria dado muito dinheiro por uma gotta d'agua.

O senhor que ia sempre adiante deixou cair, como por descuido, uma cereja; e S. Pedro curvou-se para apanhal-a com tanta pressa, como se fosse um pino d'ouro. A cereja humedeceu agradavelmente o seu paladar.

Um instante depois Jesus deixou cair outra cereja; e S. Pedro immediatamente se abaixou, e comeu-a.

Continuou por algum tempo o Senhor a fazel-o dobrar as costas para apanhar as cerejas, e depois disse-lhe: Pedro, se quando era preciso te houvessem abaixado, terias comido mais commodamente as cerejas; aquelle que despreza pequenas cousas, arrisca-se muitas vezes a ter, insior trabalho por outras ainda menos importantes.

TROVAS POPULARES

A

A SANTO ANTONIO

(Recolhidas da tradição oral)

Santo Antonio de Lisboa
Casamenteiro das moças,
Que casadas deixas muitas
E solteiras deixas poucas.

Santo Antonio já foi frade,
Já foi frade, já prégoou,
Ao pedir as Ave Marias,
Seu pae da forca livrou.

O' meu q'rido Santo Antonio,
Que estaes no meio dos mattos;
Por causa dos mexericos
Se desmancham os contractos.

O' meu padre Santo Antonio,
O' meu santinho de Deus
Na noite do vosso dia
Se queimaram os judeus.

O' moças andem ligeiras,
Vão pedir a Santo Antonio,
Que as ponha todas em linha,
No livro do matrimonio.

Santo Antonio fala aos peixes,
Elles vem-n'ó escutar
Eu cá falo, e tu abalas. . .
Com tres cães has de casar.

Vou ao mar buscar pescado
Que a onda não está brava;
Trago-o todo a Santo Antonio
Que é quem d'antes lhe falava.

Santo Antonio de Lisboa,
A' porta do seu convento,
Está a mesa do auditorio,
Tratando o meu casamento.

—
No altar de Santo Antonio,
'Stá um vaso de açucenas,
Onde vão as moças todas
A chorar as suas penas.

—
Santo Antonio é nosso amigo,
Elle é nosso protector,
Ha-de-nos levar p'ra gloria
Em cima de um andor.

—
Santo Antonio de Lisboa,
Venha vêr o que cá vae,
Deu a rabugem nos homens,
Como dá nos animaes.

—
Santo Antonio de Lisboa,
Não quer que lhe chamem santo,
Quer que lhe chamem Antonio,
General, mar'chal de campo.

—
Santo Antonio, com ser santo,
Foi sempre um grande gaiato,
Foi á fonte com tres moças,
Recolheu, trazia quatro,

—
Santo Antonio não é pobre,
Santo Antonio não é rico,
Santo Antonio vende um cravo
P'ra comprar um maujarico.

—
Santo Antonio é meu pae,
S. Francisco meu irmão,
Os anjos são meus parentes,
Oh! que linda geração.

—
Santo Antonio vende peras
Vende peras a vintom,
Lá irá o meu menino,
Santinho, avia-o bem.

—
O' moças, cantem cantigas,
O' moças, digam forçadas.
Ahi vem o Santo Antonio
Estão aqui estão casadas.

Santo Antonio me acenou
De cima do seu altar,
Olha o maroto do santo,
Que tambem quer namorar!

O' meu padre Santo Antonio,
Que lá 'estás n'essa altura,
Estás todo cheio de cravos
Dos pés até á cintura.

O' meu qu'rido Santo Antonio,
Acompanhae o perdido,
Acompanhae o meu amor,
Quando vem falar commigo.

Santo Antonio quero-te adorar
Qu'os meus amores vam-m'a deixar;
Santo Antonio d'aqui d'esta villa
Não me vás desamparar.

Santo Antonio do convento,
Não tens vélas no altar,
Hei de me casar este anno
Hei de lh'as mandar prantar.

Casae-me Santo Antonio
Já que és tão milagreiro
Conhecido por toda a parte
Por grande casamenteiro.

O' meu padre Santo Antonio
Vestidinho d'estamenna;
A quem Deus quer ajudar
O vento lhe junta a lenha.

Santo Antonio é moço,
Santo Antonio é frade
Para casar as moças
Tem habilidade.

Santo Antonio é o santo
Que mais pancada deve levar
Por não fazer o milagre
P'ras raparigas casar.

Santo Antonio de Lisboa

Foi um grande maganão;
Quebrava as bilhas ás moças
Fazi-as cahir no chão.

Santo Antonio, com ser santo,
Tambem teve seus amores.
Quando os santos namoricam
Que farão os peccadores!

Santo Antonio tinha falas
Para o povo convencer;
Quando tu vens escutar-me
Qu'zera taes falas ter.

HISTORIA DA CAROCHINHA

—Fôra a uma caçada El-Rei D... fosso quem fosse; o nome não faz nada ao caso.

Perdeu-se no caminho ao affastar-se da sua comitiva, e encontrou um moleiro.

—*Olá, bom homem, de quem é aquella casa que além vejo?*

—Do sr. padre Fernando.

—*E aquelle moinho?*

—Do sr. padre Fernando.

—*E aquelle pomar?*

—Do sr. padre Fernando.

—*Muito rico é, pelo que vejo, o tal padre Fernando.*

Se fosse só rico, Real Senhor, mas aquillo é um sabichão que dá sóta e az ao mais ladino.

Sim? pois quero conhecê-lo: leva-me a casa d'elle.

D'ahi a cinco minutos estavam na presença um do outro.

Padre Fernando, disseram-me que sois um grande sabio; pois bem! pertendo me digais d'aqui a um mez, sob pena de morte, quantos cestos de terra encheria aquelle monte—quantas estrellas ha no céu—e no que estarei eu pensando quando nos tornarmos a ver. E com isto, ficai-vos em paz: no paço vos espero d'vqui a 30 dias.

O padre scismou e tornou a scismar, sem ver modo de sahir de tal ontalação.

Em boa me metteste, diz elle ao moleiro nas vespéras do dia fatal: como heide ou responder ás tres endiabradas perguntas?

Ora essa! então isso dá-lhe cuidado, sr. padre Fernando?

Podera não! achas que é graça mandar-me o Rei cortar a cabeça? ainda se fosse a d'un dedo!

Com effeito! um senhor tão sabio! parece impossivel!... Olhe lá, quer o sr. padre que eu lá vá responder ao Rei em seu logar?

Estás brincando!

Não brinco, não senhor; no dia aprasado disfarço-me com a batina e o chapéu de tres bicos do sr. padre, e lá vou ao paço; deixo o resto por minha conta.

No dia proprio apresenta-se o molciro a El-Rei, macaqueando quanto pôde o padre Fernando.

Vamos a saber, lhe diz o Monarcha, então quantos cestos de terra encheria aquelle monte que lhe mostrei?

Direi a V. M. isso depende do tamanho dos cestos: se cada um fôr do tamanho do monte, bastará um só; se fôr de metade, serão precisos dous; se fôr da quarta parte, serão necesarios quatro; e assim por diante.

Bem está, bem está: e quantas estrellas ha no céu?

Cincoenta e sete mil quinhentas e quarenta e oito.

Como o sabe?

Sei porque tive a pachorra de as contar todas uma por uma; mande-as V. M. contar cá também, e verá que lhe não falta nem meia.

Bom! bom! a última pergunta é que estou curioso de ver como responde; em que estou eu a pensar agora?

V. M. está a pensar que fala com o padre Fernando, e com quem está falando é com um pobre moleiro.

SUPERSTIÇÕES FEMININAS

As americanas são muito supersticiosas e dão grande importancia aos sonhos e á significação d'elles.

Parece averiguado que tanto na America como em Portugal é exactamente o contrario do que se sonha que tem probabilidades de succeder: ha comtudo excepções.

Uma americana, quando sonha com ovos, espera receber dinheiro, e se sonha com serpentes, tem a certeza de vencer os seus inimigos. Agua limpida presagia-lhe boa fortuna, agua turva indica coisas desagradaveis. Sonhar com um pastel é auxilio em perspectiva. Aquella que em sonhos varre

a casa, pôde ter a certeza de rebentar incendio na vizinhança; escovar os moveis é indicio de proxima visita de numerosa familia.

A interpretação dos sonhos relativos a assumptos de *ménage* occupa um largo espaço na nigromancia americana. A dona da casa, se sonhar que está a fazer a cama, recebe uma visita importuna. Ver um alfinete é signal certo de rompimento com pessoa de amizade.

Coser, significa casamento proximo ou fim de uma questão caseira; concertar meias é presagio de grandes chuvas, e calçar os sapatos é indicativo de proxima viagem. Um ataque á reputação vem sempre depois de sonhar que se rasgou o vestido, e a perda d'uma pessoa amiga acontece ordinariamente depois de se ter sonhado que cahiu um chapéu. O sonhar que, estando de visita em casa d'un amigo, voltámos rapidamente para a nossa casa, é indicio de morte do pessoa de familia. Se se sonha com doença d'uma creança, é incendio certo na habitação.

Passando do dominio dos sonhos ao dos enquiços: quando uma menina americana recebe a visita do seu noivo, segura n'um malmequer do campo e conserva-o na mão enquanto dura a entrevista, calculando a affeição do pretendente pelo estado da flôr. Se a flôr está murcha é mau indicio.

Na Allemanha, em caso identico, a noiva põe n'agua a flôr chamada *dente de leão* e deixa-a lá até outra visita, e segundo o seu estado de frescura, assim se considera mais ou menos amada.

As meninas hespanholas poem no peito um botão de rosa de musgo. Se o botão abre completamente é bom signal.

Em certas colonias inglezas embrulham troncos de plantas em folhas verdes, que são mettidos debaixo d'uma pedra. Se um dos troncos apparece com rebentos novos, é felicidade certa.

Finalmente, as irlandezas mettem trevo de quatro folhas nos sapatos, quando saem, para encontrar no camiinho aquelle que virá a ser seu marido.

As ceremonias do casamento comportam muitas superstições. Em França muitas donzellas julgam obter auctoridade sobre o marido ou pelo menos escapar ao seu completo dominio, empregando o seguinte stratagem: quando os noivos lhe collocam a alliança no dedo, arranjam de modo que o anel não desça até á ultima phalan-

ge.
Na America o anel deve ser d'oiro, por causa da solidez d'esto metal. O facto d'um anel se partir mais dia menos dia, seria considerado como um pessimo prognostico, tanto para um como para outro dos noivos. Uma viuva pôde tonar a casar com toilette de qualquer côr, exceptuado o amarello. Pôde tambem, se quizer, estar de luvas durante a cerimonia; o mesmo não pôde, porém, fazer uma donzella porque, se ao calçar ou tirar as luvas, lhe cahisse uma, ficava sob a ameaça d'uma grande desgraça. Se escorrega um cavallo da carruagem nupcial, é um mau indício, e se a noiva dá um golpe n'um dedo no banquete de nupcias, terá muita occasiões de se arrepende do passo que deu. O mez de junho é considerado como o mais propicio para o casamento, porque está sob a protecção de Juno, que favorece os hymeneus desde os tempos fabulosos.

Quanto ao mez de maio, está posto de parte, por causa de Maria Stuart, que casou n'esse mez.

Em França, quando qualquer incidente faz parar o cortejo nupcial durante o percurso, é signal certo de que mais dia menos dia se darão graves transtornos na vida dos noivos.

Em Portugal temos tambem, como todos sabem, as nossas superstições e enguiços.

Chover a potes no dia do casamento, é felicidade permanente. Ha por ahi muito boa gente, que não resiste ao enguiço do sal entornado, da casa n.º 13, dos 13 convidados á meza, dos vidros partidos, da tiuta entornada, da aranha preta, da borboleta parda, do hesouro.

Menina que recebe uma flor de laranjeira, que tenha ornamentado o veu ou o collo d'uma noiva, casa no anno immediato.

Menina que tenha a leviandade de offerecer pulitos, não casa; como tambem não casa a donzellinha que, estando na sua casa, seja tocada nos pés, ainda que de leve, pela vassoura do creado que anda varrendo.

MARIA, A SEGADISTA

(LENDAS BRETÃ)

Ora, n'aquelle tempo, havia na aldeia de Briez uma pobre rapariga

chamada Maria, tão meiga e bôa que toda a gente a amava.

Maria tinha perdido seu pae e sua mãe, a velha Yvonne, que lhe disse ao morrer;

—Precisas de alugar os teus braços e trabalhar, minha pobre filha; porque não tens nada, e mais vale trabalhar do que ser má mulher.

Foi, pois, a rapariga, para ter pão, alugar os seus braços, morenos e robustos, a pessoas mais ricas; e enquanto que durava a bôa estação, sem pensar nos divertimentos das outras da sua idade, ella ia juntando, migalha, a migalha, para o mez sombrio, em que o pobre não tem trabalho e tem sempre fome.

Maria era bella, sem querer, ou imaginar; mas mais de um moço da aldeia, vendo-a ir, ao domingo, á missa, apertada no seu humilde collete azul, dizia comsigo:

“Esta rapariga não tem nada, mas é uma grande trabalhadeira; se ella fôr bôa dona de casa, é com certeza, mais rica do que muitas outras, que se pavoneiam para ahi sem saberem coisa nenhuma.”

Um dia, foi ella contractada para segar os fenos da rica Claudia, a mãe do loiro Samique, de longos cabellos figura de S. João, o discipulo amado do Senhor; e Maria tanto olhou para elle, tanto o escutou que acabou por amal-o.

Mas Claudia disse, uma vez, a seu filho:

—Teu tio de Saint-Pol, esperate; não tens tempo para andar a namoriscar segadeiras.

E Samique partiu.

Então, Maria, não mais teve coragem para trabalhar, os seus olhos, tão azues, tornaram-se negros.

—Tu já não cantas? diziam as ou-

tras donzellas; mas Maria cada vez se tornava mais pallida.

Commoveu-se Claudia? Não se sabe; mas, uma occasião, disse ella a Maria:

—Tu amas meu filho, que é rico e não possues nada; tem-te ahí por economica e séria, mas isso não basta; que pôdes tu fazer para me pro- vares que existe realmente um bom dote em tuas mãos? Serias capaz, de segar, sósinha, metade d'este campo?

—Oh! respondeu Maria, vermelha de felicidade e surpresa, para pos- suir Samique, segaria o campo todo, ainda que elle fosse tão comprido que não se lhe visse o fim.

—Pois bem, replicou Claudia, convenho n'isso; terás o meu filho, se conseguires segar sómente metade. Juro-o por San Corentino.

Que coragem ella teve, a pobre segadeira! Segou sem descanso todo o dia; quando a noite veio, ella segava sempre; outro sol appareceu e viu-a ainda curvada sobre o campo; mas quando elle de novo se ia a es- conder!... Ai! Maria já não tinha força nem nos braços nem no coração.

—Seguei mais de metade, murmu- rou ella. Depois cahiu para o lado e não mais se levantou.

Oh! quem ha. por ahí, que amas- se tanto e tanto trabalhasse como Ma- ria, a segadeira?

COISA MÁ

—*—

O mal esta em uma bocca se abrir; pas- sa a este, passa squelle, batem todos com a lingua nos dentes, e adeus minhas encom- mendas! Depois, como quem conta um conto sempre lhe acrescenta um ponto... Os

senhores calculam, não é verdade? Por isso é que do moinho do tio José da Esteira, hoje meio arruinado, se diziam n'aquelle tempo coisas do arco da Velha, de fazer arripiar todos os pellinhos do corpo a uma alma de Nosso Senhor! O diacho do homem vivia solitario, no topo da serra alpestre, achacado muita e muita vez de typo duvi- doso, meio lobis-homem, credo, que manti- nha, pelos modos, pactos secretos com o dia- bo... Santissima Trindade! Pelo signal da santa cruz... Nunca é bom falar-se do dia- bo, sem uma alma se benzer.

O logar, onde assentava o moinho, não era de todo desagradavel, isso não; até se disfructava lá de cima uma vista pittoresca. Serras visinhas em altos e baixos irregula- res, com quebradas, onde se repercutiam tetricamente os pios dos mochos agoirentos, pelas noites de inverno... Santo nome de Jesus! Alguns planaltos, cobertos de ver- dura, que deleitavam a vista, olivaeis pa- ra além, um casal ou outro a campar nas encostas mais desafrontadas, paredes bran- cas a alvejarem, telhados de um vermelho escuro, a torre da egreja da aldeia, o mu- ro rectangular que cercava o cemiterio; uma paisagem nada feia, vamos lá! Quan- do vinha o crepusculo, via-se o moinho ao alto, em attitudo de phantasma negro, no centro de uma nuvem mais clara; as velas giravam de quando em quando, que o tio José não moia pão senão para si. Comia lá ninguem farinha sahida d'ali! Nem fallar n'isso é bom! Muitos trabalhadores vinham até aquelle sitio a remansar-se nas sestas, sobre a relva, que parecia amanhada de feição a taes poisadas. De noite, se passa- vam junto, benziavam-se e rezavam uma ora- ção ao anjo da Guarda. Sempre era bom... Fossem perguntar ao pegureiro o que sa- bia dos mysterios do moinho! Lá que ap- parecía coisa má, noite fora, por aquellas bandas, isso apparecia, que não era já o primeiro que gramava o seu susto bem bom. Almas penadas, talvez. Alguns, po- rém, faziam escarneo—que aquillo eram invenções dos medrosos e beatas; mas, em lá se apanhando, abalavam logo, boquinha da noite. Pelo sim pelo não...

Ninguem dava fê de visitas ao moinho. Se alguém o visitava, ponderava muito mysticamente o sacristão da aldeia, eram os avante-mas que se reunião em conclaves diabolicos, para bolar sortes más ás sementeiras de fulano e ás rezes do cicra- no. Depois vinham as espigas chochas, sa-

hia o gado mocho—uma rãzia!

No dia de S. Bartholomeu moia o moinho todo o santo dia, acho que para dar pão aos diabos que andavam à solta e que lá iam pedir de comer. Aquillo era todo o dia e toda a noite, até á meia noite, as velas á roda, á roda, n'um zunir...

Uma velha das que mais davam á taramella sobre os factos da vida albeia, muito apegada com a Senhora dos Remedios, e de quem corria tacha de adivinha, afirmou ter visto uma noite, quando fóra á fonte, um phantasma, assim, a modo branco, com duas luzes nos olhos, sentado sobre o telhado ponteagudo do moinho, com um dedo a apontar para o céu; as nuvens respondiam-lhe com gargalhadas cortantes e no dia seguinte estrondeava por aquellas redondezas uma tremenda tempestade, desatando-se as chuvas lá de cima, como uma coisa nunca vista. E nas conversas, que as raparigas tinham nas ciras ou descamisadas, vinha sempre á balha o tio José, mordiam-lhe na pelle a valer, que elle mais isto, que elle mais aquillo...

Alguns terrenos, que o pobre tinha, andavam por ali á matricaria, desde que lho morrera a mulher, fazia dois annos para Santa Luzia. Mal empregada em semelhante marido! uma santa, a senhora Maria, curava as espinhellas cahidas, pondo a creatura a quinze dias de gemmadas e rezando todos esses quinze dias:

—Assim como o padre se veste e reveste, quando vae para o altar, assim Nosso Senhor queira pôr os ossos d'esta creatura no seu lugar.

Aquillo tratava de todas as doenças por virtude; alminha que lhe cahisse do baixo ficava logo sã e escorreita, sendo a sua especialidade a de dar cabo das mordeduras de bichos peçonhentos. Accendia um fogareiro, molhava uma pouca de lã em azeite e assim começava a oração, que hoje é sabida por toda a aldeia, e cujo remedio, digam o que disserem, é seguro. Ora vejiam:

Santo nome de Jesus
ou te benzo, bicho
ou sapo ou sapão,
ou cobra ou cobraão
aranha ou aranhão,
de rigor ou saltador,
eu te corto e recorto,
bicho d'esta nação,
com o molhinho de lã
de lombo do ovelha viva,

azeite de oliva
do monte Olivete,
queimado sejas tu
como é a lã no lume,
em honra de Deus
e da Virgem Maria
um Padre Nosso
e Ave-Maria.

Uma pobre martyr, que apanhava pancada do homem! Deus lho fale n'alma.

Logo após a morte da mulher, o tio José, por dois mezes ou coisa, soffrera de uns ataques, que parecia o pobre estar possesso; ganhava os cabellos, andava amaramado, triste, qualquer pessoa lhe mettia medo. Coisa má... Tinha então occasiões, em dias melhores, que se deitava um pouco á estrada, impellido a egoa com a sua varinha envidilhada, montando já mal, todo amparado á borraia, sempre a forarse á vista dos outros—por pouco, aquillo estava por pouco.

De uma vez estranharam. Havia bastantes dias que o velho não surgia do moinho, e este sempre a andar, a andar, que parecia que o diabo lhe assoprava, e os buziós nem zunido... Santo Nome!

Foram lá as auctoridades acompanhadas de muito povo, providos de ramiuhos de alecrim, tijelas de agua benta por causa das duvidas. O pobre do tio José estava morto, sentado n'uma cadeira de pinho, com uma espuma branca, já secca, aos cantos da bocca; formigas mafanhavam-lhe, em carreiros, pelo corpo.

—Estoirou para ali! disseram alguns.

—E sem os santos sacramentos! acrescentavam outros.

Muitos até censuraram o bom do parocho, por ter acompanhado aquelle corpo peccador ao campo santo. Enterrado, ali, como um cão? Sem tirar nem pôr, como um cão, é que devia ter sido!

*

No moinho abandonado, meio em ruinas passam-se hoje coisas extraordinarias. Por essas nove ou dez horas da noite apparece um cavalleiro vestido de preto, montado n'um cavallo branco, e logo de uma outra banda uma sombra, assim de mulher. E' naturalmente a alma da senhora Maria, a perseguir a do marido que anda a pensar, por campos e valados, sem orações nem missas.

Nem é bom olhar por muito tempo pa-

ra o moinho, de noite. Credo! Saem de lá umas luzes amarellentas, até á madrugada...

*

Mas quem manda a senhora fidalga, triste viuvinha, que móra além, no casal de baixo, metter medo a pobre gente da aldeia, com aquella sua balda de ir ao moinho a altas horas da noite?

E quem manda o cavalleiro—aqui para nós, que ninguem nos ouve: o dono da herdade da Amoreira—ir esperar a senhora fidalga para o moinho e lá demorarem-se os dois, horas esquecidas?

E' que ali ninguem desconfia e depois...

Nada, não é nada.

Já aqui não está quem fallou...

Das «Horas de sol».

Alfredo Serrano.

COSTUMES BARBAROS

Entre alguns povos barbaros, era motivo de desgostos e luto para a familia, o nascimento de qualquer creança que, reunida em volta do novo ente, o lastimava por ter recebido o funesto presente da vida. Estas lastimações eram assás conforme com as maximas dos sabios da Grecia, os quaes diziam que, quando se pensa nos destinos do homem sobre a terra, se ha de forçosamente banhar de lagrimas o seu berço.

Em Athenas, porém, quando occorria algum nascimento, era o facto festivamente celebrado. Se o recém-nascido era um rapaz, punham à porta da casa uma corôa formada de ramos de oliveira, symbolo da agricultura, a que o homem devia dedicar-se, e, se era rapariga, uma tira de panno, allegoria dos trabalhos femininos. O pae tinha sobre os filhos o direito de vida ou de morte, e, quando elles nasciam, lançavam-lhos aos pés. Se os erguia nos braços, concedia-lho a existencia; se voltava a cabeça, votava-o à morte.

Em Thebas, era prohibida esta barbaridade; mas tolerava-se em quasi toda a Grecia.

—S(S)—

Era costume entre os antigos povos acariar o queixo d'aquelles a quem se queria consolar, persuadir ou mover á piedade.

Nos *Monumentos Ineditos*, de Winckelmann, encontra-se a estampa n.º 128, que representa um baixo relevo em que um dos irmãos de Andromaca lhe affaga o queixo para a consolar da morte de Heitor; e, na *Illiada*, Doulon faz o mesmo a Diomedes ao pedir-lhe a vida.

Pela mesma fôrma, Thetis aplaca Jupiter na sua ira contra Achilles.

O queixo rapado era signal de escravidão, e assim fizeram os romanos andar os gaulezes.

—S(S)—

Os gregos e os romanos juravam por um ou por dois deuses, o mesmo por todos juntos; pelos semi-deuses, pelas divindades mais particularmente de sua affeição, como os caçadores por Vesta, os camponeses por Cêres, os vinhateiros por Baccho, etc., etc. Juravam tambem pelas armas e por algumas partes do corpo, como Ascânio pela cabeça, como seu pae costumava fazer, e o embaixador dos troyanos a Latinus por *Enéas*, por sua mão direita, tão fiel nos tratados quanto temível nos combates.

No tempo dos imperadores romanos, jurava-se pela sua saude, pela sua fortuna, pela sua eternidade. Tiberio não queria, segundo Suetonio, que tal se fizesse mas Caligula mandava matar quem o não quizesse fazer, e ordenou que se jurasse pela fortuna e saude do seu cavallo.

Os christãos faziam tambem juramentos pela garganta, pelos dentes, pelo peito, pela carne, pela lingua, pelo rosto, pelo sangue, pelo ventre de Christo, até que Innocente III os prohibiu, assim como S. Luiz, que punia com severidade aquella pratica.

—S(S)—

ROMARIA DE S. LUIZ REI DE FRANÇA

Ha nos suburbios do Montomór-c-Novo (Alentejo) uma ermida, ou capella, de S. Luiz Rei de França, situada n'uma herdade pertencente hoje a um cavalleiro d'aquella villa, e onde se faz todos os annos uma festa de romaria no dia 25 d'agosto,

em que a Igreja solemnisa o Santo Rei. Consiste em missa cantada, sermão, arrai-al, bailiques ao som da classica e antiga gaita de folles, ou tambor e pifano, cujo tocador costuma trazer a cabeça amarrada com um lenço. Os devotos que têm gado, especialmente cavallar, alli vão prestar homenagem ao Santo: dão tres voltas à roda da igreja, a cavallo, com o chapéu na mão, e offerecem-lhe um animalsinho de cêra, conforme foi a especie que o Santo preservou do mal. Em tempos antigos vinhão os festeiros a cavallo, em procissão, de noite, com archotes accêssos, até á villa, onde percorrião as ruas ao som de tambores e pifanos, levando na frente uma bandeira com a imagem do Santo. Quando o vinho estava barato, divertião-se frequentemente em quebrar as cabeças uns aos outros, não dando pouco que fazer á policia, que não podia muita vez com taes devotos. Não sei o motivo d'esta devoção com S. Luiz Rei de França, quando é S. Luiz Bispo o ad vogado dos animaes!

Balthasar Mousinho de Vasconcellos Almadanim (Coimbra).



Specimen dos bailes figurados nas festas a S. João, feitos depois que foi prohibida a do «porco negro», que antigamente se fazia, em igual dia, em honra do mesmo santo.

Argumento do figurado cantante

Alciato no emblema 76 refere, que Circes foi uma filha do Sol, e que era grande encantadora, e com seu canto transformava os homens em brutos, e tambem com bebidas que lhe dava. Morando esta mulher no estreito, que aparta Calabria da Sicilia, Ulysses, capitão grego, depois de destruida Troya, navegando aportou na Sicilia, onde foi recebido de Circes com muito agrado, e dando-lhe certas bebidas, os converteu em animaes; porém Ulysses ficou isento d'este encanto por virtude da herva molis, que lhe tinha dado Mercurio; e a força de seu valor, e por virtude da mesma herva desencantou os companheiros.

E' Circes figura da paixão natural a

que chamamos *amor deshonesto*, a qual transforma os mais fortes Sansões em brutos.

E' Ulysses figura do entendimento que ajudado da razão vence todos os encantos de amor profano; e melhor que Ulysses foi *S. João*, que contra os encantos do amor profano pelejou até triumphar victorioso da sem-razão de Herodes. D'esta fabula se compõe o baile, pela seguinte maneira:

Scena 1.^a

Um carro sobre o qual representado o palacio de Circes, entre brenhas, apparecendo *S. João* e Circes.

Um outro carro, em que se via um navio, e n'elle Ulysses e seus soldados.

Outras figuras allegorizadas cercavam um e outro carro, augmentando o espectacularo d'esta scena:

Circes se mostra ao capitão Ulysses, e canta uma aria; este cantando, em outra lhe responde; ella o sauda pela sua chegada; elle se mostra alegre por aportar a estas praias. As figuras que circundam o carro de Circes cantam em côro; o mesmo fazem os soldados de Ulysses.

Passa Ulysses ao palacio de Circes, que cantando o recebe: um côro a segue exaltando o amor. Ulysses volta á sua não. Um côro dos seus soldados cantando louva o valor do seu capitão. Circes se dirige em um recitativo ao figurado que a rodeia, e entre flores adormece. Um côro canta os seus dotes. Os soldados de Ulysses cantando em côro sobem ao carro de Circes; ella accorda; e elles a convidam em nome de seu general. E Circes cantando lhes offerece um vaso com bebida.

A' proporção que Circes ia dando de beber a cada soldado, elles entravam para o palacio; e tornando a sair vinham transformados em diversos animaes, Circes cantando uma aria exulta do seu magico poder.

Chega Ulysses, e um côro de titeros cantando lhe diz, que veja o estado a que chegavam os seus soldados, feitos feras e terriveis monstros, sem que elle os possa libertar. Ulysses cantando lhes responde, que de Mercurio recebera poder e remedio admiravel, e libertará seus soldados. Ao encontro vem Circes, e pertende com mavioso canto que Ulysses entre no seu palacio e aceite o seu affecto. Elle cantando uma aria cheia de energia, lhe declara que en-

trará em seu palacio, que despreza o seu amor, e que com a força do seu braço cortaria o fio do terrivel encanto. Ulysses toca a uma e uma das feras, e ellas se transformam entre as penhas, tornando ao primitivo estado. Os soldados em côro alegre saudam o seu capitão. Circes lamonta perder a fama do seu poder. Ulysses e Circes cantam em um docto os desenganos do poder. Aparece S. João d'entre o jardim com pastores, e todo o figurado canta em louvor do Santo e da virtude. E termina esta scena, cantando em coros em hespanhol.

«Viva el aplauzo supremo
Que se dedica al Baptista,
Viva de Circes su gracia,
E del grego la conquista».

Scena 2.^a ou baile 2.^o

A galhofa

Aparecem 10 figuras vestidas de Armenios, e dous d'elles conduzindo a S. João em uma rica rede do Brazil, e mais dous aos lados fazendo-se graciosos titeres.

(Entram cantando em côro).

Se toda a Europa se empenha
Nos applausos do Baptista,
Tambem de Azia estes Armenios
O affecto os solicita.

(Dançando e cantando em roda do Baptista).

Ai lè ré no seu triumpho
Se empenhará todo o orbe,
Quando té os proprios astros
Applaudem santo tão nobre.

(Os titeres cantando e dançando em roda da rede):

Se a Braga hoje trazeis
Ao Baptista S. João.
E' bem façaes um festejo
De affectivo coração.

(Todos em volta dançando e cantando)

Ai lé ré, lè lè festejo
Applauso bem merecido,
Faronos a S. João
Que lhe é agradável mimo.

(Põe o menino no chão, e tornando-o à rede, os titeres o adormecem cantando).

Ai rú rú lindo menino,
Dormi meu bem, meu encanto,
Sois o miminho das flores,
E das rosas doce espanto.

(Dormita o menino; tocam as musicas; e findas acorda S. João, orgue-se e canta).

O vosso empenho serio
Já de mim alcançou louvor ethereo.
Pois com bello intento
Affectivos louvaes meu nascimento.

(Abençoa-os, e continua)

Se em puro affecto
Vossos cuidados
São empenhados
Por me louvar,
Além do muito
Que em vós espero,
Tambem vos quero
Acompanhar.

(Todos os armenios e os titeres em côro):

Viva San João Baptista,
De Braga objecto elevado
Viva o povo bracarense
E o da Armenia empenhado.

Scena 3.^a ou baile 3.^o

Galhofa de pretos

Dez pretos com armas, um carro representando um bosque de viçosas arvores, e n'elle quatro pretos, a figura da Graça e de S. João. (Os dez pretos aos lados do carro cantando):

Nozo sono zento glande
Foro valente do Congo,
Vimo asartando os mata
E plendendo as zente foro.

(Dançam e cantam á roda do carro):

Ai lé lé, lé lé, lé lé,
Ai que sarta, sarta sarta,
Ai que nos dança, nes forga,
Nós saber muita muranha.

Nós tem de dar uma batalha
Para caçar nozo zente,
Nozo faze os exercicia
Como sordado varente.

(Fazem os pretos graciosamente varios exercicios com as armas, com muitas visagens, e cantando alternadamente):

Sa os guerra preparado
Appareça os inimiga,
Que nozo aleganha os denta
E vence displeça os bliga.

Saia os pleta descubla os terra
E tambem os embluscada,
Si topa foge ripreça
Que no apanha os trochada.

(Sobem dois pretos a espiar a matta, e um d'elles cahirá no laço, que está armado de corda; e os outros acodem, armam uma batalha; o apparece como para apartal-os á figura da Graça e de S. João. Cessa a peleja, e a Graça canta):

Meu bello infante,
Que em graça bella
Sois linda estrella,
Brilhante flor.

N'essa luz pura
Com que brilhaes,
Ao mundo daes,
A luz melhor.

(Cantam os pretos todos em côro):

Viva San Zoão Baptista,
Di Blaga sempre louvaro,
Viva o povo blacarense,
Viva os pleta home houraro.

Scena 4.^a ou baile 4.^o

Na praça de Marzagão viviam os soldados portuguezes com necessidades de lenha, que iam buscar ás mattas dos mouros, onde succediam frequentes vezes choques e orelhadas; e para espiar a campanha deixavam sentinellas na muralha, que divisando algum mouro tocavam uma sineta, e os soldados ou christãos prestes saiam das mattas.

Eram dois carros, um figurava uma torre acastellada, com 6 soldados, um de sentinella, e duas figuras, que representavam,

a Fé e S. João.

No outro carro se figurava um bosque, no qual se viam alguns mouros.

(Do 1.^o carro se cantava):

Heroica empreza se ostenta
Ao valente lazitano:
Dar continuo saquo á terra.
Do soberbo mahometano.

(Dançando e cantando em dorredor do castello):

Ai li lá rá lé triumpho,
Sempre o valor n'estes peitos,
Roube-se a terra, e ponhamos
A' tal terra termo estreito.

(Passam os soldados a ir ao carro do bosque, comecem a cortar lenha, os mouros apparecem, toca a sineta do castello, fogem, os mouros os seguem, as portas do castello se fecham; e os mouros chegando ás muralhas param e cantam alternadamente):

Perros que apenas tememos
Do deus Mavorte o poder,
Sabei que em cinza vos pomos,
Pois vos fazemos tremer.

Do triumpho da campanha
Sempre bandeiras pozemos,
Dando uns aos outros já
Ternos abraços por premios.

Triumpharemos agora
D'este tredor portuguez,
Combata-se Marzagão
Que se rendo d'esta vez.

(Do castello fazem fogo aos mouros, vão em retirada e amollando as cutanas; sahem os soldados portuguezes, peejam com os mouros e em auxilio dos christãos sahem a Fé e S. João).

(A Fé—recitando):

Tyrannos infieis,
Não é bem que este dia triumphois
Mas é bem que rendidos
Sugeite vossos peitos fementidos
Em mim vós confiai
Como fé verdadeira me accetiae.
Prostrados n'esse chão

Adorae o menino S. João.

(A Fê canta a seguinte aria):

Triumphe constante
O rei luzitano,
Sinta o mahometano
As penas sem fim,
Se o seu peito movel
Rendeu S. João,
Com bom coração
Hão de crer em mim.

(Minuete dançado, e cantado em côro pelos soldados, alternadamente).

Luzida estrella
Bello esplendor,
Que com fulgor
Hoje brilhaes:

Vossos poderes
O mouro sente
Pois mais valente
Os sugcitacs.

(Suspendem as danças, tomam os soldados nova fôrma e subindo todos ao castello, cantam em côro):

Viva o poder luzitano
Na praça de Marzagão,
Viva todo o portuguez,
Viva sempre S. João.

*
* *

Por este modo espectacular (por que o maravilhoso era o gosto das festas de Braga n'aquellas epochas) terminavam por aquelle modo os festejos a S. João Baptista.

Extrahimos estas curiosas noticias d'um livro manuscripto do dr. J. J. Peixoto, em que elle colleccionou este e outros autos que se fizeram, e procissões com figuras allegoricas.

Iguaca usanças parece que ainda se observam na antiga villa de *Pedragão Pequeno*, nas margens do rio *Zezere*, dançando-se na egreja a *mourisca*, em louvor de S. João.

(Vid. Almanach de Castilho do anno de 1864, f. 222—Junho 25.

QUADRA POPULAR

Eu benzi-me duas vezes,
Tenho medo do quebranto,
Vem lá tu desquebrantar-mo,
O' amor que eu amo tanto!

DEMOSOPHIA

Era este o titulo que desde longos annos eu dava á collecção de tudo quanto dizia respeito ao saber popular; costumes, crenças, litteratura, medicina, lendas, contos, orações, jogos, cantigas, utensilios dos diversos misteres, pulhas, ditados, adivinhações, tudo foi espiolhado por mim, antes de ser reconhecida na Europa como uma mina essa nova fonte da sciencia, que tem sido explorada por abalisados homens de lettras.

Em presença do nome anglo-saxão consagrado pelas summidades litterarias de todos os paizes como indicativo da nova sciencia d'excação deixei de usar o que escolhera, nas poucas coisas que sobre este assumpto publiquei.

Hoje, porem, que o espirito nacional portuguez repelle justamente irritado tudo o que é originario d'alem da mancha, encimarei com esta epigrapho o que sobre sciencia popular der á estampa.

Tambem me parece preciso declarar que tendo em meu poder ha muitos annos parte das coisas que vou publicar e não tendo tempo para a colleccionação e classificação, assim mesmo as dou a lume para não permanecerem no olvido, commettendo aos que se interessam por estes estudos o cuida-

do de aproveitarem o que lhes for util.

* * *

Aos mythographos será talvez grato saberem que no Alemtejo tambem existe a predilecção pelo numero tres.

O Povo Alemtejano e o n.º 3.

Um, dois, tres, acerta o passo Igruez, outra vez.

(Ditado de brincadeira quando dois ou mais rapazes caminham a passo igual).

Um... dois, tres.

(imitação cadenciada do andar dos coxos. Empregada por troça.

Os tres da vida airada: Cocò, Ranhêta e Facáda.

(Diz-se quando se vêem tres sujeitos sempre juntos, ou com identidade de costumes ou de opiniões)

Tres vezes nove, vinte e sete.

(Diz-se quando uma coisa, que se esperava, aborton. Occulta-se quasi sempre o resto: noveis fóra nada ou: quem matou o cão foi o Baeta).

Jogo de tres o démo o fez—e por euphemismo—jogo de tres Deus o fez.

(Diz-se de qualquer empreza em que eram trez pessoas.)

Em quasi todos os contos os homens ou reis teem tres filhos.

Quando um sujeito vae correr o mundo (nos contos) encontra tres estradas, ou uma que se triparte.

Tres estudantes que tinham uma só capa. (Conto).

A's tres é signal de força.

Diz-se quando se fazem duas coisas e não se está disposto a continuar.

Applica-se tambem a tres accções quaesquer successivas).

Á primeira quem quer cáe; á segunda o descuidado; á terceira o tolo.

(Diz-se nos mesmos casos que a antecedente).

O signal para começar um jogo, uma carreira, um desafio é, quasi sempre, tres palmadas.

Para a semana dos nove dias (tres vezes tres).

(Praso que se indica a uma coisa que nunca deve ter logar ou que se julga tão difficil que se lhe dá uma epocha infinitamente remota).

Um rapaz, só, é um santo; dois são dois diabretos; tres são piores que uma legião de diabos.

Mulheres e burras tanto fazem tres como duas.

Uns poucos são tres.

(Ditado vulgar cuja origem ignoro).

Valha-te trezentos diabos!

Tres beijos n'um moço, tres beijos n'um velho, tres beijos n'um frade, oh! dá lhe que dá-lhe.

(Conto).

E' de tres assobios!

(Expressão que indica possuir uma coisa ou pessoa a bondade ou maldade em summo grau).

E' verdade como tres e dois serem cinco.

Não vae com tres razões?

(Coisa de difficil execução).

Tres rocas de vidro. (Conto)

Tres meninas encantadas.

(Conto).

Nas Xácaras e romances ha sempre o n.º 3: tres moinhos; tres laranjas, tres dias de qualquer coisa, tres vestidos, etc., etc.

Os tres mandamentos de Sevilha: olho vê, pé anda e mão pilha.

Tres coizas os homens não deviam fazer: não colher os fructos, porque elles caem em amadurecendo; não se matar a si nem aos outros, por ser a morte a coisa mais certa d'este mundo, e não correr atraz das mulheres, porque se assim o não fizessem, ellas correriam a traz d'elles.

O jogo dos tres cantinhos.

(Trincarro de Hespanha) emprega tres pedras de uma côr e tres d'outra. Ganha o parceiro que conseguir collocar as suas em carreira,

Ha tres e nada camarada!

(Costuma dizer-se quando alguém diz alguma coisa de que outro gosta. Tambem se diz sem significação alguma).

Tres meninas debaixo de um laranjal (Xácara).

A's tres portas ao cantinho, onde tea pae quebrou o focinho.

(Diz-se quando se indica uma morada que se ignora ou se quer occultar).

Tres vezes canta o gallo.

(Isso até é biblico).

Aos rapazes do campo que pela primeira vez empunham a rabeira do arado para lavrar metem-lhe na mão tres pedrinhas.

(E' uma pulha que os veteranos da lavoura fazem aos novatos, não de todo inoffensiva, pois que premidas pela rabiça contra a mão não deixam de molestar).

Nos ensalmos, esconjuros, curas, orações e praticas supersticiosas abunda o n.º 3.

Tres voltas dá o cão antes de se deitar.

(Ditado).

Tres é a conta que Deus fez.

Quem quizer ver mal a Portugal dê-lhe tres cheias antes do Natal.

(Ditado attribuido aos hespanhoes).

Tres em pipa, tres ao vintem.

(Ditados que exprimem abundancia).

Tres no cravo, tres na ferradura.

Tres em cheio, tres em falso.

(Expressões que indicam um proceder prudente quando se quer combater qualquer uso ou destruir qualquer coisa, transigindo em parte com o estabelecido para evitar grandes attrictos).

Tres vezes nada coisa nenhuma.

(Indica mau resultado em qualquer coisa executada).

Gaſta, Tolosa e Arêz. Oh! que tres!

(Ditado topico depreciativo de estas povoações do districto de Portalegre).

Safa, Arreda e Desvia são os tres officiaes do Barboza.

(Ditado usual em Fronteira).

Não sei se aquelle Barbosa era barbeiro cujos officiaes levavam coiro e cabelo ou sem cabelo).

Tres lagareiros, tres moleiros e tres escrivões são nove ladrões.

(Ditado).

Um convidado convida oito: e o dono da casa põe os nove (tres vezes tres) na rua.

(Ditado).

As tres Marias são as ultimas velas do candalabro do officio de trevas.

Ao terço ha quem chame *tres sô* e *tirasol* e *tresolho* e *traçolho*.

Três, tria, disse Martha a Maria.

(Dizem os estudantes).

A seguinte parlenga sobre a vida de certos individuos é curiosa:

Uma sêbe dura tres annos;

tres sêbes um cão;

tres cães um cavallo;

tres cavallos um homem;
tres homens um cõrvo;
tres corvos um *aliphante*.

Cada dia tres e quatro
chegarás ao fundo do sacco.

(Diz-se de quem gasta muito).

Uma agua de maio e tres de abril
valem por mil.

Nas seguintes decimas historicas
tambem figura o numero tres:

Com penna de pato ou *pirum*
Escreve o poeta, e apara,
E depois que a penna prepara,
Escreve sem medo algum,
Tres vezes sete vinte um,
Vinte um nozes fora tres.
Trinta dias tem o mez,
Tres oitavas o Natal,
Tres diabos tem Portugal,
Conde, Duque, Marquez.

De pato a penna ou *pirum*
Toma o poeta e apara,
E tanto que a prepara
Escreve sem medo algum.
Tres vezes sete vinte um
Vinte um *nos* fora tres,
Trinta dias tem no mez,
Tres oitavas o Natal,
Tres diabos tem Portugal,
Que é general, Mendonça e Marquez.

Uma constellação, cujo nome
ignoro, composta de tres estrellas
são as tres Marias.

Chapeu ás tres pancadas.

(Diz-se de quem não traz o cha-
peu bem collocado na cabeça, ordi-
nariamente de proposito e por pan-
dega).

Tres Marias do bê-ú.

(Diz-se quando se vêem tres mu-
lheres juntas).

Tres cidras do amor.

(Conto).

Quem tem soluço deve engolir 3
pequenos e successivos golos d'agua.

Ha quem eleve este numero a cin-
co, a sete e a nove, que tambem são
numeros fatidicos).

Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-
lhe tres...

(Parte das palavras sacramentaes
ou tabeliões com que o pregoeiro
nas arrematações em hasta publica
precede a entrega do objecto arrema-
tado a quem deu o ultimo lanço).

Em muitas cantigas apparece o
numero tres.

Tres palavras disse a Virgê Quan-
do nasceu o Menino:

— Vinde cá meu cravo d'oro Meu
sacramento devino.

Benzi-me tres vezes!...

(Phrase, acompanhada por vezes
da acção, quando se vê ou ouve coi-
sa inaudita).

Ha quem accrescente: com a mão
esquerda.

As orações repetidas tres vezes
teem mais efficacia.

Tres vintens.

(Diz se que uma coisa nova em fo-
lha, que ainda não foi estreiada tem
os tres vintens. Synonimo de virgen-
dade).

As procissões que vão de qual-
quer terra a ermidas sub-urbanas (ci-
rios em muitas partes de Portugal)
dão tres voltas á roda da ermida an-
tes de entrar).

Lua nova tropejada trinta dias é
molhada, se aos tres não è estiada.

(Ditado).

Continuamos a publicar o que res-
pigámos no sabes popular.

A primeira poesia é, como se vê, hespanhola, mas está já alemtejani-sada; a segunda pode ser que seja d'origem culta, mas tem hoje o cunho popular.

Me cazô mi madre
Xiquititainha
Com um picaro malo (*)
Que nã' no queria.

A' las oraciões
El hombre salia

Com su capa e somblêro
E 'spada sanhida.

Me fui atraz d'elle
Para ver ond' ia.
A casa de su comadre
Entrava e salia.

Me puz a escutchar
Ver o qué dizia:
—Vem-te cá mi alma,
Vem-te cà mivida,

É' te comprarê
Anágua e mantilha,
Com outra muguer
Trago mala vida.

Me vim a mi casa
Triste e afligida,
E tranqué' mi puerta
Como yo podia.

A' la media noche
El hombre venia
Com su capa e sombrero
E 'spada sanhida.

—Abre lá la puerta,
Abre, muguer mia,
Que vengo cansado
De rondar la villa.

É' lê respondido,
Pêro muntcho altiva:
—Onde estivestes la noche
Vae tenir el dia.

OS MANDAMENTOS DOS AMANTES

Eu confesso as minhas culpas
Todas pelos mandamentos:
Logo que vi a Joaquim,
Tive varios pensamentos.

O primeiro é amar a Deus,
Eu amo o meu bem querer.
Se Joaquim fôr constante
Hei de amal-o até morrer.

O segundo não jurar
O seu santo nome em vão,
Eu juro de amar Joaquim
De todo o meu coração.

O tereefro é ouvir missa
Nos dias sanctificados,
Eu cem missas ouvirei
Estando ó pé do meu amado.

Quarto é honrar Páe e Mãe,
Páe e Mãe respeitarei.
Só por tí, querido Joaquim,
Pae e Mãe eu deixarei.

O quinto não matarás,
Eu nunca matei ninguem.
Só me matam as saudades,
Que eu tenho de tí meu bem.

O sexto é a castidade,
Que é virtude de valôr,

(*) Depois do tereefro verso accrescenta-se-lhe sempre a palavra *Caramba!*

Eu sempre serei casta
'stando ô pé do meu amôr.

O septimo não furtar
Inda que haja precisão,
Eu sómente fiz um furto
De Joaquim o coração.

O oitavo não levantar
Testemunhos a ninguem,
Eu só disse que Joaquim
Era meu, era o mê' bem.

O nono não desejar
Do proximo a mulher,
Eu só desejo Joaquim,
Porque o que eu quero elle quer.

O decimo não cubiçar,
Eu não cubicei ninguem:
Eu só cubiço Joaquim,
Pois é meu, é o meu bem.

Todos estes dez mandamentos
Sómente em dois se encerram:
Em amar a Deus na céu,
E a Joaquim na terra.

Algumas das seguintes *orações*
podem ser achadas interessantes pe-
los que investigam a sabedoria do
povo.

Tinha cabida aqui o **Pelo si-
gnal do Junot** que o sr. Antonio
Pires já publicou n este mesmo jor-
nal e **As doze palavras di-
tas e retornadas** pelo mesmo
publicadas no *Archivio per le tra-
dizioni popolari*.

I

Modo dos pretos se persignarem:

Santa cruz cheché
Orá mundá.

Papá chini
A' muxá.
Na daré
E na crué.
Na Patrachá
E na Maié
Na Zepritá
Na Santaché.

II

Rima infantil:

Pelo signal
da mão do gral.
Comi toucinho
fez-me mal.
Se mais me dessem
Mais comia.
Seja por alma
d'amentolia (almotolia).

III

Rimas infantis:

Padre nosso
Comer não posso.
Ave Maria
Tijela vazia.

IV

A seguinte reza-se a serio:

Padre Nosso pequenino
Tem as chaves do Paraizo.
Quem lh'as deu, quem lh'as daria?
S. Pedro, Santa Maria.
Já os gallos cantam;
Já os anjos do ceu se alevantam;
Já Noss' Senhor subiu á cruz
P'ra sempre. Amen Jazus.

Esta é d'origem culta:

O' meu reverendo guardião,
 Dai nos com que bem passemos,
 Se quereis que vos chamemos,
 Padre nosso.
 E' tal o governo vosso,
 Quem bem vos não conhecer
 Facilmente poderá dizer
 Que estais nos ceos.
 Tudo pode fazer Deus
 E vós padre que obrais
 Não cuideis que estais
 Santificado.
 Tudo nos trazeis fechado.
 Fazei para que aberto nos seja,
 Que se conheça e veja
 O vosso nome.
 Antes que seja d'arroz.
 Enchei-nos que bem nos convem
 Pois que bem barato o tem
 O vosso reino.
 Bacalháu n'este mosteiro
 E' toda a nossa comida,
 Sem que outra *garida*
 Seja feita.
 Tudo nos trazeis d'espreita
 Uzando de tal traça,
 Que quereis que se faça
 A vossa vontade.
 E' tamanha a vossa crueldade,
 Chega delito tam grande
 A querer que esta fama ande
 Assim na terra.
 Indo para a Inglaterra.
 Aos herejes pregando.
 Nos cá iremos ficando
 Sós
 Como no cên.
 Se Christo mantimentos nos deu
 Para que quer V. Reverencia
 Tirar-nos por consequencia
 O Pão nosso?
 Christo, Senhor nosso,
 Ceo e terra fabricou
 Logo o pão nos deixou
 De cada dia.
 Que o frade não relia,

Se desse com outro reverendo,
 Dissera em amanhecendo
 Nos dáí hoje.
 Deitai-nos Padre ao longe,
 Com esse governo tal
 Se n'isto fazemos mal
 Perdoai-nos.
 Se o ganhámos, sustentai-nos
 Com essas missas que dizemos.
 Dai-nos uma; paguremos
 As nossas dividas.
 Não son mal promettidas
 Vós, padre, bem o sabeis:
 Tambem bem assim fazeis
 Como nós.
 Se o perdóam a vós,
 Ou fiado vol-o dão,
 A nós nos dizem que não
 Perdoamos.
 Como seus moços não samos
 Facilmente nos dirão
 Por titulo não somos
 Devedores,
 Não uzeis, Padre, taes primores
 Com essas snplicas nossas,
 A' cerca de sermos môços
 Não nos deixeis.
 Não é justo que o forceis
 O pobre peito do frade
 Pode por casualidade
 Cahir.

.....
 Nunca soube o resto:

V

Tambem culta:

Creio em D. Pedro 4.º todo li-
 beral, creador da constituição e da
 independencia, e em D. Maria 2.ª,
 sua filha mais velha, nossa senhora,
 a qual foi *concebida* por obra do a-
 mor patrio: nasceu de Leopoldina,
 padecou sob o poder dos vis rebeldes,

por quem lhe foi negada a sua legitimidade, abjurada e substituída a traçoadamente; mas sem descer da sua grandeza subiu ao throno, aonde está sentada á mão direita de seu esposo, todo prudente, e onde nós havemos de ver julgar os servís e os liberaes. Creio na constancia dos leaes portuguezes, na dynastia da real casa de Bragança, na comunicação das ideias liberaes, na remissão da nação, na ressurreição do nome portuguez, na sua paz, união e fidelidade eterna. Amen.

VI

Infantil:

Os mandamentos de Sevilha:

Olho vê, pé anda e mão pilha.

*Os mandamentos dos migue-
listas:*

Primeiro—dar vivas por dinheiro.

Segundo—chamar malhado a todo o mundo.

Terceiro—dar que fazer ao vidra-
ceiro.

Quarto—de vingança nunca far-
to.

Quinto—pôr o mundo em lava-
rinto.

Sexto—jurar por qualquer pre-
texto.

Septimo—ser carrasco e ter bom
prestímo.

Outavo—ter a religião por al-
vo.

Nono—tirar o seu a seu dono.

Decimo—dizer bem do que é pes-
simo.

Estes dez mandamentos encer-
ram-se em dois: viver como os bur-

ros, e ter canga como os bois.

VII

O mandamentos dos cler'gos.

O primê'ro
servir a Dê's por dinhe'ro

Segundo

olhos no ceu, unhas no mundo

Terceiro

Comer bôa vacca, melhor carnê'-
ro.

Quarto arrotar depois de farto

Quinto

beber bom vinho branco, quando
não ha do tinto.

VIII

Prefacio tirado de um conto.

Bemfeciste mulier

Em mostrar a perna de carnê'ro
pela palestra (janella).

Faze-a toda,

Medium cosis, medium assis.

Manda a casa de compadre

Petrus Affonsis

Buscar calabaca de canad' ó
meia.

Para mim, para ti e para fillis
nostris, e tambem pró Manuel dos
Santos, santos, santos.

IX

Santa Madalena

P'las aguas do mar andae

D'horta em horta

De rosel em rosel.

O' fim d'aquella horta

O' seu hortelão foi fallar;

—Dê's te salve, ó hortelão,

Dê's te livre de todo o mal.

Vistes por aqui passar Jasus?

—Jasus aqui passou

C'uma crôa d'espinhos.
 O' saltar d'aquel' barranco
 Jasus cahí' por terra.
 Vierom-nos farezeus
 E lhe decerom:
 —Levanta-te Gallileu!
 Se nã' te quizeres alevantar
 Te daremos fel' e vinagre a provar.
 Quem esta oração rezar,
 Sete sextas-feiras na coesma
 Outras sete no carnal,
 Por munitos peccados que tenha
 Nã' dê' xará de se salvar.

Ave Maria pequenina:

Ave Maria pequenina
 Tem as chaves da santa gloria.
 Quem lh'as deu, quem lh'as daria?
 A virgem Senhora do Rosario.
 Anda por villas em villas,
 Logares em logares
 A' pergunta de Jasus Christo
 Sem o poder achar.
 Foi achal-o em Roma
 Vestidinho no altar
 Calix bento na mão
 A hostia por consagrar.
 Missa Nova quer dizer,
 Missa Nova quer cantar,
 Missa Nova com muita alegria
 O's ceus hade chegar.
 Quem esta oração rezar
 A' nôte cando se dê'tar
 P'la manhã cando se levantar
 Quatro almas terá
 das penas do Prigatorio
 1.^a seja a sua
 2.^a de sua mãe
 3.^a de sê' pae
 4.^a do parente que mais gostar.

O seguinte conto foi recolhido pelo sr. alferes Fernando Augusto do Carmo.

Era d'uma vez um lobo. Ia por uma estrada adiante com muita fome, quando encontrou um pedaço de toucinho, mas tão velho e rançoso que não se podia tragar de forma alguma. Virou-o e tornou-o a virar, cheirou-o, mas estava tão ruim que o lobo, apesar de esfomeado não se resolveu comel-o. Continuou seu caminho e encontra uma egua com uma poldra. Diz-lhe a egua: Oh lobo tu vens comer a minha filha? Venho sim porque trago muita fome. Olha eu trago um espinho n'um pé; tira-m'ò que depois te darei a minha filha.

O lobo assim fez, mas quando andava á pergunta do espinho na pata da egua, esta dá-lhe um valente par de coices e safase a toda a pressa mais a filha. O lobo ficou a chorar, a lamentar-se muito, dizendo: tu lobo não quizeste toucinho salgado, ora agora apanha lá:

Poz-se novamente a caminho, e junto a um ribeiro encontra uma marrã com uns poucos de bacorinhos. Diz-lhe a marrã: Oh lobo tu vens comer algum dos meus filhos? Venho sim porque trago muita fome. Olha eu de muita boa vontade te dou alguns mas ficaria-me 'ma grande pena se os deixasse morrer sem serem bautisados; por isso põe-te tu alem no meio do ribeiro que eu os vou bautisando, tu vãs pondo-os do outro lado, depois passo eu, e tu comes então aquelles de que tiveres vontade. Assim se fez. O lobo poz-se dentro do ribeiro, e foi acarretando para o outro lado todos os bacorinhos que a porca lhe dava. Depois de todos mudados, marcha de cá esta a correr com toda a força, encontra-se c'ò lobo e dá-lhe uma tal trombada que o lobo cabiu para dentro d'um peço, e depois safou-se com os filhos.

O lobo com muito trabalho sahio do ribeiro e continuou o caminho, lamentando a sua triste sorte: tu lobo não quizeste toucinho salgado, ora agora apanha lá.

No meio do campo estavam dois carneiros a empurrar-se.

O lobo que os viu foi-se chegando, dizendo comsigo que de esta vez não o haviam de enganar. Diz-lhe um dos carneiros: Comprade lobo, tu vens para nos comer? Venho sim, porque trago muita fome. Olha nós somos dois irmãos e queremos comprar este campo e por isso o andamos a medir, mas deu-se o caso de que meu irmão não fez bem a conta, eu zanguei-me com elle, de forma que temos de principiar outra vez a medição. Põe-te tu aqui para servires de marco; nós marchamos de lá para cá medindo a terra, e depois d'ella medida tu comerás para castigo aquelle de nós que se enganar.

O lobo esteve pelo ajuste. Os carneiros tomaram campo á sua vontade, vieram depois a correr á braça d'êto ó lobo, e pregaram-lhe tal marra-da que o poseram de pernas para o ar e depois fugiram. O lobo ficou muito triste, maldizendo cada vez mais a sua triste sorte: tu lobo não quizeste toucinho salgado, ora agora apanha lá. N'este tempo viu vir um rebanho de cabras. O lobo mal as viu foi-se logo direito a ellas. Diz-lhe uma.—Oh lobo tu vens para nos comer!—Venho sim porque tenho muita fome. Torna-lhe a cabra.—Acho escusada essa tua decisão. Nós vamos todas cantar a uma festa, ha lá muito que comer, e se tu nos quizeres acompanhar encherás a barriga á tua vontade e te divertirás tambem cantando a tua cantiga. O lobo ficou muito contente e seguiu as cabras

que se foram metter no *bardo*(curral). Começaram os *descantes*. As cabras berravam com toda a força e o lobo que se não queria ficar atraz uvava tambem com toda a valentia para as acompanhar.

Os cabreiros descobrindo a causa de tal concerto armaram-se de paus, foram-se ao lobo e tozaram-no de maneira que o deixaram como morto junto a uma arvore. Aconteceu passar por aquelle sitio um lavrador com um machado e vendo o lobo prostrado teve curiosidade de ver se estava morto. Como o lobo se mechesse para se levantar, o homem teve medo e subiu para a arvore. Pôz-se o lobo a chorar as suas maguas assim: Quem te manda a ti lobo ser alveitar d'eguas. . . quem te manda a ti lobo ser cura de almas. . . quem te manda a ti lobo ser marco de terras. . . quem te manda a ti lobo ser cantor de capellas. . . não viera um raio que te partisse!! O lavrador, que estava subido na arvore, ouvindo este desejo, atirou-lhe com o machado a cima e matou-o, e tirou-lhe a pelle de que fez um tambor, para que nem mesmo depois de morto deixasse de levar paulada pela sua má cabeça e parvoice.

Seja Dê's louvado está o mê' conto acabado.

O seguinte conto foi recolhido em Elvas

Era uma vez um lobo e uma rapoza. Iam por uma estrada a diante e encontraram um burro morto. Como fossem com muita fome comeram com appetite a grande petisqueira que o acaso lhe deparava.

Depois de saciados, como vissem que ainda sobrava muito, disse a ra-

posa para o lobo: Compadre, tive agora uma ideia formosa. Qual é, perguntou o lobo? E' fazermos manteiga com as banhas e mais gorduras que nós não podermos comer. Bem lembrado, diz o lobo.

Pozeram mão á obra e fizeram uma porção de manteiga que encheu trez panelas. Como estivessem então fartos deliberaram enterral as, reservando-as para quando não tivessem outra cousa para comer.

Passado algum tempo a raposa começou a sentir vontade de papar a manteiga, mas sem repartir com o lobo. Diz-lhe um dia: Não sabes, compadre lobo fui convidada para um baptisado. Oh! que pechincha, disse o lobo, vamos ter grande fartura de bolos e amendoas. Olha compadre lobo, será bom que te lembres do ditado, que a bôda e baptisado não vãs ser convidado: como não me disseram que te levasse, achava que era melhor lá não ires. Pois sim, mas será bom que te lembres de mim á volta, e me tragas que mais não seja algum bolinho para provar.

A raposa foi-se para o imaginario baptisado, e direita ao sitio onde tinham enterrado a manteiga. Tratou de comer a que continha uma das panelas. A' noite voltou para casa, fingindo-se muito cançada.

Ora viva lá, senhora madrinha, que tal foi o baile que a deixou derreada, disse-lhe o lobo. Qual baile nem qual carapuça. Ainda nunca vi função mais reles, pouco comer a muita gente, eu por ser a madrinha por muito favor poudo alcançar uma perna de biscoito e nada mais. Ainda bem que eu lá não fui, disse o lobo todo contente. Passados mais alguns dias, outra vez começou a raposa a lembrar-se da manteiga. Outro con-

vite para baptisado e novas recommendações da parte do lobo para que se não esquecesse d'elle, com as amendoas. Mas qual... a concorrência era cada vez maior e os bolos e amendoas menos...

Terceiro convite á raposa, mas d'esta vez para uma bôda. O lobo não gostava muito que a sua madre andasse por funcções, a que elle não podia assistir, mas que fazer...

Á volta, como a raposa viesse com as mãos abanando, o lobo jurou que nunca mais a deixaria ir a parte alguma sem elle, por que não era justo que em quanto a raposa se divertia e enchia a barriga por fora, elle lobo estivesse com fome em casa.

Este juramento não incommodou a raposa, porque a manteiga já estava toda comida.

Um bello dia lembrou-se o lobo da manteiga e diz para a raposa: Não sabes, estou hoje com vontade de comer um bocado de manteiga. Vamos nós buscar aquella que temos guardada? Como a raposa concordasse, foram-se em cata d'ella, mas encontraram-lhe só o sitio. Puzeram-se a bulhar sobre o caso: por que tu é que fostes, não ha tal fostes tu, e assim estiveram por muito tempo, até que por fim a raposa decidiu que se deviam ir deitar ao sol com a barriga para o ar, e aquelle a quem ella primeiro suasse seria o guloso. O lobo concordou. Foram par cima de umas pedras, e deitaram-se na posição combinada. Passado algum tempo, a raposa, como visse que o lobo roncava como o mais grave canudo de um orgão, foi pé-ante-pé e ourinou-lhe na barriga, e voltou para o seu logar acordando o lobo e dizendo-lhe: Grande guloso! foste tu que comeste a manteiga, e ainda em

cima me culpavas a mim! Olha, comadre raposa, acredita que não dei por tal, e, se por acaso comi a manteiga foi com toda a certeza a dormir, porque não me recorde de facto alguma a este respeito.

Puzeram-se a caminho para casa. O lobo não fazia senão parafuzar no caso, e começava a desconfiar que a sua comadre o intrujava, mas que lhe fazer se a elle é que tinha suado a barriga?...

Avistaram uma casa, e, como fossem com fome, lembraram-se de ir espreitar se haveria lá alguma cousa que trincar,

Havia é certo uma bella tijella de migas, mas havia tambem o inconveniente de estar guardada por tres guapos mocetões, e encostados a um canto outros tantos chibantes varapans.

Diz a raposa ao lobo: compadre, se queres ter bella ceia, apparece de repente á porta da casa, e verás como aquella gente foge logo espavorida com medo de ti. O lobo assim fez, mas os homens, mal o viram, saltaram nos cacetes e agora o verás, correm atraz do lobo e dão-lhe uma cossa monumental. A raposa, logo que viu os homens entrelidos com o lobo, entrou para dentro de casa e tratou de comer as migas. poz-se depois n'uma perna, e foi á pergunta do lobo, que encontrou junto a uma ribeira, fingindo-se ella muito doente e coxeando de uma perna. Ai compadre lobo! que grande tarcaia ainda nunca na minha vida apanhei sova tamanha. E que te direi eu, comadre raposa! aquellos patifes parecia-lhes que estavam a malhar n'uma vigorna! Estou que não posso andar, replicou a raposa, tenho com toda a certeza uma perna partida, se tu me

levasses ás costas d'aqui até casa, eras bem meu amigo. Vá lá! concedeu o lobo. A raposa montou-es no lobo, e lá foi toda satisfeita dizendo: Raposinha gaiteira, farta de migas vae á cavalleira. Que dizes tu, comadre raposa? Ora, vou lamentando os meus pobres filhinhos, o que seria d'elles se eu lhe faltasse. Ao atravessar o ribeiro, outra vez a raposa a chiar: Raposinha gaiteira, farta de migas vai á cavalleira. O lobo que d'esta vez tinha applicado o ouvido, atirou-a para dentro do rio e afogou-a dizendo-lhe: Grande patifa! não bastava comeres a manteiga, querias ainda que me matassem á paulada! E está o conto acabado.

Na *Musa das revoluções* reuniu o sr. Alberto Pimentel grande numero de poesias, hymnos e estrophes soltas, que o nosso povo guarda na memoria, referentes aos acontecimentos politicos, e que dia a dia se vão obliterando.

Bem haja, pois, quem levanta do pó do esquecimento e de uma perda irreparavel esses fragmentos brilhantes do nosso cancionero.

Já Antonio Pires publicara no *Elvense* muitas canções d'este seculo, que põem bem em relevo não ser só no romance da paz que a musa portugueza toma alentos. A musa popular ao contrario é com as commoções politicas que mais se exalta.

Tinhamos nós recolhido alguns versos e canções d'esta natureza que não reproduzimos por terem já sido publicados. Apenas apresentaremos o de cuja publicação não temos noticia.

O côro do hymno patriotico que

vem na obra citada a paginas 163.

A's armas, ó Insos,
O ferro empunhemos,
Maria segunda
Ao throno levemos,

foi mais tarde, pela Maria da Fonte,
paraphraseado assim;

A's armas, ás armas,
A's armas voêmos,
Maria com Carta
O' throno a levemos,
Maria sem Carta
no throno a não qu'remos.

Tambem suppomos ineditas as seguintes:

Sua mão delicada
Bordou a bandeira,
Que altiva tremula
Na heroica Terceira.

Na patria contigo
E' doce viver:
Por ti e pela patria
morrer ou vencer.

O côro do hymno a D. Miguel
tambem os liberaes alteravam:

O rei chegou
O rei fugiu
Vá p'ra a . . .
.....

Tambem não vimos publicada esta:

Tápiço, olaró! tápiço (tape isso?)
Tápiço, que elle lá vem:
Fugiram, tiveram medo
Deixaram Santarem!

Do tempo dos francezes, como diz
o povo, sabemos a que segue:

Ditosa serra da Estrella
Qu'os portuguezes abrigou,
Onde os francezes temeram
E o Jinó arrecuou.

Finalmente recolhemos esta contemporanea, valha a verdade, de pouco merito:

D. Maria Pia
Em tudo é infeliz:
Filha de Victor Manoel
Esposa de D. Luiz.

Muita ambição de fazer versos, o falta de rimas.

O seguinte, é uma variante do publicado a pag. 349—n.º 4 da *Revista Lusitana*.

tango-mango

Eu casei-me com uma velha
Por causa da filharada;
Mas a maldita da velha
Teve dez d'uma ninhada!

Esses dez filhos que teve
Nenhum d'elles era nobre;
Deu-lhe o tango, riquitango, manglo, manglo,
De dez ficaram só nove!

Esses nove que me ficaram
Comeram bello biscoito;
Deu-lhe o tango riquitango manglo manglo,
De nove ficaram só oito!

Esses oito que me ficaram,
Foi isto n'um palacete;
Deu-lhe o tango riquitango manglo manglo,
Dos oito ficaram só septe!

Dos septe que me ficaram,
Foi isto em dia de Reis;
Deu-lhe o tango riquitango manglo manglo,

Dos septe ficaram só seis!

D'esses seis que me ficaram,
Isto agora não é brinco,
Deu-lhe o tango, riqui-tango manglo manglo,
Dos seis ficaram só cinco!

Esses cinco que me ficaram
Comeram um bello pato;
Deu-lhe o tango riqui-tango manglo manglo,
Dos cinco ficaram só quatro!

Dos quatro que me ficaram,
Era isto nos vinte do mez,
Deu-lhe o tango riqui-tango manglo manglo,
Dos quatro ficaram só trez!

Esses trez que me ficaram
Compraram uma junta de bois;
Deu-lhe o tango riqui-tango manglo manglo
E de trez ficaram só dois!

Os dois que me ficaram
Comeram um bello pirum;
Deu-lhe o tango riqui-tango manglo manglo,
De dois ficou-me só um!

Esse unico que me ficou
Tinha fina educação;
Deu-lhe o tango riqui-tango manglo manglo
Acabou-se a geração.

Dá-se ás torradas manteiga
Por cima café limão.
Eis como se acabou em breve
Uma tão linda geração!

Tambem dizem tangro mangro.

Essas quadras pouca valia pare-
cem ter, entretanto publico-as, por
pertencer aos mestres d'estes estudos
segregar do bom o mau.

No dia 30 de março,
calhou a uma sexta feira,
foi quando a Carmo morreu,

era uma moça solteira.

Ella saiu de casa
ia a rir e a mangar,
dizendo para as primas:
O' prima vou-me afogar!

A morte a ia a puchar
para o pégo da ribeira,
ella não advinhava
que desabava a barreira.

Que desabava a barreira;
Caiu no pégo sem fundo,
no dia 30 de março
deu a despedida ao mundo.

Foi a baixo veio a cima,
dando os braços ao José Francisco
dando os braços ao José Francisco
que lhe fosse acudir.

José Francisco com muita penna,
sem lhe poder valer.
A mãe, assim que soube,
dava suspiros a morrer.

Tristes são as sextas feiras,
tambem os sabbados d'Allelúia,
foi pois quando a Carmo morreu
deu o corpo á sepultura.

A Trindade se offereceu
para á Conceição a vestir:
era uma moça tão linda!
Parecia que se ia a rir. . .

Parecia que se ia a rir
para o seu lindo amor,
dos pés até a cabeça
cercadinha de flores.

O' que versos tão bem armados,
armados com desembaraço.
Tudo isto aconteceu
no dia 30 de março.

* * *

Alem por aquella serra acima.
quatrocentos cegos vão;
cada um leva seu moço,
cada moço leva seu cão.
cada cão leva seu cesto.
cada cesto leva seu pão:
o pão está quente, saiu do forno.
Arreda á banda, a cadella não pode
com tanto cachorro!

* * *

A seguinte canção, diz-se foi feita por uma freira do convento de S. Domingos d'Elvas. E, tal era a falta de vocação da infeliz creatura, que foi achada morta n'um poço do mesmo convento. Diz-se que se suicidou.

A freira

Já não ha nem pode haver
tristeza tão pouco penosa;
sendo eu tão formosa,
aqui me encerram *(bis)*.

Aos meus paes aconselharam
não me dessem o meu dote,
porque a minha melhor sorte
era ser freira *(bis)*.

Avisaram a porteira
tambem a madre Abadessa
que me metesse em cabeça
.....
que a freira que era professa
cazar podia *(bis)*.

Eu como menina cria,
cuidando que era verdade
que qualquer freira ou frade
cazar podia *(bis)*.

Eu já não tenho alegria...
Que alegria posso eu ter!
em cuidar que hei de ir comer
ao refeitorio *(bis)*.

A' sombra do dormitorio,
oude dormem as mãs madres,
suspiro co'as seculares
cá entre nós *(bis)*.

Cuidando, dormimos sós,
que me causa grande agonia,
que em toda a noite fria
me alevento *(bis)*.

Choro, faço o meu pranto,
toda me desfaço em choro
em cuidar que heide ir ao côro
resar matinas *(bis)*.

Resando resas divinas,
lá em certos corredores
me lembram os meus amôres,
por quem eu morro *(bis)*.

Logo á minha cella corro
ao meu espelho me vejo,
meu rosto vejo já velho
tão málfadado *(bis)*.

Alegria dos casados!...
de legrem seus amores
continuam os seus favores...
mas eu já amo *(bis)*.

.....
A meu pae torno a culpa,
ao meu irmão tambem,
podendo eu casar bem,
não me deixaram *(bis)*.

.....
Antes queria ser casada,
de noite embalar meninos;
do que ser freira professa,

tocar os sinos *(bis)*.

Antes qu'ria ser casada,
meninos ouvir chorar;
do que ser freira professa,
servir a Deus e a Deus louvar *(bis)*.

* * *

● frade

Triste vida é ser frade
é peor que d'uma freira
andar de noite á carreira.
á penitencia *(bis)*.

E' precisa paciencia
do nosso *novo senado* (noviciado)?,
viver um anno encerrado...
eu não sabia *(bis)*.

Eu bem disse que não qu'ria
ser frade d'este convento;
ainda para maior tormento
em experimentei *(bis)*.

Eu á força professei
por meus paos assim o quererem;
ser defunto sem morrer...
amortalhado *(bis)*.

N'este fogo abrasado
com este cruel vestido *(a)*.

.....
Não sei o resto.

(a) quando me vejo despido
Estou contente *(bis)*.

Se algum dia estou doente
Vou p'ra a enfermaria
então tenho alegria
Tenho alegria

Em 1882 publicou o sr. dr. Leite de Vasconcellos os seus — *Ditados topicos de Portugal* — de que fez a fineza de me offorecer um exemplar.

Ao lel-os, referentes na sua grandissima maioria a logares do allem- Mondego, lembrou-me logo dos innumeros, que corriam n'esta vasta, e a todos os respeitos riquissima provincia do Alemtejo, e dos quaes eu sabia grande quantidade, que mereciam ser publicados.

Só hoje é possível levar a effeito este intento, e, ainda mal, só posso apresental-os d'este districto e do de Evora, collhendo pouquissimos de Beja que é segundo me parece, a parte da provincia menos explorada e mais opulenta em elementos do saber popular.

A difficuldade, a grande difficuldade d'estas publicações consiste na classificação.

Adopto a do Leite de Vasconcellos: Elogios, Apodos e Referencias diversas.

Dentro d'estes grupos procurei seguir a classificação proposta por D. Luz Romero y Espinosa na revista "*El Folk-Lore Frexnense*", num. 1, enero-abril de 1883.

Farto subsidio deu para este trabalho o sr. Victorino d'Almada, a quem taes estudos são muito familiares.

Depois de quasi concluido fui res- pigar nos *Contos populares do Alemtejo*, publicados por Antonio Pires na *Sentinella da Fronteira*, e ahí achei vasta colheita que vae no fim separada dos ineditos.

● DITADOS TOPICOS

I

ELOGIOS ÀS TERRAS

- 1 Quem não foi a Lisboa
Nunca viu coisa boa (1).
- 2 Vae a Lisboa,
Se quer's ver coisa boa.
- 3 Ó Brinches, o lindo Brinches,
Já te não chamam aldeia:
Chamam-te nobre cidade,
Aonde o meu bem passeia.
- 4 Salvada e Quintos,
Serpa e Baleizão
são nas quatro terras
da minha paixão.
- 5 Se fôres a Elvas,
Vae á Piedade,
Que é a melhor cousa
Que tem a cidade.
- Sobre Elvãs ha dézenas de cantigas, pela maxima parte publicadas por Antonio Pires.

6 Formosa villa de Castro (2),
Onde o Senhor appar'ceu
Ao rei D. Affonso Henriques,
Que a batalha venceu.

7 Campo Maiori (3)
Terra boa
Gente me'hor.

8 Já Beja nã vale nada,
Ferrê'ra val'um vintem,
Pero-Guarda vale tudo
Só pelas moças que tem.

Como se vê esta cantiga pode ter logar aqui ou entre os apodos. Assim acontece a muitos dictados, e por isso é difficil na a classificação.

9 Raparigas d'Alegrete,
Nã quêram morar na serra;
Venham p'rá villa d'Arrouchis
Tomar amor's n'esta terra,

10 Villa Nova já foi villa,
Agora éi um chiquê'ro.
Quem quer ver môças bonitas
Vá p'rò Rio de Janêro.

Pouquissimos são os dictados puramente apologisticos porque é mais facil dizer mal do que bem. Leite de Vasconcellos só tem 10 na sua collecção.

II

APODOS ÀS TERRAS

A Indeterminados

(a) CONTRA GENTE

Dos de Evora diz-se:

11 Ou forca ou India ou marca de estrada,
para significar que é má gente.

12 Tambem lhe perguntam pela Beata, e se beijaram o pé á Beata, referindo-se ao caso conhecido de simulação de morte a que os frades obrigaram uma mulher, sendo descoberta a fraude por uma sentinella que guardava o corpo da *santa* exposta á veneração dos devotos.

13 Os do Alandroal não teem (usam) ceroulas.

(1) Diz-se no Alemtejo.

(2) Castro Verde.

(3) Publicada na *Revista Lusitana*.

14 Aos de Barbacena diz-se:

O' Senhora da cuveta
Accudi á charoleta.

15 Os de Olhão encavacam em se lhes
dizendo:

Quando chegam os órgãos do Braz
Quaresma?

16 Os d'Aguiar da Beira entrufam-
se em lhes fallando na *Cabicanca*.

17 Os de Vallongo (Douro) não gos-
tam que lhes fallem na cadeira do pa-
dre Verissimo.

18 Os ferreiros de Penafiel embirram
com ver passar o dedo pelos beiços,
tem seu perigo perguntar n'aquella
terra pela rua direita.

19 Avintes. Dá-me noticiais do padre
José 14?

20 Porto. Os sapateiros da rua das
Congostas não gostam que se
lhes diga que deitem para fóra o car-
reiro.

(b) Contra povoações

21 Os do Vimieiro concelho de Ar-
rayollos dizem dos das terras circum-
visinhas,
Móra nem uma hora.

22 Pavia nem um dia.

23 Cano nem um anno.

24 Cabeção nem um serão.

25 Souzel nem um quartel.

26 Vimieiro um anno inteiro, para
significar que são más terras, onde se
não pode viver.

27 O' Serpa serpente
Boa terra e má gente.

28 De Beja diz-se que:
Nem Sé,
Nem fê,
Nem grei,
Nem lei,
Nem monte,
Nem fonte,
Nem ponte.

29 Fui a Santarem por terra.
Por ver o Santo Milagre.
Nunca vi terra mais santa,
Gente de tanta maldade.

30 Aos d'Estremoz pergunta-se-lhe
se tambem são do Almazem, e per-
gunta-se-lhe pelos machados. Isto
remoque refere-se aos morticínios so-
bre os prezos liberaes pela guerra da
sucessão.

31 Villa Boim terra boa é gente
ruim.

A que elles respondem:

32 Você mente.

Se a terra é boa melhor é a gente.

33 Ande-lhe ó redori
s'a terra ei boa a gente ei meliori.

34 Aos de Portalegre pergunta-se-
lhe:

A quantos de maio... (teve o seu
bom successo) Portalegre?

A que elles respondem com uma
injuria que termina, para rimar,

em.....e o diabo que te leve.

35 Gáfete, Tolosa e Arez (1)

Olha que trez!

36 Respondem os d'estas terras:

E mais o Crato;

Olha que quatro!

(1) Terras do concelho de Alpalhão e Niza.

(Continúa.)

Sociero de Brito.

O SAN-JOÃO

(Chronica da meia noite)

Lembram-me com verdadeiras saudades os arraiaes alegres da provincia—o seu rosmaninho bem-cheiroso, as suas violas chorando, os seus descantes namorados! Derrama-se uma embriagante poesia por sobre as aldeias; os cahinhos coalham-se de gente alegre que vae dançando, que vae cantando, estradas-fóra...

Venho fallar-lhes do San-João. Lisboa, a Lisboa fina dos salões e da Avenida pedante, não sabe entender as alegrias e as doideiras bucolicas d'um verdadeiro San-João. Só a aldeia, ingenua e simples que é, comprehende a poesia d'essa festa, tão popular, tão singela, cujos descantes acordam saudades nos mais empedernidos corações.

Aqui, se não foram as ovarinas e os operarios das emigrações da provincia portugueza, ninguem se atreveria a vir à rua dançar e rir, folgadoamente. E' preciso que essas boas criaturas, apegadas d'alma e coração à saudade dos seus lares longiquos—onde ha levadas

d'agua arrulhando e verdes pomares ramalhando... — transplantem para o meio da cidade os seus bucolicos costumes, as suas festas álgres, para lhe darem o tom bizarro d'uma cidade que de portugueza se preza, cantando e rindo nas alegrias da sua provincia.

Assim è que, n'estas noites de festiual religioso e popular, Lisboa tem o aspecto d'um Portugal pequenino, onde a cada bairro corresponde uma região portugueza—o Alemenjo com os seus ceifeiros tocando pifaro, a Beira-Baixa tocando adufe e dançando velhos fandangos, a Beira-Mar com as suas guitarras e os seus harmonios...

O Rocio, n'estas noites onde os grupos provincianos se destacam pelo seu trajar, e pelos seus bailes, é verdadeiramente um grande arraial de provincia—tricanas d'Aveiro, saloias, algarvios, montanhezes da Beira, murtozeiros. A propria policia, de indulgente que é, e passa-culpas n'estes festivaes, lembra-me os adoraveis cabos de policia da aldeia, com o seu regedor, a fazerem malta com os esturdios cantadores, como se fossem filhos do mesmo Pae e da mesma Mãe. Elles, os imperturbaveis fiscaes da Lei! elles, os sustentaculos da ordem!

O San João na aldeia!

Saudades que me faz esta noite! Tenho cá dentro uma viola a tocar a romaria.

O' luar enganador,
Não te escondas nas salgueiras!
Illumina o tocador,
Dà-lhe força nas toeiras!

Fonte d'oiro, pinga, pinga,
Que o San-João já là vem!
Fonte doiro, pinga, pinga,
No coração do meu bem.

O' rosmaninho do monte,
O' verde mangeriço...
Ninguem vá sósinho à fonte
Na noite de San-João...

A' roda das fogueiras, tocam violas.
Cada cavador é um poeta n'essa noite.
E o branco Luar dos namorados derrama-se profusamente, n'uma cascata de neve sobre todo o terreiro! Andam o Prior, o Morgado; o senhor Juiz, mais o senhor Administrador, tudo de malta, confundidos nos bailes e nos descantes que os não poupam...

Só me falta namorado
Pr'a fazer minha alegria;
Que eu já tenho do meu lado
O Prior da freguezia.

O Morgadinho da aldeia
Tem trinta contos de seu;
Se eu não fosse assim tão feia,
Quem lh'os pedia era eu...

Senhor Administrador
Com seu alcaioite á banda!
Não engane o seu amor
Que mora em certa varanda...

Se o meu pae não quer casar-me,
Nem quer que eu seja feliz...
Tanto monta... Vou casar-me
Por mandado do Juiz...

E segue a dansa, e seguem os descantes, alegremente, n'um doce tiroteio de versos que são um verdadeiro encanto.

Ao bater da meia-noite—à hora das Fadas—vão ranchos caminho da fonte-santa, onde a agua milagrosa faz prodigios de cura. Cõa-se o Luar pelo crivo das arvores...

O' San-João milagreiro,
Remedio dos meus amores,
Vou lavar-me à tua fonte
P'ra curar as minhas dores...

Bebi agua à meia-noite,
Ai, Jesus! que bem me fez...
Andava sem namorado,
E agora já tenho trez...

Trez amores, qual mais lindo,
Posso escolher á vontade:
Manoel, Antonio e João,
E' a santissima Trindade!

E, ao voltar da romagem à fonte-santa, lá por essas quatro horas da madrugada, o dia acorda e vem derramar os primeiros oiros do Sol sobre a cabeça dos namorados...

Recordam-se episodios: ha quem ria, e ha quem chore. Para uns, correu a noite feliz; para outros, tudo foi desesperança e desillusão.

Se as silveiras fossem penas
Na noite de San-João,
Quantas coisas escreviam
Essas penas pelo chão...

Se os ramos tivessem lingua
E uma bocca p'ra fallar,
Dos amores d'esta noite
Muito tinham que contar...

Calai-vos, agua da fonte,
Calai-vos, ramos, tambem...
Fallai baixinho, baixinho,
Que o não oiça a minha mãe...

*

O' saudosas noites do San-João da
minha Aldeia! Como eu vos recordo e
choro sobre esta recordação amarga!
Calai-vos, violas do Rocio! Que vós

sois como o porta-voz da linda festa que, a estas horas da noite, anda cantando à roda do meu Lar distante!

Gaio Verde.

O S. João no Minho

Não é em Lisboa que o santo popular das mulheres, tem o seu mais fervoroso culto, mas lá fóra na provincia, especialmente no Minho, ao contacto da natureza simples e na liberdade dos campos inundados de bom sol.

Na capital, as genuinas tradições populares, vão a pouco e pouco esborroando-se, perdidas no meio d'um convencionalismo postiço e soterradas na banalidade lorpa que os purismos de civilisação nos querem impor em formula de importação.

É no Minho sobre tudo nas aldeias, que estas festas populares teem o encanto nativo, de uma eticidade tão bondosa, já no proprio circuito do burgo, já dilatando-se e constituindo o que se chama uma romaria.

E nada mais característico, nada mais simplesmente magestoso, do que uma romaria minhota. Ali a alegria espumêja fremente, espontanea, irrompendo da saude, que tudo ali respira e d'aquella paz em que tudo immerge.

É a alma do povo na sua simplicidade nativa, que espadaneja de jubilo...

Lá no alto da montanha (é geralmente nas montanhas que as romarias teem logar), a capellinha branqueja reluzente ao sol que alaranja no nascente; aqui e alem os campos estendem-se relvorosos de

verde glauco; ao longe, o dorso das montanhas ondúla, perdido n'um esfumado distante e pelas vertentes do monte a multidão trepa n'uma grande massa negrejante, resaltante nos trajés.

A' noite, sob o luar que se espreguica n'uma indolencia oriental, sob o céu que se arqueia docemente n'um tom unido, tem logar nas grandes eiras, as danças insufladas d'uma tão vibratil vivacidade. ao som de canticos, d'esses canticos populares do Minho, ora tristes como a agonia d'um muribundo, ora alegres como uma gargalhada de andaluzas. E' a alma do povo que alfremente.

E ahi, quando o bronze da ermida que lá ao longe branqueja entre os castanheiros esguios, fere compassadamente a atmospheria, com as doze badaladas, as violas emmudecem, as danças terminam e toda a aldeia vai deitar as *sortes*, entre um beijo roubado pelo mocetão mais querido á rapariga mais arisca tudo cheio de um santo fervor d'almas que sobrenadam na singeleza da crença religiosa.

E como a minha organização de lisboeta nostalgico pelo scenario feerico do Minho, se electriza, quando me recordo d'essas telas que entusiasmam quem é um pouco artista e quem ama a natureza sem artificio!

Augusto Peixoto.

LENDAS

Uma das lendas mais encantadoras é a da cruz branca que a aranha dos jardins traz gravada no

dorso.

Quando Jesus agonizava no Calvario, uma aranha, vendo suas pernas cobertas de moscas, teve piedade d'aquelle soffrimento e poz-se a fiar uma teia em roda dos pés doridos do crucificado. Depois d'esta boa acção, a aranha compadecida retira-se para um canto da teia, mas, quando se affasta a sombra da cruz projecta-se de subito sobre o seu dorso, tão alva como o lírio. A aranha guardou sempre esta recordação do papel que lhe coube no drama sublime de Golgotha.

O choupo tem folhas de peciolo chato, disposto de cutello relativamente ao limbo, de modo que, á mais pequena aragem, não podendo vergar, começam a tremer. Sobre este facto teceu a imaginação popular uma lenda que, como a antecedente, que aqui narramos, vai prender-se com os factos da nossa religião.

Chamam ao choupo *a arvore que falla*. O choupo é tambem a arvore que treme, murmura, suspira e como que tem vozes misteriosas ao perpassar da brisa.

Mas porque treme assim e assim falla ao coração a folha do choupo.

Diz a lenda que era d'esta maneira a cruz em que foi crucificado Jesus.

Quando o suppliciado do Golgotha exhalou o ultimo suspiro, todos os choupos da Judeia estremeceram e é desde esse tempo que as folhas das arvores tremulam de continuo.

Certo sabio de uma universidade allemã publicou um volume

grosso e pesado para provar que era negro o primeiro homem, nosso pae Adão.

Esta theoria da côr não é nova: Adão, Eva, Abel e Cain, contam os pretos do Sudão, eram negros e do mais bello negro.

Succede, porém, que num momento de ira Cain matta a Abel. Aparece logo o Senhor e exclama:—*Cain que fizeste a teu irmão?*—A estas palavras, Cain, atterrado, começa a empallidecer, e tantto, que a pelle descorada se lhe torna de repente livida, depois totalmente branca—côr indelevel e vingadora que o fraticida transmitiu como um stygma eterno a todos os seus descendentes.

E' esta a lenda do *homem branco*, execrado pelos negros.

Facil seria aos brancos invertê-la contra os negros. E' assim tambem que elles pintam sempre o diabo branco, ao passo que nós pintamos da côr da ferrugem.

E' caso que ninguem quer ser da côr do diabo.



Estados Topicos 147

Publicações e obras folk-lóricas

REVISTA DO MINHO, para o estudo das tradições populares.

(Anos publicados)

I anno (1885-1886), preço 600 reis.—II anno, 86-87, (9 n.^{os}) 225 reis (esgotado)—III anno 87-88 (10 n.), 350 reis (esgotado)—IV anno, 88-89, (12 n.), 300 reis (esgotado)—V anno, 89-90 (22 n.), 460 reis (esgotado).—VI anno, 90-91, (18 n.), 500 reis (esgotado).—VII anno, 91-92, (24 n.) 500 reis (esgotado)—VIII anno, 92-93 (25 n.), 500 reis.—IX anno, 93-94, (29 n. e um appendice), 13000 reis (esgotado).—X anno, (19 n.), 13000 reis (esgotado).—XI anno, (27 n.) 13000 reis (esgotado).—XII anno (15 n.), 13000 reis (esgotado).—XIII anno, 17 n. 13000 reis.—XIV anno, 13000 reis.—XV anno, 30 n. 13000 reis.—XVI anno, 24 n.^{os}, 13000 reis em publicação.

Ramalhete de Canções populares colhidas no concelho d'Espozende. Preço 60 reis.

Bibliotheca Folk-lórica Portuguesa, 1 vol. publicado, «Materiaes para a historia das tradições populares do concelho d'Espozende». Preço 200 reis, (esgotado).

COLLECÇÃO SILVA VIEIRA: 1.^o vol. (contém 10 volumes a saber): *As Brotas. Linguagem Infantil. Poesia Popular Alentejana*, por Socieiro de Brito.—*Folk-lore e dialectologia de Espozende*, (noticia bibliographica), por Armando da Silva.—*Astronomia e meteorologia popular alentejana*, por Socieiro de Brito.—*A Opala*, por M. M.—*Tradições Maiotas*, por Candido A. Landolt.—*A dança em Portugal*, por Alberto Pimentel.—*Dois leis*, documentos antigos.—*Subsidios para o estudo do Folk-lore Infantil Portuguez*, por Candido A. Landolt.

II vol. *Ensaios Ethnographicos*, 1 vol. de 374 pag. por J. Leite de Vasconcellos. 1 vol. (Esgotado).

Vol. III, II dos *Ensaios* do mesmo auctor, preço 600 reis.

Vol. III, no prelo pelo mesmo auctor.

Para o IV vol. (publicadas). *Setecentas Comparações populares Alentejanas*, por Antonio Thomaz Pires.—*O Folk-lore*, folheto, por Theophilo Braga.—*O que é e para que serve o folk-lore*, opiniões de diversos folk-loristas.

No prelo: *Folk-lore Lanhosense*, por Albino Bastos.—*Tradições populares da provincia do Douro*, por João Vieira d'Andrade.—*Folk-lore Vimaranesense*, por D. Leite de Castro.—*Demosophia*, por Socieiro de Brito.—*Tradições populares da provincia do Minho*, I cancionero, por José da Silva Vieira.

Cada serie de 10 volumes, ou volume da serie, custa por assignatura 600 reis. Avulso 13200 rs., sendo o pagamento para qualquer d'estas publicações feito adiantadamente em vale do correio ou notas.

Pedidos ao seu director: José da Silva Vieira,—ESPOZENDE.